

CINTER

CINTER/8V8/Doc.3  
SET/85

1017

TERRITÓRIO FEDERAL DE NOROESTE  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA.

DEBATE NACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO/ESCOLA - DIA "D" - EM 17/09/85 .

- ESCOLAS E COMUNIDADES DE ÁREA INDÍGENAS

A abertura dos trabalhos de debates foi feita pela Secretária de Educação e Cultura, senhora Ana Maria Araújo de Castro Leite; ( o início apresentou um corte ) -

...Embora tendo sido um dos primeiros países da América Latina, a determinar constitucionalmente, a obrigatoriedade do ensino público elementar gratuito, desde o ano de 1.823, quando foi outorgada a Constituição deste país, em 11 de dezembro daquele ano, no seu artigo 179, no item 32º, nós sabemos, que a educação não era popular, mas sim, era eminentemente elitista e anti-popular. Por isso entendemos, que este é um salto qualitativo na educação, porque a educação básica, através do Projeto Educação para Todos, quer oportunizar, não só a quantidade de pessoas que vão às escolas mas, ao mesmo tempo, quer proporcionar a qualidade, a essencialidade e a democratização deste ensino, em todas as áreas. De fato, quando eu digo, que a escola era uma escola elitista, me parece quase necessário fazermos uma pequena análise, a partir do ano de 1.980, quando lemos uma das páginas do Jornal do Brasil, datado do dia 22 de setembro de 1.981, havia ali, uma publicação e uma expressão de que era a realidade educacional neste país. E era esta a quantidade de pessoas que frequentavam as escolas. A taxa de analfabetismo era muito grande. Se pensamos que, as crianças de 7 aos 9 anos de idade, 45,6% dessas crianças, não chegaram à escola, e veja-se uma faixa etária compreendida entre 7 a 9 anos de idade. Crianças de 10 a 14 anos, num índice de 22,1%, e os maiores, que podemos assim chamá-los, de 15 anos, 24,7% dessa clientela, se encontrava fora das escolas públicas. De maneira que, com esta parcela que foi citada, juntando, temos 64,3% que, ou não entraram na escola ou foram excluídas antes da 2ª série do 1º Grau. Em 1.981 também, vejam bem, 28,5% das crianças que deveriam estar cursando a 3ª série, permanecem na escola. Em 1.986, apenas 16,6% dessas crianças, chegaram a matricular-se na 8ª série do 1º Grau, e somente 12,2% chegaram a 3ª série do 2º Grau. E é aqui que a Nova República entra com uma força total, e sabemos que não podemos esperar demais. Nós sabemos que tratar de educação, envolvendo um contingente tão grande e pensando-se, nas distâncias e diferenças regionais e físicas, das unidades federadas, é impossível, que a tóque de mágica, com a varinha de condão, vamos pensar que vamos resolver todos os problemas da educação. Temos na pessoa do ministro Marco Maciel, uma pessoa altamente comprometida com a população, com todos de um modo geral, com a educação deste país, e foi assim, que uma de suas primeiras medidas foi estabelecer um acréscimo de verba, no orçamento das

cretarias de Educação e para o próprio Ministério. Este já é um grande passo, para que se tire o maior número possível de crianças que estão fora da escola e trazê-la para dentro dela, e oportunizar um ensino adequado a todas as regiões, a cada unidade, e justamente por isso, queremos colocar em relevo a Área Indígena, que seja reconhecida e respeitada nos seus direitos, e adequar-se plenamente ao sistema de ensino, através de uma participação de debate, da conquista que hoje nós estamos proclamando. A Nova República, portanto, tem um compromisso com o povo brasileiro: corrigir as distorções sociais e construir uma democracia sólida e estável. Isto significa dar oportunidades iguais para todos. Esta é a proposta do Projeto Educação para Todos. Queremos salientar que a luta pela difusão das oportunidades e para a expansão da escolaridade à toda a população, é uma luta válida, tem que ser definida, mas é preciso que este momento, e neste aumento quantitativo, seja significativo para acarretar e influir na qualidade. Daí porque, devemos transportar esse debate para uma luta, e uma luta pela conquista do saber. Por isso devemos lembrar, ou caracterizá-la a questão, como política e a educação não pode mais continuar alienada de uma política, ou seja, política é relação de poder, definindo-a na sua expressão mais simples. Poder é relação de força e força e poder ao mesmo tempo, é um jogo de forças. Força é capacidade, é condição de criar espaço e conquistá-lo, e por isso, estamos todos aqui, dispostos a ouvir, comentar, debater para concluir, porque precisamos valorizar a educação, lutando pela democratização do ensino e essa democratização e esta participação, vem através da conquista, em cada momento, que daqui para frente soubermos usar. Portanto, agradeço já de antemão, a disponibilidade de todos que aqui estão, e proponho mais uma vez, que sejam discutidos os interesses de cada área indígena, que consigamos chegar a um consenso, porque daqui, sairá um documento que será encaminhado ao senhor presidente da República e a partir do próximo ano, portanto, 1986, todas as escolas do Território de Roraima, tenham certeza, que o nosso trabalho, será em cima de tudo aquilo que for discutido hoje, amanhã e possivelmente depois. Gostaria também de aproveitar o momento, para dar uma notícia que muito nos alegra, e que por certo alegrará a todos vocês: na sexta-feira próxima, a gora, dia 20, estará nos visitando o senhor ministro da Educação, senador Marco Maciel e esta é uma oportunidade, para relatarmos a ele, e ele sentir de perto as nossas necessidades, e transmitir a ele as nossas necessidades, através de uma reivindicação forte, vinda de toda a população, vinda de todas as áreas, de todos os segmentos da sociedade. Nós sabemos, e queremos também reafirmar a criação da Universidade Federal de Roraima, que é um dos motivos que mais nos coloca em aberto e felizes de saber, que vamos tratar de educação, tendo pela frente, condições de aperfeiçoá-la e de torná-la, realmente um salto qualitativo. A todos, muito obrigada, antecipado pelo momento de estarem aqui e por tudo aquilo, que transcorrerá até às 14 horas.

Registraremos a presença, aqui, de 48 Tschawas, representando suas comunidades indígenas. Para ouvi-los, se cada um deles usasse a palavra por dez minutos, sem a abertura de debate ao público, levaríamos a manhã e à tarde. Para evitar um trabalho exaustivo, os próprios índios se organizaram por região e elegeram os seus representantes. Assim sendo, teremos 17 expositores, os quais convidamos, para ocupar as cadeiras da frente, que facilitará o deslocamento, na hora do uso da palavra. Esses expositores, farão uso da palavra, na sequência de três, em seguida, abriremos para o debate ao público. Situação essa que acontecerá, no mínimo, seis vezes no decorrer de todo o trabalho. Nós solicitamos aos expositores, que tenham as suas propostas por escrito, que não esqueçam de entregá-las depois à nossa equipe. Os que não as tem, não tem problema, não se preocupem, que a nossa equipe de som está gravando todo o trabalho, que será o nosso material para elaboração do documento, que sairá a nível de Secretaria. Os presentes que queiram fazer uso da palavra, poderão aproximar-se dos microfones, no intervalo reservado ao público presente. Acreditamos haver esboçado os aspectos mais importantes, mas qualquer dúvida, procurem a nossa equipe, que estaremos à disposição para sanar qualquer problema. ( colocação da senhora Maria Luiza, membro da comissão ).

Colocação do senhor Santoris: Dando prosseguimento aos trabalhos, nós iremos fazer a chamada nominal dos expositores, já que parece-me que estão faltando alguns: -o Tschawa Terêncio, da Região do Surumun; - Valdir Tobias, da Região da Serra; - Inácio Brito, Região da Serra; - Neto, Região do Surumun; - Abel Tobias; - João Batista, Região da Serra; - Raimundo Nascimento, São Marcos; - Aloides Teixeira Thiano; - Agrícola Pacheco Majari; - Anísio Majari; - Anacleto Thiane; - Aurélio, Região do Quinoco; - Clavo Augusto Macuxi, Região São Marcos; - Gilberto, Região Quinoco; - Algumas considerações: sente-se uma evolução normal nesse dia de hoje. A gente conhece, que antes a gente pensava em domesticar, em catequizar o índio. Há pessoas, ainda hoje, que admitem que índio não tem educação e nem civilização. Nós vamos receber uma aula de civilização, de educação, de bons modos. Pelo pouco que nós tivemos de ouvir das comunidades indígenas, nós sentimos que nós "brancos", temos muito o que aprender com a comunidade indígena, com aquelas pessoas, que muitas vezes nós pensamos, que nos disseram, nos incutiram, que deveriam ser catequizadas, que deveriam ser domesticadas. Nós vamos aprender, ouvindo os índios, a sua filosofia clara, concisa, mas sempre voltada para o ser humano. Eu acredito, que pela ordem de inscrição, será feita a apresentação. Assim, eu convidaria o Tschawa Terêncio da região do Surumun, para iniciar a apresentação dos Tschawas.

Conhecer e conhecer, meu bom-dia ! Hoje é um encontro que está acontecendo aqui em Roraima, aqui na cidade, na capital, pela primeira vez, vocês dão um pouco de apoio, uma licença para nós, falar aqui. Na frente de vocês, que não são índios. Eu agradeço muito, se aconteceu esse convite, é um sinal, mais um sinal, quem sabe de um respeito, de um amor ao seu próximo. Se é assim, hoje será o primeiro dia do nosso trabalho, os trabalhos da nossa cultura, porque hoje é um dia, que parece que foi escolhido para isso. Ao lado a gente vê várias pessoas, que não conheço vocês. O índio Tschawa lá da comunidade, não conhece o governador, não conhece o secretário, não conhece quem é que manobra a Secretaria de Educação. Nós não conhecemos e nem as pessoas do secretário. Não conhece também os tschawas das comunidades. Enfim, nunca chegou a esse conhecimento. Eu espero que daqui para a frente, vá chegar esse dia. Digamos que chegou a hora, então, como primeiro dia, se conhecer. O assunto está aí, para falar a respeito da escola, a respeito da educação, e nós anos atrás, tempos atrás, achamos que só o "branco", o outro tipo de povo que tem uma cultura, outro costume... a gente sempre ouviu falar, que a cultura mais linda, mais bonita, mais bela seria a do "branco", não ? Agora, a do índio, não ! A gente sempre tem ouvido, muito dia a dia, tempos a tempos que se tem passado. Como é o caso que foi falado nas escolas, como foi fundado as escolas nas comunidades indígenas, dizendo que o índio não tem escola, o índio não tem educação, o índio não tem respeito, o índio ... é aquilo é preguiçoso, o índio ... tudo. Então foi colocado a escola para dizer que... para educar, para o índio se espertar, para ser mais trabalhador, para ser... A gente vê, quer dizer, no meu modo de pensar, como Macuxi Taurepan, eu não achei nada de bom. Porque depois que a escola chegou, a gente viu, que modificou, modificou tudo. Querendo dizer, levar a cultura do índio, para uma cultura que é diferente, que é mais complicada. A vida é complicada como não é a nossa, ~~na~~ que é a da civilização branca, do português. Então aqui, eu quero ler um pouco, que eu anotei alguma coisa... O trabalho para a comunidade lá na aldeia... Nós vimos que, até nesta data, se encontram várias pessoas de 2º Grau, que já terminou os seus estudos aqui em Roraima, são os mais medrosos. Não têm coragem de trabalhar, de apoiar, de ajudar o Tschawa lá na comunidade. Então isso nos tem preocupado e ainda preocupa. Vamos ver se é verdade mesmo, se vai começar uma nova educação para todos. Para todos em suas línguas. Nós temos ficado muito tristes e sentimos ainda no momento. Esses dias nós nos encontramos com professores daqui da cidade, dizendo: eu estudei, eu tenho o meu 2º Grau. Eu estudei na Amazônia, eu estudei em Santa Catarina, em São Paulo, em Brasília, mas porém eu não posso ajudar a comunidade porque eu tenho medo. Eu sou funcionária, eu sou... eu não posso! Por aí nós vemos que aprendeu, mas não foi para defender a sua raça, não foi para defender o seu pai, o seu avô, a sua descendência, foi

para defender outra raça. Então isso, na nossa vista, foi a coisa mais errada que a escola ensinou, dizendo que o índio não é uma pessoa, não era um ser humano. Eu sou Macuxi. Eu falo minha língua, e ele com todo esse estudo, desvalorizou, se envergonhou da própria língua. Vamos acabar então, se é que nós estamos aqui para acabar isso, vamos tratar bem sério. Eles acharam que o índio não tinha educação, o índio, porém, na sua raça, quando não existia esse tipo de movimento que hoje existe, cultura diferente, o índio, eu acredito, que o índio era um índio obediente, sabia respeitar o seu pai, sua mãe. Ele era obediente, e hoje ninguém vê um filho que estuda na escola, que terminou a 2ª série, obedecer o seu pai. Então a gente vê, que a idéia lançada nas reuniões dos tchawas de cada comunidade, sempre foram: Como estamos hoje? Nós estamos desgraçados, nós estamos abandonados, não temos um presidente, um governo que nos venha dar apoio! Então sempre falamos, somos seres humanos, somos iguais, somos seres humanos, somos todos iguais, mas só que <sup>há</sup> umas diferenças. Não como o povo fala por aí, não, são todos iguais... sim! Iguais porque nasceram do mesmo Deus. Depois Deus fez que não podia ser só uma língua, mas que dividiu essas línguas. Ficaram todas diferentes nas línguas, até nas cores: no preto, vermelho, branco, né? É a língua própria. Então, na hora da identificação, aparece as diferenças, as riquezas de parte de cada povo e de cada grupo. Então nós sempre falamos, a escola deve valorizar as diferenças, porque, valorizando é enriquecido. O valor é a riqueza, quando não há respeito por esses valores, não podemos nos acomodar, quando não tem respeito. E como acontece, nós não estamos bem, porque não está sendo respeitado os nossos valores culturais, a cultura do índio. A Secretaria de Educação, realmente, quer o que? Então vamos ver, né? Nós já estamos cansados de ser enganados, viu pessoal? Nós estamos cansados. Sabemos agora o que é enganar. Eu acho que muitas vezes acontece, que o índio é o enganador, mas também, de nossa educação, dentro da educação também há enganos e nós já descobrimos, porque, a prova existe muitos casos por aí, engano mesmo de verdade. A cultura do "branco", a cultura do índio, tem as duas culturas diferentes. A cultura do "branco" é diferente, tradição, costumes, são diferentes, mas ele é um ser humano... o índio é a mesma coisa, é diferente, tem a cultura diferente, o seu modo de viver. Então todo mundo dá o seu valor, então vamos respeitar o valor de cada língua, de cada povo. Porque em todas as culturas, em cada povo existe uma lei. Pelo menos para o índio existe uma lei, e nós não sabia, e agora estamos sabendo que existe. Por que existe? Porque é para respeitar, não? Porém hoje ninguém vê o respeito. Nas conversas de muitos tchawas falam assim: os "brancos" estão nos ganhando. Ganhando... lá nossa língua o modo de dizer ganhando nas nossas costas. Bom, é uma palavra, né? Ganhando dos tchawas, e alunos... então a situação sempre foi triste. Parece que está melhorando, ao contrário, então nos enganando. Acabou muita coisa do índio agora. Estamos, digo, estão nos escondendo, já está escondido, está sendo escondido todas as nossas tradi-

6

ções. Temos lei. A escola... a escola podemos fazer, agora se é de funcionar, agora é do nosso jeito. Não é mais como tem acontecido, porque nunca foi do nosso gosto. Sempre foi do jeito de um povo diferente. Agora os estudantes nem sabem mais a história do seus avôs, dos seus antepassados. A escola tem nos enganado é isso. Dizer que o índio, de 59, de 60 para cá, não são pessoas daqui, são de outros lugares, do outro lado mar. Esse é um engano que a gente tem ouvido muito, dizendo que as áreas daqui, essas áreas nunca existiu, nunca morou índio. Então são coisas que nós temos sentido o engano, e isso tudo não é verdade, o que tem aparecido, o que está aparecendo dia a dia por aí. Ninguém pode dizer que é mentira, ninguém pode dizer para mim. Eu sou testemunha, eu vejo muitas coisas erradas, que as pessoas de outras nações ficam enganado por aí. Eu sou um. Eu dou prova. Você vai comigo. Alguns tchawas aqui já foram enganados. É triste a nossa língua estar se acabando. O que desgraçou mesmo, na maloca, foi a escola de fato, não? A escola do branco, a escola assim, como foi falado. Algumas escolas já estão ensinando macuxi, agora, pensamos, que nós deveríamos estudar a nossa língua. Para os índios, para os filhos saberem de sua própria língua. Acharmos que a nossa língua também vem de Deus, é sagrado então. Então nós devemos cultivar, nós não podemos desprezar. Então, portanto, nós já estamos começando. Aqui, pelo menos existe até um centro, em Surumak, aonde marcamos o ponto, para um encontro de educação para o índio, que é um colegiinho, porque a casa é maior. Pelo que se vê de muitos, porque a casa lá é um internato, deveria ser para um Centro de Formação Indígena, já que se fala que a escola é para o índio. Então nós a chamamos que de bom, é ter aquela escola para formar nossos filhos. Queremos então, um meio de formar um Centro de Formação Indígena, do jeito que o povo indígena quer. Não houve abertura, mas agora parece que mudou né? Quem sabe, não possa sair daqui, daquele lugar. Com a colaboração do governador, e tudo. E pode servir também, para outras comunidades do Brasil. Se os índios continuam brigando, procurando em busca de seu direito, podemos alcançar uma vida melhor para o nosso povo, não é assim? É isso sim. Eu acredito que é, e vocês não acreditam não, mas o índio acredita. Eu defendendo o meu povo, eu tenho fé que o meu povo fica defendido, ele vai ver que a tradição, que a cultura, é respeitada. Algumas mulheres também, que se reúnem, sempre nas reuniões, sempre falam isso, que é muito bom, mas porém, acham que não serviu muito bem, porque sempre foi português, na língua portuguesa. Pelo trabalho do governo, por as escolas em todas as malocas. A preocupação é certa, porque eles acham que foi bom, é bom né? Ele não viu, se aquilo talvez ia prejudicar por detrás. Então acabou. O jeito hoje, é o jeito do índio, não? Prá dizer que o índio, quando ele aprendeu a ler, escrever, contar, multiplicar, ele não é mais índio ... Quer dizer que... aí a gente vê, o engano. O engano do Governo, da educação, daqueles que dizem que são educadores, na Secretaria. Dizer que o índio aprendeu, já não é mais índio. Isso

6

dai eu não acredito muito. A civilização indígena na doença haviam <sup>remédios</sup> ~~medicamentos~~ caseiros, do próprio índio, para ele se defender. Agora o "branco" fez um tipo de perturbação, com remédios diferentes. Agora o moço vai estudar na escola do "branco", e falta de respeito pelos pais, que se vê, como eu falei logo no começo. Então vamos colocar um centro de formação, com professores macuxis, com hapixanas, taurepans, ingaricós. O índio tem tudo e pode ensinar, como sempre ensinou seus filhos. Os nossos primeiros... eles ensinaram os seus filhos. Não pode dizer que nunca houve, existiu. Ensinaram o seu modo de viver, de pescar, como caçar, como divertir, sua dança e tudo. Sempre houve. Vamos estar de acordo com isso. Então, nós temos o direito de escolher os nossos professores. Professores para ensinar a língua, mas professores índios, na língua. Nós devemos formar, fazer uma formação completa, e então o governo deveria aceitar esta nossa proposta, que está aqui. Precisamos de escola, mas não como o "Branco" quer. A autoridade está dentro da maloca. A autoridade também tem que respeitar aquela autoridade que é o Tschawa, lá da comunidade. E a comunidade é quem decide tudo isso, de hoje pra frente. É um mal quando o branco não sabe falar a língua indígena. É um mal. Educar ... querer educar, querer civilizar o índio, mas na própria língua, é um mal, gente. A programação da Secretaria de Educação é bem diferente, como tem acontecido. Não é o que o índio precisa e quer, e este encontro é uma oportunidade então, para dizer o que precisamos. É uma falha enorme, que a gente tem visto aí. Professores que estão por fora da realidade, não sabe mais, aquele que aprendeu, como eu falei no começo. Ensinam coisas diferentes, coisas que não é nossa. O texto dos alunos é sempre feito completamente fora da realidade. Para a língua, a Secretaria deveria então, por como obrigatória, a língua indígena. A Secretaria de Educação deveria saber, que tem gente que vai... deveria saber disso... Como eu estava falando no início. Deveria saber isso, se é verdade mesmo, se tem gente que já andou fazendo pesquisas a toa por aí. Quem manda informações sobre índios, é tudo errado... que índio não é mais índio. Estão dizendo também, que os índios de Roraima, são apenas 3 mil ainda, como a gente está sempre vendo isso. É, tudo vem da escola, do estudo. Mas isso não está certo. É uma ofensa para nós, macuxis, taurepans ou hapixanas. É uma ferida no povo, viu gente? A República, a República deveria começar trabalhar também para os índios. A que temos ... é a escola do "branco". A escola que queremos... então é de acordo com a nossa necessidade, as necessidades das comunidades indígenas! Levem este conhecimento então. Podem ficar cientes, autoridades. A escola deve funcionar com a língua do próprio índio. O livro didático deveria sair em língua indígena. O governo deve dar um pouco de apoio aí. Um pouco, financeiro, né? Queremos um apoio, uma colaboração do governo local, para que a escola e um centro de formação... não só para a língua indígena, mas para toda a cultura indígena também. Para uma dança, para o artesanato, etc. Professor deve ensinar coisa de índio, professor tem que ser formado do jeito do índio e nas coisas do índio

dio. Escolhemos um centro para isso e queremos uma colaboração deles. O governo tem que cumprir, porque pode fazer. Tem obrigação dentro da lei, a lei mesmo pede que o governo tem que colaborar. A formação tem que ser aqui, naquele lugar onde se escolher para fazer aquele centro, no caso, a missão do Surumam, que foi construída para ajudar as comunidades indígenas. Nas escolas deve se ensinar na língua. Isto já está na lei, já está aí no Estatuto do Índio. Já tem quem ensine a trança. Existe nas comunidades, na maior parte das comunidades quem sabe a sua tradição, conhecendo os seus trabalhos de artesanatos, sabe, pelo menos eu sei: eu sei trançar abano, peneira, essas coisas todas eu sei. Ninguém vai dizer que eu não sei. Eu conheço ainda. Existe muitos que sabem, em quase todas as comunidades existem essas pessoas. Todos nós queremos a nossa escola na nossa língua. Temos o direito, mas até agora o governo não cumpriu ainda este direito, que consta no Estatuto que está aí. Aquele artigo da lei, do Estatuto do Índio, aquele 47, depois 53, fala muito claro dessas coisas; da educação para o índio. Dizem que quando o índio já dá aula, não sabe ensinar. A intenção da Secretaria é acabar, então, quando o índio estudou, formou, quando se torna professor, diz que não sabe ensinar... Que isso? Isso não está certo! A Secretaria então quer acabar com a cultura indígena, então. Só porque ele usa mais a cultura dele, o jeito dele, o jeito de ensinar na comunidade, dizem que não está ensinando bem! Com o centro de estudos da cultura indígena, seria então, um local próprio, que pedimos o Surumam. É importante que haja um centro de formação para o professor indígena, e aqui já dá para aprender muita coisa, lá naquele centro vai se aprender tudo o que é do índio. É importante que haja ensino do nosso jeito. Deve acontecer dentro da lei, porque já existe, mas muitos "brancos" escondem aquela lei... é esconde por aí, né? Em primeiro lugar seria necessária a demarcação, né? Que seria uma coisa que devia o governo se preocupar. Hoje não há preocupação. É o primeiro problema que sentimos, porque aí estão os primeiros problemas que tem acontecido nas demarcações das terras. A escola sim, tudo bem, é para com o saber, né? Mas não para destruir, é para construir, para conhecer somente. Os abusos sempre vem surgindo, e depois, outra preocupação das terras, é a cachapa e aqueles outros. Existem muitas conversas por aí, que o índio hoje, ele é guiado por idéia de muita gente, que dizem, que agora o índio, ele fala que é índio porque vem outras pessoas que vem dizer: você é índio. Aí o governo, muitas gentes diz, não, sabe quem que está mandando ele dizer que eu sou índio? É um padre, é um estrangeiro que está por aí. Olha, são focas que vocês estão fazendo contra nós, pessoal. Isto não está certo, não! Tudo está sendo pisado, a nossa cultura, a nossa civilização, a nossa vida de índio, tudo isso já está pisado por vocês, pela escola, pelo português. A escola sempre trouxe, a gente sempre vê um pouco de coisa, um pouco de desunião, já como falamos no começo. A escola tira sempre o filho, sem dar apoio, fica por lá, e o professor que também não ajuda a sua comunidade. Então, assim,



9

a gente sempre tem notado um pouco de muitos tuchawas. Então, para dar um pouco de espaços aos outros, nós podemos parar por aqui, porque, na verdade, nós não sabemos na língua vossa aqui, fala muito, quer explicar as coisas ... Agora tem, no caso as assim, como é a sua história do verdado, se tem uma história... Se eu vou contar a min ha história eu poderia contar, mas aí já é outro trabalho. Tinha que marcar um dia ou dois ... Então já falamos, como o encontro é para falar só a escola, então da escola já dissemos. (Que escola queremos ? é a do nosso jeito, que funcione do nosso // jeito. Eu acho que pelo pouco de anotação que eu fiz aqui, isso se vocês entendem, eu acho que podem entender, se não entendem, o que podemos fazer ? Deixar assim mesmo. Vamos esperar que os outros tenham alguma clareza a respeito do que eu não disse do que ficou para trás eles vão esclarecer. Muito Obrigado a todos vocês.

\*\*\*\*\*

Dando prosseguimento à apresentação, nós convidaríamos o Valdir Tobias, da Região das Serras. Eu diria apenas a vocês, que aquele que se sentir mais à vontade para falar sem o papel, e quizer falar normalmente, como eu vi vocês nas malocas. Eu senti que o Terêncio teria mais facilidade de falar, como ele falou lá do Surumum, sem problema nenhum, talvez, eu acho que é o microfone que está ele nervoso. E aqueles que quizerem falar sem ler, normalmente, porque está sendo todo esse programa grava-do, então não vai sofrer, ninguém vai esquecer. Pode não fazer Terêncio, mas que vai ficar gravado, vai.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

Meus senhores, bom-dia ! Eu me chamo Divaldir Tobias, das Lações Indígenas, eu sou representante das Serras. Pelos primeiros pontos, que a gente está se encontrando, aqui nesse ginásio, reunidos juntos com o pessoal que trabalham, que são funcionários da Secretaria da Educação e com os líderes de cada nação indígena do Território de Roraima, que são os Tschawas, e ainda mais, os seus representantes. Pelo ponto que eu cheguei de entender, alguma coisa que nós queremos é que vocês estão querendo de nós, sobre a educação e cultura, e das culturas das populações indígenas daqui do Território de Roraima, que nós índios, macuxis, hapixanas, taurepang Yanomanes, que existe aqui na fronteira do Brasil com a Venezuela e a Guiana Inglesa que nós, desde anos passados, que a Secretaria quando chegou aqui no Território de Roraima, que sentimos uma mudança, isto é que o Tschawa Terêncio acabou de falar, isso eu vou apoiar o que ele falou. E outras coisas, que nós devemos entrar em conta-to entre os funcionários da Secretaria da Educação, juntos com os líderes das aldeias aqui do Território de Roraima. Eles estão presentes, nós estamos presentes. Pela primeira vez que deu a oportunidade de nós estarmos reunidos junto dos senhores e as senhoras e junto com os Tschawas e os representantes. Bem gente, eu quero dizer uma coisa certa e curta: que nós índios, em primeiro tempo que nós estamos procurando de

9

Valorizar a nossa língua, as nossas culturas, assim como a Secretaria de Educação e Cultura, está dando valor nas culturas "brancas" e nas suas tradições portuguesas, nós índios também, desejamos que, os senhores tenham respeito por nossas culturas, da nossa língua, língua que todos os índios têm, como eu sou macuxi, e ainda tom mais, como o Wapixana, que aqui no Território não está sendo respeitado. Como mais, digo ainda assim, que no ponto que nós batalhamos, esses passados, mas de hoje em diante, esperamos, que os senhores colaborem com que o índio está precisando de hoje em diante, no futuro. Como os antepassados, vamos colocar em baixo do pé, e vamos esperar as boas novas, as boas do futuro, que nós desejamos como os senhores, que trabalham na Secretaria da Educação, num órgão do governo, como do órgão da Funai e devemos entrar em contato, não fazer as coisas fora da gente, que somos líderes das nações indígenas daqui do Território de Roraima. Porque aqui, como alguns adversários, que somos representantes, nós estamos dando tudo para reconhecer os nossos direitos humanos dos povos indígenas aqui do Brasil, porque nós temos direito, nós temos a capacidade de ter, nós temos a lei que apoia, e os senhores são sabedores, então, vamos caminhar do jeito da lei que o país do Brasil está colocando, está disposto a servir e viver, até aonde nós pudermos viver juntos com os senhores, apoiando a gente e nós nos apoiando e queremos que a nossa língua seja válida, assim com está sendo a língua portuguesa. Eu espero no futuro, que nós desejamos a respeitar a nossa cultura e desejamos aos senhores, o órgão do governo, qualquer órgão que exista aqui no país do Brasil, que ele tenha respeito pela cultura indígena, mas principalmente, da nossa língua, e nós como estamos reunidos aqui, junto dos senhores, desejamos o apoio de vocês, que nós estamos querendo formar um centro para ensino da nossa língua, com os nossos professores, e de hoje em diante, como eu sou um que lutei demais por uma escola, que estava dando um problema grande, como na maloca do gavião. Uma experiência que vou contar: que eu lutei demais. Vim aqui umas quatro ou cinco vezes, na Secretaria da Educação. Acho que algum adversário que estava lá, trabalhando na Secretaria não estão, mas os representantes da Funai, tem alguns que estão ouvindo. Bom, isso era um "branco" que era professor lá, que estava fazendo problema, contra os índios. Na escola de uma aldeia, que tinha o professor que não estava respeitando a escola e nem os tuchanas e nem os líderes. Então é isso que de hoje em diante, nós não esperamos que aconteça mais. De hoje em diante queremos que cada aldeia tenha um professor índio, como tentando em nossa região, maioria é quase é índio. E para ensinar a nossa língua, que nossa língua já está quase acabada, mas através foi da escola, e como antes, os professores que chegavam lá, diziam que eles não tinham o direito de ensinar a língua Macuxi, que a Secretaria da Educação não aceitava aquele trabalho para o professor fazer, dentro da aldeia e isso nós sentimos muito. Vamos dizer que foi um empurrão que a Secretaria deu, neste ponto, mas isso, ninguém gostaria de acontecer mais. Então, nós estamos aqui reunidos para debater sobre essas fatos que aconteceram, então, de hoje em diante vamos colocar numa caminhada certa.



Assim sucessivamente. Agora nós ouviremos o Inácio Brito:

Um bom-dia para todos os ouvintes que estão aqui presentes ! Eu sou repre-  
sentante das comunidades da Maloca Inturaca. Então eu quero dizer, que eu quero a-  
firmar, eu afirmo o que os demais colegas falaram, pois isso é tudo verdade, está a-  
contecendo entre as comunidades indígenas aqui do Território de Roraima, que a Edu-  
cação implantou, ou que o Governo implantou aqui no Território de Roraima, esquecen-  
do de implantar o ensino das línguas, aqui no Território de Roraima, então, os índios  
estão sofrendo, estão espalhando, através do ensino da língua portuguesa, porque ten-  
do a sua cultura, aprendemos as coisas dos "brancos", dos portugueses. Então estão se  
espalhando... todos os problemas que estão acontecendo, os índios estão sofrendo, que  
a própria Educação está contra o professor índio, como sempre aconteceu, quando o po-  
tre do professor vem na Secretaria de Educação, resolver os problemas, pedir a ajuda  
da Secretaria, muitas vezes o coordenador do ensino do interior, desvaloriza o profes-  
sor índio, como tem muito acontecido. É muito criticado, é muito rebaixado. Para e-  
les, o "branco" tem mais valor do que o índio, mas sabendo que, como o secretário, co-  
mo os supervisores estão ganhando o seu dinheiro nas costas dos índios, no nome dos  
índios, pois a maioria, aqui no Território de Roraima, é a parte onde estão as esco-  
las, a maioria a gente vê, no modo em geral. Então com isso eu quero dizer que, nós  
estamos muito criticados através destas coisas. Nós estamos muito desvalorizados.  
Agora, a partir do ano de 1.986, como a secretária falsa, nós vamos esperar isso, por-  
que, nas nossas comunidades, nossos filhos estão deixando de aprender as nossas lín-  
guas, a pronunciar o português. Muitas vezes o professor ensina o português, e aqueles  
índios, coitados, não sabem o que que significa aquelas coisas, mas eu acredito que  
ensinando a língua macuxi, todos os índios entenderão o que que eles estarão dizendo.  
Então, tudo isso, como está colocado no tema: "Que escola temos e que escola queremos?"  
Então nós queremos a nossa escola, do nosso jeito, a nossa escola indígena, para en-  
sinar a nossa língua, como macuxi, o hapixana, o taurepan e ingaricó. Então é isso  
que nós queremos. Que a escola funcione do jeito que a comunidade indígena quer. En-  
tão é só isso que eu quero dizer. Muito Obrigado !

\*\*\*\*\*

Agora vamos iniciar os debates. Para facilitar, a pessoa só levanta a mão.  
Aquele que quiser apresentar alguma coisa e se apresentará no microfone, dando o no-  
me e a entidade que representa, ou a qualificação, da maneira que quiser se identi-  
ficar. Nós vamos aguardar e se não houver ninguém para o debate, nós vamos dar prese-  
nça à apresentação dos expositores indígenas.

\* Joaquim Ruiz, Secretário da Promoção Social do Governo.

Da escutei atenta-

mente às três palestras, iniciando pelo Tschawa do Surumu, e pelo que ficou entendi-  
do, a preocupação maior do índio é com a sua cultura. Fiquei atento também, que os  
dois últimos foram solidários às palavras do Tschawa do Surumu, mas eu fiz algumas ob-  
servações. Como eu sou um homem do governo, eu teria que fazer aqui, algumas coloca-  
ções. Primeiramente, a preocupação da cultura, é que, quando o Brasil foi descoberto,  
até hoje, com todo esse desenvolvimento que nós tivemos, esse entrosamento do "bran-  
co" com o índio, porque a grande maioria do povo brasileiro, é descendente do índio.  
Por isso, até hoje, a cultura de vocês sobrevive. Não é como a cultura, por exemplo,  
do índio americano. Se vocês observarem na televisão, a grande maioria dos filmes  
que assistimos, é o americano, o povo americano matando o índio, coisa que nunca ocor-  
reu aqui no nosso país, pela nossa própria cultura ser originária de vocês. É bom se  
lembrar desde o Padre José de Anchieta, que iniciou a catequese. Não foi o Governo  
do Brasil. Veja por onde começou a catequese... a catequese aos índios, ao primeiro  
povo brasileiro, começou pelos jesuítas. As primeiras escolas, os primeiros hospi-  
tais, aonde o governo não tinha condições de chegar, como exemplo, o Hospital do Su-  
rumu, não foi o governo do Território; os padres, a Igreja, os missionários, chegaram  
na frente. Iniciaram a catequese, trouxeram as primeiras escolas, levaram os primeiros  
hospitais. Depois cabe ao governo chegar, porque esse é o papel do governo. São al-  
gumas colocações que eu queria fazer, em termos de cultura, porque em termos de esco-  
las, me parece que ficou à parte. A maior preocupação de vocês é a cultura. E parece  
que vai ser o tema daqui por diante, vai continuar em termos de cultura. O que eu en-  
tendo, em termos de cultura, é que deve prevalecer, vocês devem, o governo deve apoiar  
integralmente esta posição de vocês, sobre a cultura de vocês, que deve ser colocado  
a partir do próximo ano, se a Secretaria tiver estrutura e condições, já a língua  
de vocês nas escolas indígenas. Isso aí vocês estão corretíssimos. Agora, o que me  
preocupa, por exemplo, quando vocês colocam a cultura e criticam o "branco", é que  
eu estou vendo muitas pessoas da área indígena, por exemplo, do óculos. Isso é cul-  
tura do "branco", tá? Por exemplo, na minha Secretaria, houve crítica ao remédio  
do "branco". Eu tenho 42 pedidos de remédios para as malocas indígenas. Tem pedidos  
de foice, martelo, pá, picareta, sandália, conga, tecidos, que são cultura do "bran-  
co". Mas isso é importante para vocês, por isso é que eu digo: "a gente tem de unir  
o que tem de bom na cultura do "branco", e que sirva para o bem-estar social de vo-  
cês, sem modificar a cultura de vocês, que é a nossa cultura, é o início da nossa His-  
tória". Então aí é que está o papel importante, que eu acho que o governo tem de es-  
clarecer a vocês, porque houve críticas a respeito de remédios, a respeito de uma sé-  
rie de coisas que é fundamental para vocês, sem atropelar a cultura indígena.  
Era essa a colocação que eu tinha a fazer.

Muito Obrigado !!

Continua aberto para os debates. Ficamos aguardando a participação de outros debatedores.

Meus senhores, eu que ser rápido, apenas colocar que observando as colocações que foram feitas pelas lideranças indígenas, eu estive fazendo uma análise de toda a problemática, de todas essas necessidades, acho, que foram bastante pertinentes, foram bastante claras, bastante coerentes, na medida em que essas representações trouxeram para cá, a sua visão de uma educação que é necessária para eles, como por exemplo, eu posso enfocar aqui alguns pontos: Eles são unânimes em dizer que eles precisam sim, de escola, mas uma escola diferente da cultura civilizada. Como eles chamam, da cultura "branca", Eles precisam de uma escola que lhes ensinem a ler, a escrever, fazer contas, dominar esses códigos escritos, mas que todo esse preparo, parta da cultura deles, de todo esse saber que eles têm. Isso é o que eles desejam. Outro ponto enfocado que eu achei muito válido, é que eles acham que, embora sejam índios, mas são gente, são seres humanos, são pessoas, que depois de participar, de receber toda essa escolarização padronizada, instrumentalizada, esse saber escolarizado, eles tem condições de serem respeitados, porque eles acham o seguinte: o índio preparado, instrumentalizado, ele também pode ser um professor do seu povo. Eles têm essas condições. Ele é um intelectual também. É só isso. Obrigado! A minha identificação é Fabionor Vasconcelos - Técnico do Kobraal.

\*\*\*\*\*

Continuamos aguardando outros debatedores. (.....) Nessa primeira parte, já que ninguém se manifestou a continuar a apresentar alguma coisa, pediríamos que o Tychawa Keto, do Surumu, iniciasse a sua apresentação:

( O Tychawa Keto iniciou a sua exposição, falando em sua língua macuxi ) .... Eu falei um pouco a minha língua Macuxi,. Eu acho que ninguém entendeu. Então eu quero dizer ainda que o que nós tratamos a respeito da língua indígena, que vamos ter ao lado da nossa língua indígena, para que ela funcione certo, como nós pedimos. Queremos que isso funcione do jeito que nós estamos procurando e a escola de vocês "brancos", funcione como vocês estão querendo. Vamos respeitar a nossa língua indígena. Que os que falaram primeiro, eu afirmo sempre, que eles disseram, que querem suas culturas indígenas, com a escola pode funcionar, porque sem ela funcionar, como está indo, eu acho que a Educação, nesse ponto ela de evadiu, não sabe mais levar ao direito nosso. Tanto faz com a educação indígena e a educação "branca", porque em tempos atrás, eu acho que isso era mais educado, e agora já está tudo diferente. Então, digo assim, porque tem muitas famílias "brancas", que querem respeito na sua família, e assim, o índio quer respeito da sua família, da sua cultura, porque por este lado que está indo, sem sa-



ber por onde pisar, sem saber por onde andar. O índio não sabe mais ! Então eu digo assim: vocês "brancos" querem ser índios, mas sem poder serem índios, sem poder falar a língua macuxi, e o índio, sem poder falar a sua língua. Querendo abandonar a sua própria língua, então, nesse ponto, assim como tem a língua inglesa, que estão metendo na língua "branca", isso aí eu não apoio, porque a língua inglesa é de outro lado ! Antigamente não existia fronteira para os índios, nem para ninguém e agora foi dividido. Então, nesse ponto, eu quero dizer que vamos respeitar as nossas línguas, tanto faz como o português, o macuxi e o hapixana, que pediram a sua língua.

Muito Obrigado !

~~~~~  
Ouviremos agora o Abel Tobias, da Região das Serras.

Bom-dia Senhores e Senhoras ! Eu sou um macuxi também, da região das Serras. Assim como os primeiros Tchawas representantes que falaram, eu estou dando o apoio, porque eu sou macuxi. Eu sou índio também. Eu já fui aluno também, na escola. Vamos dizer que eu já aprendi. Eu também já fui na vida militar, já estou conhecendo alguma coisa sobre a lei, portanto, eu como já estudei, vamos dizer que eu já estudei até o 1º Grau completo, já fui à vida militar e mesmo assim, eu nunca deixei a minha cultura, então, eu espero que em cada maloca, procure, como a gente procuramos, como os tchawas procuram e como nós estamos procurando os nossos direitos sobre a língua. Tem uma citação assim: que o índio estudou, não é mais índio. Como é que pode ser isso ? Vamos dizer que um africano vem aqui para o Brasil, estuda a língua portuguesa, já não é mais africano, não é mais preto, ele é branco, ele já mudou a cor, a cor dele, não pode ! Também assim, o índio aqui, em Roraima, no Brasil. Então acontece isso. Nós estamos querendo, que nunca, que seja plantada mesmo, que o ano que vem, o ano de 1.986, seja lançada a nossa língua no ensino do interior do Território de Roraima. Eu sou alfabetizador também, conheço um pouquinho, então já estou iniciando, na minha própria maloca, ensinando a minha língua, como escrever. Disseram antigamente. Os primeiros professores que andaram na minha maloca, disseram que a língua não se escreve, que isso não tem fundamento, não se escreve, como é que se vai escrever ? Mas tem, encontramos já a escrita. Como o português é escrito, o macuxi encontramos porque é escrito também, portanto, tem que entrar isso, de acordo com, eu acredito que os senhores que trabalham na Secretaria de Educação e o secretário, como falou todos estão entendendo o que estamos querendo. Eu estou gostando e eu quero apoio e nós apoiamos os senhores também. Somos índios daqui do Território de Roraima, nascidos e plantados aqui, igual a um pé de árvore que nasceu aqui. Então, nós somos índios e moradores daqui e respeitamos a nossa cultura, cultura do "branco" e a cultura do índio. Os senhores "brancos" tem que respeitar também a nossa cultura, a nossa

língua, porque muitos parentes dos senhores, dos "brancos", vamos dizer que não respeitam. Eu não entou dizendo aqui, que os senhores que estão aqui presentes são assim, porque eu sei que respeitam mesmo, e estão cumprindo a lei, como o normal aqui do Brasil, e agora, inclusive, os outros parentes dos senhores, não tem respeito por nós. Por quê? Nós respeitamos eles! Por quê eles não respeitam nós? Portanto, a nossa língua tem que ser, eu estou aopiando a fala dos tchawas, dos representantes e tem que gravar mesmo isso, para poder sair o ano que vem. Eu estou pronto para ensinar a minha própria língua, a minha cultura, danças, caças e todas as coisas que o índio tem. Que a cultura do índio é diferente dos "brancos". Como eu já estudei e não mudri. Já estudei, já passei a vida que eu estava e não deu para mim. Vamos dizer que eu notei que era diferente. A cultura do índio é diferente da do "branco", portanto, é só isso que eu tenho para falar. Muito Obrigado e desculpe aos senhores!

\*\*\*\*\*

Ouviremos o Tchawa João Batista da Região das Serras.

Bom-dia para todos os ouvintes! Eu como tchawa da Pedra Branca, região da Serra, me represento com algumas palavras, confirmando as palavras de todos os tchawas que estão falando. Sabemos que isso foi debatido no Surumá, a respeito da escola. Então eu acho que todos nós, olhando o que está escrito ali na frente, "que escola temos e que escola queremos?", acredito que todos, os nossos amigos civilizados, sabem, que em primeiro lugar nós queremos a nossa escola, do nosso jeito. O ensino de nossa língua, o ensino de nossa cultura, a nosso sistema de viver, enquanto nós olhamos muitos de nossos parentes índios, que aprenderam a ler e escrever a língua portuguesa, se orgulham que não tem aproveito na comunidade. Como eu tenho visto, na nossa maloca da Pedra Branca, muitos dos estudantes, que completaram o seu 1º Grau, que não tem trazido nada de proveito. A cultura, ao contrário, trazem prejuízo para a nossa comunidade. Aprendendo a cultura civilizada, através da escola. Não sabendo usar, não sabendo falar, não sabendo interpretar a palavra civilizada, português, quero dizer. Então, por isso, nós queremos, que a formação de um professor de ensino na nossa língua, se ja aberto ainda em 86. Espero que a Secretaria, o Governo, a Funai, nos dê o apoio para todos os nossos professores, pois a nossa língua é muito importante, a nossa cultura, o nosso sistema, a nossa tradição, que nós precisamos, que já acabou através da escola. Não quero dizer que já acabou completamente, alguns dá valor ainda, à nossa língua. Como a minha língua, a minha raça, o hapixana, eu não tenho vergonha de falar na frente de vocês, eu não tenho vergonha de falar na frente da língua macuxi, porque a minha língua, é a língua hapixana, portanto eu dou valor para a minha língua. Agora eu quero dizer, a partir do ano de 85, já que todos estão chegando no va-





escolas... tem escola que o estrangeiro, que a gente não pode estudar, mas tem estudar é ... inglês, inglês, então isso daí eu achei que está errado, porque ninguém vai atravessar na área dos ingleses, e como nós podemos estudar? Então é por isso, agora não somos daqui, macuxi, região de Roraima. Nós estamos querendo colocar a língua indígena para ensinar as crianças e até os "brancos" devem aprender também a língua macuxi. Então é isso que a gente, os Tschawas estão podendo, para poder a gente respeitar o que é dos índios, para poder respeitar o que é dos brancos também. Dizem aí, que índio nunca respeita... não! Índio respeita, mais do branco. Índio não invade a área dos "brancos", os "brancos" invadem a área dos índios. Índio nunca invade a área dos "brancos". Aonde é demarcado, nunca invade, porque respeita. Índio respeita o que é dos outros, das comunidades. Então nós queremos nos juntar, incluir o nosso sistema, com a escola de Educação dos "brancos", porque tem muitos tschawas que estão agora, que já foi estudado. Eu não fui estudado, não! Nunca fui estudado. Eu estou com 36 anos, no cargo de tschawa (... houve um corte na exposição desse representante ).

\*\*\*\*\*

(... o início da fita nº 3 inicia com um corte, ou seja, o representante ou expositor inicia falando, não há apresentação por parte da comissão e a exposição do assunto está pela metade ).

....., em, segundo, a merenda que vai daqui, como acabamos de ouvir de nossos companheiros, que vai vencida. Então isso vai levar problemas, doenças. Se come dá diarreia, se não come, fica com fome e daí não vai prestar atenção ao que o professor está ensinando. Então isso é muito... não é válido, porque o aluno não vai aprender. Ele com fome não estuda. Gente com fome não trabalha, e é o que acontece. Nós pedimos e queremos, pois estamos vendo mesmo, que o nosso governo, está se empenhando não só na causa indígena, como em todo o caso, do pessoal do Território, então, minha gente, junto dos companheiros, vamos também ajudá-lo, levar ao seu conhecimento o que é que nós podemos fazer para ajudar as nossas escolas. Se eles não acostuar a comer aqueles alimentos, como nós acabamos de dizer,  vamos fornecer para o governo comprar lá dentro mesmo, daquelas aldeias, para que eles comam o que são acostumados. Também pedimos muito, que cada escola indígena, que o governo, junto da Secretaria de Educação, junto à nossa Secretaria de Educação, se empenhe em procurar uma pessoa, para que  ensine a língua, os costumes nós temos. O costume não é o professor que ensina, o costume quem vai ensinar é nós mesmo lá dentro da aldeia, então precisamos de professores que vão ensinar, só mesmo aquilo que aprendeu na escola, para ensinar na escola o que é de bom, o que é de mal, é muito ruim. Eu agradeço muito e faço mais um reforço, para que se empenhem em conjunto com o governo, com a Funai, que nos apóia, para melhorar as nossas escolas do interior, das áreas in-



20

... e ensinou muito aos nossos filhos. Ensinou também todos aqueles que tinha boa vontade, mas logo em seguida, muitos achavam que isso era errado. Nós estamos tratando de união, porque o que é união? União é uma força, é corrente. União é uma força que vive lutando. Nós vivemos lutando por esse povo. Quando Roraima surgiu aqui, o que acharam aqui no Território de Roraima? Foi o índio, que foi nascido e criado, plantado no Território de Roraima. Quando a civilização veio para cá e encontrou o índio plantado, e seguindo, porque a civilização foi tomando conta, foi tomando conta, foi tomando conta, quando o índio abriu o olho, já estavam plantados também no meio dos índios. Já estavam apossados daquele local. Já se apossaram de um pedaço de terra. Quando eu conheci um "branco", que ele pediu uma área de um índio, ele disse que era só para passar o fim de semana. Ele queria fazer um barraco, ele queria fazer uma casinha para passar o fim de semana. O que que aconteceu com a pobre daquela índia que morava naquela local. Nasceu, a mãe foi enterrada, o pai foi enterrado naquele local. Ele veio na cidade, legalizou, cadastrou, registrou, fez todos os documentos da terra como se fosse que ele tivesse comprado. Quando a coitada da índia abriu o olho, ela já não podia fazer mais nada. Ela seguindo me chamou: Olavo, o que, como se passa isso? Disse: eu não sei. E assim que foi, assim que foi indo, a civilização, a educação. Muita gente, desculpe eu falar, mas muita gente, também índio-cabloco e "branco civilizado", tem educação moral. Então, a educação a gente entra e sabe sair, mas esse "branco" não mostrou a educação dele. Ele não teve educação. Ele não teve consideração. Ele não teve um pouco de memória, de consideração àquela índia, que serviu a terra de bom coração e depois ele cadastrou, fez esse documento. Aí é que passa a dizer que o índio não respeita, com o índio não tem entendimento. Como é que o índio vai entender. Essa é minha terra. Não! Ele foi para lá. Ele chegou lá e fez o barraco. Então é assim a educação que nós vemos, tanto do índio, como da civilização. A civilização eu digo, porque eu sou índio; Civilizado cabloco é aquele que tem estudo sobre a cultura. Estudo sobre a cultura, esse é cabloco. O índio é nós parente, que é nascido e criado na maloca. Aquela que é nascido dentro da cidade, aqui. Que a mãe é civilizada, casa com um branco de fora, já se torna cabloco, porque ele não tem contato com o índio. Às vezes até ele tem nojo de índio, mas só porque tem um estudo. Ele não gosta de dar atenção aos índios, como muitos mesmo eu vi. Eu fui tirado do livro da Funai, dentro da Delegacia da Funai. Eu chegando lá fui apresentado, eu cheguei e se apresentei: Quero o delegado Adinarte. Ele falou para mim: Você tem documento? Disse: sim senhor, tenho sim! - O que que você veio fazer aqui? Você não é índio. Quem tem documento não é índio. Quer dizer, eu estou tratando disso, porque nós estamos tratando de escola. Eu estou buscando meus fundamentos, protegendo a nossa Pátria, que é o nosso índio, nascido aqui no Território de Roraima. Ele disse: Você não é índio! Como é que índio tem documento? Mas com a minha educação, eu me coloquei no

21  
neste lugar, o qual eu recebi e fui ensinado, eu não me mostrei. Não mostrei o que eu era. Ele pensava que eu era o que ele pensava. Eu sou muito diferente. Ele disse que eu não era índio! O que que tu vem fazer aqui? Tu vai na delegacia particular, polícia civil, polícia militar. Você não é índio, você tem documento. Ele me expulsou e disse que eu não era índio. Então o que aconteceu? Para que que a escola, fundada na nossa maloca, não é para ter educação, não é para ter moral, não para ter respeito? Não é tanto respeito a nós, mas como respeitar aqueles que fundaram as escolas nas nossas malocas. Então, a escola levou muitas coisas boas, Essa foi levada ao fundamento de ensinamento, aos nossos filhos, mas muitos, como eu vi, dentro da Delegacia, falou para mim, pessoalmente, eu não só vi como ouvi. Ele disse que quem tem documento não é índio. Então é isso que eu me sinto muito chocado também. Falou para mim, que quem não tem documento não é índio. Quem tem documento é "branco" e civilizado. Ele foi e tirou o meu nome lá do livro, o qual constava dizendo que eu era índio da maloca. Então a escola, nós estamos buscando o fundamento da escola. Nós queremos uma ajuda, da escola, da colaboração, o qual já está plantado no Território de Roraima. O qual nós já temos professores até nascido na escola. Hoje, nós temos professores nascido na maloca, que não sabia de nada, mas vê a inteligência do índio! Quantos índios não se perderam antes? Quantas pessoas não perderam o que tinham sobre cultura, estudo, a mentalidade, a mente boa? Quantos não se perderam por aí? E hoje então, já que a escola já está plantada, pedimos uma ajuda, uma colaboração, um esforço, mas também vocês dão um esforço de lá, e nós cooperamos daqui para lá, e nós também vamos com nosso povo, mas é a nossa união, a nossa força. Então, sobre a escola, é uma coisa muito boa, porque nos leva o conhecimento. A escola está dotada para os nossos filhos daqui para a frente, muitos para traz de mim, não aprenderam nada. Eu já me encontro aqui, estudando dentro da cidade, porque lá também não tinha estudo para mim. Eu terminei meu estudo dentro da maloca, e vim terminar meu estudo aqui. Eu tenho estudo, mas eu não me formei, por falta de condição financeira, financiamento. Eu não tinha condições financeiras no momento para me manter aqui dentro. Eu não tinha, nem sequer um irmão, nada, para manter meu estudo, mas como eu aprendi, eu sou um mecânico, e já que eu aprendi dentro da minha escola, como falaram em mecânico, o nosso companheiro aqui, aprendeu. Eu sou mecânico, eu sou motorista. Eu aprendi fora a parte de lá, mas tinha que ter um incentivo dentro da maloca, incentivar o índio a trabalhar, fazer, eu sei, ter condições financeiras, porque já que está sendo atualizado neste momento, então nós queremos realizar uma coisa bem clara. Uma coisa a qual está sendo tratada no momento. Então, tudo isso eu aprendi. Mas eu não aprendi dentro da minha maloca, eu aprendi com a civilização, eu aprendi no meio do "branco". Passei a estudar. Então, muitos companheiros como eu e outros que se perderam, mas já que nós temos esse estudo, pedimos a colaboração de vocês,

pedimos uma força de Vocês. Então para que nós possamos chegar até o ponto, o qual nos encontramos, nos realizando. Então passei a estudar aqui dentro da cidade, ainda estou estudando, mas eu não sei porque que eu estou estudando. Eu também nem sei porque que eu vim participar dessa reunião, mas no momento, fui tocado no coração e realmente não pude ficar em casa. Então que eu pudesse vir e eu vim realizar esse trabalho, a favor dos meus parentes, porque eu não sei falar gírias. Muitos não vão me entender. Muitos não estão compreendendo, mas porque eu falo português, eu falo português. Abandonei a minha língua. Abandonei o meu idioma, então isso não era para ter acontecido. Tudo isso foi fato de estudo, foi um fato de estudo. A verdade cresceu tão grande dentro de mim, que abandonei até o meu idioma, a minha língua, da onde fui nascido. Agradeço por essa força, a qual tem me botado presente aqui, neste local, neste ponto, com todos os meus companheiros, todos os meus parentes e todos os que estão presentes, agradeço por essa força e muito obrigado!

\*\*\*\*\*

Ouviremos agora a palavra do Jaci José de Souza, da Região da Serra.

Bom-Dia para todos! Eu sou um tchawá de Maturuca. Trabalho com o Conselho, nós formamos também o Conselho. "Cous parentes também aqui, trabalham no Conselho. Nós somos como Tchawá e também como Conselho. Então nós viemos aqui, falar sobre a escola que a escola está ensinando muito bem, mas que nós sentimos os problemas também, que falou o nosso amigo, que esqueci o nome. Falou que foi fundada a primeira escola, me parece que aqui em Roraima, ou no meio do povo indígena, pelos padres. Então nós chegamos também, para reclamar aqueles que estão fazendo a escola só português. Nós estamos voltando, pedindo para voltar para o ensino da língua macuxi, hapixana e outras tribo. Nós nas malocas, nós estamos vendo como os senhores e as senhoras que estão aqui na cidade, não sentem muito os problemas, porque não estão vendo, mas os professores que vão lá, vejam alguns problemas, mas só que não chegam contando a verdade. Muitas vezes não acreditam nos tchawás que contam os problemas que surgem lá em cima, que nós já vimos aqui muitos problemas, que vai um professor "branco", que quer mandar na maloca, não tem respeito com o próprio tchawá. Nós estamos vendo isso, e pedimos para modificar. Não acabar com a escola! Continuar com a escola, a escola é muito boa, Está ensinando todo o mundo, mas só que foi ensinado, que nós vimos que foi desprezada a nossa língua e nos pediamos ensino dentro da escola, chegava o professor, as vezes dizendo assim: Olha, primeiro você tem que ensinar o que vem da Secretaria de Educação, o que é nosso. Sobre a língua indígena, isso aí, nós não estamos aceitando e eu fiquei muito sentido, quando falou isso. Eu disse: Por quê vocês falam isso assim? Quer dizer que tem direito mais vocês, pela língua de vocês, pela cultura de vocês, desprezando a cultura do índio? O que é indígena? Não está certo, não! Então gente, o que estão nos trazendo, o que estamos apresentando hoje aqui, nessa reunião, é porque está existindo problemas, per-



que a escola não está ensinando para a gente, como nós esperamos resolver, ou melhor, desenvolver, é que está surgindo problemas. É por isso que nós estamos aqui, para debater. Vamos ver na hora do debate, porque falou aí, o nosso coordenador, pedindo o debate, mas não querem levantar para fazer o debate. Mas depois falei de novo com a senhora que estava, por quê é que não estão querendo fazer? Mas então nós vamos falar primeiro, depois vamos debater. Então a gente espera. Então, está surgindo problemas nas malocas, que os filhos dos índios é que estão aprendendo só a língua emprestada, estão desprezando a sua língua, e por isso nós estamos agora, aqui, para formar a escola, agora! Formar professor índio, aonde exista a escola na maloca, então tem que ter professor índio, e para também reparar aqueles professores, podia ser também um supervisor índio. Tem que ser tudo na base do índio, mas junto, unido com o Governador, com a Educação. A escola tem que ensinar, como falavam os meus companheiros de luta, que eles disseram assim: Por quê estão aprendendo, ensinando, emprestando língua, como do estrangeiro, como da Guiana? Quer dizer que o nosso, de nós reconhecidos como brasileiros, índio daqui do Brasil, quer dizer que a língua, nós estamos vendo que está desprezada. Quer dizer, estão pisando em cima. Isso nós não estamos gostando. Estamos reconhecendo que a língua nossa tem valor, como vossa senhoria também dá valor na sua língua. Nós emprestamos essa língua para falar com a vossa senhoria, e também nós juntos com a comunidade, tem que falar a nossa língua. Tem que fazer o trabalho junto, através de nossa língua, com as comunidades. Então, se nós queremos esta escola, que funcione, ensinar a língua. Ensinar toda a nossa cultura, pois precisamos e temos muitas coisas boas, que servem para todos, que serve para os "brancos", porque nós também sabemos fazer, mas só que acabou através da escola, pedindo só essa língua portuguesa. Ensinando aquele povo, como o índio, desenhando alguma coisa, fazendo um carro, fazendo alguma coisa, fazendo não sei o que, mas o índio não sabe isso. Vamos ensinar o que eles tem na sua maloca. Como aqui também, aqui na cidade, esses meninos estão aí, estão estudando, a parte deles é muito bonita, tá certo! Estão aprendendo para fazer depois. Nós, também como eles, como vossos aí, nós temos também que aprender a nosso, aprender a escrever a nossa língua, e também tem que fazer... tem várias coisas para fazer dentro da maloca, que serve para todo mundo, só que nós ficamos muito sentidos, porque quando chegavam em todas as escolas, diziam que: não queremos que ensinem a língua indígena. Agora eu me sinto satisfeito por essa reunião, que vamos agora discutir, debater, para colocar tudo em ordem, porque o presidente da República, fez e assinou o Estatuto do Índio, uma lei para o índio, mas ninguém está respeitando essa lei. Ninguém está ensinando esta lei na escola, completamente está tudo contra, mas o Estatuto do índio vem dizendo as coisas bem claras. Bem dividida, para a gente ter respeito. Mas agora, através da língua, a gente perdeu tudo, quando eu estou com um relógio no braço e estou vestido, dizem que você não é índio, você é um cabloco. Caloclo vósi! Porque nós somos índios! No dia que eu me formasse como um doutor, ou qualquer pessoa mais desenvolvida, se chegassem assim, tenho certeza que diria assim: esse índio é formado, mas não dizem que ele é "branco", ele é um preto, não... a primeira coisa

que chama, é como índio. Nós aqui, não <sup>mudamos</sup> pedamos de cabelo, nem mudamos de cor, é índio mesmo! Sangue é de índio. Ele pode formar médico e outras coisas mais, mas é índio, como os senhores e senhoras aí, também, que são brancos, a cor vossa também não vai ficar como a nossa cor. Por isso que nós chamamos assim: de índio e de branco. Então o que está fazendo se perder, a nossa escola, o ensino dentro da escola, é que não ensina as duas línguas, é por isso que está surgindo esse problema. Como o chefe da qui da capital, recebe todos os santos dias, recebe problemas, é porque está essa briga de branco com índio, lá dentro da escola. Como estou dizendo, quando chegou o supervisor, diz assim: tem que ensinar este aqui, porque estão nos livros aqui. Mas porque? Não está certo! Gente, vamos ver, começar a fazer a escola funcionar e ensinar a sua língua, como vós e os índios, que vão aparecer coisas boas. Que vai ajudar a todos, precisamos de vocês, em alguma coisa que nós não temos, e vocês também precisam da gente. Muito também nós já aprendemos do índio, e nós também queremos aprender, não desprezar, porque ali na escola, chega professor e diz assim: Olha, vocês tem que aprender a ler e escrever, tudo bonitinho, limpeza, quando falava o índio, dizia assim: Olha, eu quero aprender a minha língua! A não, isso aí não! Então a escola, nesse ponto, não está educando o povo brasileiro, está fazendo é confusão. Vamos colocar isso tudo em ordem, porque nasceu a escola para educar, não desprezar a sua língua. Se fosse através de desprezar a sua língua, então se o Brasil é maior, é poderoso, tinha desprezado todas essas línguas, que estão existindo por aí, como na Guiana, e em outras línguas que estão existindo. Então, a gente tem que esperar, tem que enxergar pela verdade. A língua tem que ser tudo colocado, como nós estamos aí, separados. Um grupo aqui, outro ali, né? Tem que ter um grupo. Então existe grupo: língua do "branco", língua da Guiana, língua do macuxi, então vamos ter esse respeito. Vamos procurar de enxergar, para encaminhar, para também encontrar uma força, porque a gente fica danado, quando começam a falar, desprezando os índios pela língua. Apresentando só porque ele está vestido, está bonito, dizer que esse aqui não é mais índio. Esse aqui é um sujeito já civilizado. Negativo! Não então enxergando o sofrimento do povo indígena, em cada maloca. Vamos reconhecer. Vamos ter respeito, como a gente tem respeito com a nossa língua. Nós não estamos desprezando, nós estamos dizendo para vocês: vamos acabar com a língua portuguesa, só macuxi. Se nós dissermos isso, vocês vão dizer: a não acaba porque é minha. Eu nasci nessa língua, então tem que continuar. Então assim também, nós estamos falando, pedindo que nós tenhamos um respeito, dá valor também à língua macuxi. Outras tribos de língua indígena, é coisa muito bonita. Eu fiquei muito sentido, ouvindo como acontece os problemas lá em cima, que a gente chega aqui da Educação, e nunca foi resolvido esses problemas lá em cima. Eu acho que isso aqui não é certo, mas na lei vem dizendo. Tem lei que é por cima de todas as outras leis, como a nossa lei, o Estatuto do Índio. Eu compare como



um filho, e tem lei que é mãe. Aonde é 198. Então aqui, todos obedecem aquela lei. O povo que trabalha na Educação, respeita aquela lei. Trabalha no direito da lei, mas não querem respeitar a lei do índio, então isso causa a confusão. Vamos botar agora, tudo em ordem. Vamos colocar, porque se não tiver essa organização, vai haver mais briga, em vez dos brasileiros fazer o trabalho, dentro da escola, vai haver é briga. Os índios estão começando a chegar, a unir, ~~xx~~ vocês estão vendo que estão todos unidos aqui. Se nós chegarmos assim, pedir para organizar, ter um respeito, nós respeitar a cultura de vocês e vocês terem respeito para com nós. Esse encontro é bonito, um respeito, mas desprezar porque é feio, porque não entendo, negativo! Querem emprestar a nossa língua também, para falar com a gente, podem também aprender, como nós aprendemos a de vocês, para falar com vós. Então, existe coisa boa. Olha, como nós estamos emprestando da Guiana, dos ingleses, então também vamos emprestar dos macuxis. Uma hora vocês vão a uma maloca que o índio não sabe falar português, mas sabe explicar alguma coisa, com aquela pessoa. Então isso tem que encontrar, tem que decidir. No ano de 86, vamos esperar que funcione esta escola. Tudo na base do respeito. Estou dizendo eles, eu não estou vendo bem respeitado. Porque se tivesse respeitado, nós não estávamos aqui, mas falta de respeito dentro da maloca, só porque o índio não sabe falar, não sabe fazer nada, começam a falar do índio. A gente vê mesmo lá, os professores falando da gente. Como é que um professor que ensina, fica falando do povo, porque eu nunca cheguei na sua casa, para ficar falando de vocês. Quando eu venho aqui na cidade, eu tenho respeito, a gente entra com respeito. Agora, entram na maloca e não têm respeito. Ficam mandando, pedindo, trazendo as filhas. O índio, como gosta também de seus filhos, o índio também tem seus filhos, precisa educar também seus filhos, trabalhando. Agora chegam na maloca e dizem: Olha, eu vou levar a sua filha para mim ensinar lá, aí, quando chega aqui, que eu vejo muito, que vem de lá assim, ensinam o que ... aquelas que as pessoas trouxeram, eu vejo um "barrigão" deste tamanho. Eu vejo os índios aí, presos. Eu vejo os índios aí, jogados na rua, quando estão doentes. Isso a escola não está educando esse povo. Recebeu a educação, recebeu a coisa boa, mas vai contra as coisas boas. Estou dizendo isso, porque não tem respeito com a lei. Eu vejo aqui, tem gente mesmo morando aqui na cidade, passando necessidade, porque eles dizem assim: eu vou te ajudar! Ajudar ...! Está existindo vários problemas, através da escola também, que não está bem organizada. Então vamos agora organizar isso, pois queremos os professores índios, de cada maloca, e em cada maloca. Enquanto que o professor "branco", lá aonde existe os "brancos", para ensinar também os seus parentes. E aqueles professores vão pegar aqueles alunos que merecem estudos mais, então vamos encaminhar, para aprender e voltar à sua maloca. Se formar um médico, tem que voltar para a sua maloca. Então como nós estamos aqui, em Roraima,

26

aqui na cidade de Boa Vista, aprendem com as pessoas, e depois vai acabar de se formar encontrar mais formação, vai em Brasília, São Paulo, depois ele volta aqui no Território. Não é isso? A gente vê. Talvez a gente fala com o deputado, o deputado começa a trabalhar aqui e tal, está indo lá, diz assim: vai ser deputado em Roraima. Então assim também o índio vai aprender do seu parente e tem que voltar a sua comunidade. O governo tem que fazer força para ele voltar à sua comunidade. Assim nós podemos encontrar organização, as coisas boas que a gente espera, mas como está aqui, na briga, não está sendo bem organizado. A gente vê que o governo recebe tanta reclamação na Educação. Como tem vindo, através de professor fazendo confusão. Professor "branco", não faz uma reunião com a comunidade. Pergunta: o que que tem seu filho? Compadre, como é nome de seu filho? É fulano de tal. Tá bom, ele vai estudar. Não faz uma reunião. Isso eu acho que não é ser educado, não está educado. Tem que fazer uma reunião com todo mundo. Olha, vamos ver se o filho de vocês quer aprender, então vamos fazer uma reunião, marcar uma reunião, tá certo! Mas não, ir atrás dele, pode achar ruim. Hoje o professor aqui está mandando o meu filho, não está certo! É por isso que nós estamos aqui hoje, para debater, para encontrar, como deve ficar. A gente lá em cima, sente muito os problemas. Eu uma vez fiquei tão... perdi a paciência de falar, falei umas besteiras, quando eu vi que estava surgindo uns problemas na maloca do Gavião, eu acompanhei três anos, o povo, como chefe na Educação, na Secretaria de Educação, vendo os problemas, nunca chegou a resolver. Levou caso demais. Foi a polícia, foi federal, foi a Funai, foi procurado, ... gente, isso aí é uma vergonha para todo o mundo! Coisinha de nada, chamando na polícia, na federal. Isso eu não dou cabimento. A gente mesmo, como chefe é para resolver. Chegar na gente, você é um branco, eu não sei... tá no meio dos índios, vai no seu lugar, vai lá na cidade, vamos trabalhar... Ninguém está sabendo você de seu emprego, mas vamos colocar no meio de seus parentes, para você estar com eles, ensinar os seus parentes. Não é nada difícil. Então todas essas coisas que a gente vem sentindo, a gente fica olhando esses problemas, e diz: pôxa, cadê essas pessoas para resolver essas problemas? Entretanto, quando a gente chegava aí, ninguém queria receber. A não, o negócio assim, então... é levado na contravenção. A escola não está ensinando, por isso que agora nós estamos procurando de ter um professor índio em cada maloca. Nós não queremos mais professor branco na maloca. Aonde existe só os índios, tem que ser professor índio. Procuramos também, de encontrar, para desenvolver os professores no Surumu. Nós reclamamos para os padres também, quando começaram a fazer aquela escola afastada da missão. Nós ficamos revoltados contra também isso. Porque nós queríamos que ficasse só os nossos filhos estudando e temos os professores também, para ensinar. Vocês verem, que para a gente encontrar a organização, encontrar as pessoas para formar, para ajudar, mas tem que ter também como estou dizendo, respeitando pela língua e ensinar. Mas se agente não entrar dentro

vendo os problemas passar aí, a gente não vai educar esses meninos que estão aqui. Esses meninos que estão vindo aí, amanhã também vai lá na maloca, e dizer: é eu vou lá, porque índio não sabe falar, não sabe fazer nada, eu mando! Mas quando tem um respeito, todo mundo sabe respeitar. Como eu estou dizendo, nós aqui, temos um respeito com vós, com vossa presença aqui. Nós já pedimos licença para entrar, mas na nossa área, na nossa maloca, na nossa casa não pedem licença, entram mesmo de bolo! Isso aí, para mim, a escola não está ensinando. Tá ensinando a fazer confusão. As pessoas recebendo a educação, aí fica sem usar aquelas coisas boas, usa já ao contrário, como está existindo em nossa maloca, como estou dizendo, repito mais isso, porque tá existindo esses problemas, através de nossa língua. Nossa cultura está se perdendo, porque estão, completamente errados, querem que a gente passe para ser, para uma língua emprestada. Agora estou vendo que nós estamos atrás de emprestar a língua como a da Guiana, estrangeira, não está certo! Como nós brasileiros aqui, nossa língua é desprezada. Então a escola? para quê? Para ensinar então o que, a escola? Quer dizer que só para desprezar um companheiro e pegar outro, isso está errado completamente, porque aqui, nós somos brasileiros. Então tem o "branco" e tem índio, então os dois vamos formar, vamos usar aqui, juntos, vamos emprestar a língua de vocês e vocês também a nossa. Vamos unir esta organização através de língua e depois vem outras coisas para organizar, ah, aí sim! Daí sei que sai no jornal, sai na televisão, eu sei que muitas coisas acontece. Isso está nos trazendo uma tristeza, agora muito perigosa também. Vamos organizar agora, separar as línguas, ter um professor para ensinar tudo aonde existe maloca, então as coisas vão prá frente. A gente vai encontrar uma força, porque o índio está aprendendo, já aprendeu alguma coisa da escola, agora podia bem prosseguir isso. Encontrar mais organização, não! É o que trouxe a divisão, desprezando a língua dos índios. Dizendo que o índio não é índio. Então a escola está ensinando... não está ensinando que preste! Vamos ver que a gente tem um respeito, o índio tem que respeitar o "branco", o "branco" tem que respeitar o índio. O índio tem que respeitar a língua do "branco", o "branco" tem que respeitar a língua do índio. Para isso foi formada a lei 6.001, se não fosse isso, que o presidente da República não tinha assinado. Então vamos ver que nós temos elementos, nós temos lei. Tem a vossa lei e a lei dos índios. Não vamos trabalhar dentro da lei, não fora, não contra. Hoje nós podemos discutir outras coisas, para encontrar para o futuro do Brasil, mas não! Nós estamos discutindo coisas, tem dizer, quase atrasadas! (que a escola devia ensinar tudo, afinal nós estamos falando outros futuros... Vamos es perar essa organização, que seja aprovada, seja reconhecida. Vamos encontrar isso. Porque se não encontrar a maneira como nós estamos pedindo, vai acontecer coisas mais piores, que eu estou dizendo. Eu, lá na minha maloca, disse: se é assim, se a escola está ensinando desse jeito, então eu vou falar com o governador, se o professor não quiser, como o professor índio não quer ficar aqui: tudo bem, você pode ir embora...

quer sacar de seu emprego... A gente vai deixar de lado, que a escola funcione como a gente quer. Depois fiquei pensando, falei como o delegado, e disse não, vou falar com o governador, vamos procurar de organizar a escola, tá muito bom... Quando eu ouvi falar que tinha uma reunião aqui, digo, vai chegar a hora, chegar agora o que a gente quer. Então, prezados parentes e os que estão presentes aqui, muito obrigado, desculpe alguma coisa, porque índio não sabe bem explicar alguma coisa. Muito Obrigado !

\*-\*-\*-\*-\*

Nós ouviremos agora o Gilberto da Região do Quinoco.

Bom-Dia Senhores e Senhoras

e meu povo índio também, que vem chegando agora, por intermédio do meu povo aqui, que são índios, os tchawas, os povos que estão aí, eu venho confirmar as palavras deles. É certo o que estão falando, é o que está acontecendo no interior, na escola, que está em toda essa região de Roraima. Eu digo que o povo índio, está perdendo a sua língua, através do estudo do civilizado, que até eu mesmo já perdi a minha língua, e sei um pouquinho, entendo tudo bem. O que quero dizer, é o povo índio vive sofrendo nas suas malocas, agora eu peço à Educação, que os povos índios estão com necessidade agora, porque a Funai já colaborou um pouco e a Diocese também, então nós queremos que a Educação, dê uma assistência de colaborar com alimento, agora vamos passar mais ou menos cinco dias para viajar. A Educação deve colaborar, porque vamos passar uns cinco dias, ainda, aqui em Boa Vista, para arrumar um transporte, para viajar à sua maloca. Não é eles que estão trazendo, é o próprio civilizado que vem trazendo eles para cá, para a cidade. Com tanta necessidade que tem na maloca. Vem para a cidade, passam cinco ou seis dias, como essa comissão vem, né ? Então eu peço para que a Educação colabore. Vamos passar mais ou menos cinco dias. A Funai está sem carro e o governador é quem tem que olhar para os índios, que a Funai está sem transporte. Está com 2 carros só e está pensando em viajar agora, esta semana. Peço à Educação que colabore também. É só isso que vim confirmar as palavras dos Tchawas, que eles estão todos certos. Tchau !

\*-\*-\*-\*-\*

Dando prosseguimento nós chamaremos o Daniel, da Região do Surumu.

Bom meus senho-

res, bom-dia ! Eu vim aqui somente para confirmar aos tchawas, que eles estão trabalhando pelos seus povos, pelas suas comunidades. Eu trabalho mais ou menos assim, desde 70, com a alfabetização, dentro da minha comunidade, e eu uma vez, me achei muito triste, de levar, já que eles estão falando sobre a escola, naquela vez, eu cheguei na Secretaria, firmavam uma lei e eu levava para a minha maloca. A lei formava da es-

loca, não tinha. Então eu acharia muito difícil, e eu consegui isso dentro da minha maloca, com a minha família, com as minhas crianças, de mudar a sua própria língua, para a outra, que são a dos civilizados. Outras vezes eu vinha para a Secretaria de Educação, e diziam do mesmo jeito: não ! Você tem que ensinar a língua que está surgindo aqui na lei. O que é de vocês, não é válido. Aí, o que eu fazia ? Eu me achava assim, de medo de ensinar dentro da minha maloca, aquilo que era preciso ensinar. Não sabendo ensinar dos meus, do que meus pais me ensinaram, e nem sabendo ensinar dos civilizados, que eu levava daqui, o que realmente era a lei. Formavam a lei e me davam. "Você tem que formar essa lei na sua maloca, a sua escola deve ser dirigida dessa maneira, assim, assim e assim ... Eu não tinha condições, eu não sabia como fazer. Daqui eu levava essa lei, mas chegava lá e eu não tinha apoio, não tinha ninguém que me ajudasse, né ? Eu não recebia o auxílio de ninguém. Vivía e vivo isolado até agora lá. Não recebia, levava a lei e ficava lá de cara para cima. Não sabia o que era para ensinar, se era a minha língua ou se era a dos civilizados. Aí eu tinha um supervisor. Todas as vezes que ele chegava lá, era formado a lei, dizendo: Não Daniel, deve ser dessa maneira, assim, assim, assim... Porque quem manda aqui somos nós, dentro da maloca, quem manda somos nós. Nós somos fiscalizadores das escolas, nós mandamos do jeito que nós queremos. Aí eu me achava com medo. Eu me achava com medo dentro da minha maloca, do meu próprio supervisor me rebaixar, de dizer que eu estava completamente perdido. Eu poderia seguir a lei que ele estava formando. Aí eu disse assim, não ! É o seguinte: o pessoal querem assim, e eu vou fazer assim. Não, o pessoal não tem nada com isso, não ! Quem manda aqui é eu e você e você tem que fazer do jeito que nós queremos. Aí eu fiquei muito tempo triste, até que os twchawas se combinaram para conseguir essa lei, que eles estão formando agora e eu estou muito satisfeito com isso. Sei falar a minha língua macuxi. Agora, a língua dos "brancos", eu falo, mas eu não sei o significado. Eu falo, mas eu não sei o que estou falando. Agora, a minha língua eu sei. Eles fizeram essa lei e eu estou muito satisfeito. Não sei se o governo vai querer que eu trabalhe assim, né ? Formando, ensinando a meus parentes, na minha própria língua. Eu não sei se ele vai me pagar, eu não sei... Eu sei que eu vou trabalhar, eu vou trabalhar e ensinar os meus parentes, na minha própria língua e gosto de ensinar. Agora a língua do "branco" eu não vou ensinar, porque eu não sei. Como até agora, desde... parece-me, eu não estou bem lembrado, março ou abril, por aí mais, que o pessoal foi levar o material escolar para a minha escola, até hoje nunca mais apareceu ninguém. Nunca me apareceu o pessoal da supervisão, tá ? Eu vivo lá isolado. Até agora não recebi o material, não recebi nada, nada, nada... Eu vim atrás disso, agora, aqui na Secretaria. Eu venho ver do que vão me xingar, outra vez. Vão dizer que eu sou isso, sou aquilo, né ? Então, o que eu posso fazer ? Agora estou mais apoiado nos twchawas. Eu estou apoiado

do mais nos Tschawas porque, eu sei que a lei, estou sabendo que a lei vai ser formada lá dentro mesmo da nossa comunidade. Eu não levo mais a lei dos "brancos" daqui dos civilizados, aqui de Boa Vista. Eu estou sabendo que a lei vai ser formada lá, então, só eu e mais os tschawas das comunidades, também né? Affirmo que os tschawas então trabalhando muito bem, estou gostando muito, e quero, toda vez que vão fazer agora, reuniões assim, eu estou de acordo de partidipar dessas reuniões com eles. Gosto muito mesmo, estou gostando muito, é a primeira vez que estou entrando neste trabalho dos tschawas. Primeira vez e estou gostando. Entrei, agora entrei como fegente de ensino e como conselheiro também e vou trabalhar. Meus Senhores, aqui eu finalizo, os senhores me desculpem de algumas palavras erradas que eu falei, que eu não sei nem o que significa, né? Obrigado.

[illegible]

Então vamos curvir logo o Sebastião, da Serra da Lua, não, Malacacheta.

Nossas Senhoras e minhas Senhoras, essa reunião que nos trouxe aqui, é de grande importância para nós, povo índio. Isso porque, é a primeira vez que nós estamos sentindo uma abertura, para dizermos aquilo que sentimos, a respeito de escolas. A respeito de como foi implantada. A respeito de como ela funciona, ou funcionou, de acordo com o que os Tschamas falaram. Isso porque, com a implantação das escolas em nossas malocas, nunca ninguém perguntou, como ela deveria funcionar. O que que a gente queria que fosse ensinado em nossas malocas. Disseram: colocamos a escola para ensinar a fala, a língua portuguesa. Disseram: colocamos a escola, para que vocês não sejam mais analfabetos, mas na realidade, foi tudo ao contrário, aquilo que ouvimos, aquilo que os Tschamas falaram, é realmente certo, realmente correto. O que a escola trouxe de prejuízo para o povo índio. Fizemos uma reunião a respeito das duas perguntas, lá na Malacacheta, a qual surgiram as propostas, que eu irei ler para vocês, depois ou vou acrescentar alguma coisa. Dentro das duas perguntas: "Que escola temos e que escola queremos?" Na pergunta: Que escola temos? colocamos: temos uma escola que destrói, que contribuiu para a desintegração do índio de sua maloca. Temos uma escola que só ensina a língua do "branco", os costumes do "branco", e por sua vez, temos a nossa escola em Malacacheta, que precisa de reforma. Quanto a outra pergunta: Que escola queremos? Chegamos a seguinte conclusão: Queremos que a nossa escola seja reformada. Queremos que tenha merenda para os nossos alunos, e que esta, por sua vez, não seja estragada. Seja de acordo com a realidade da maloca. Queremos uma escola que ensine, além da língua portuguesa, ensine também as línguas: o kapizara, o mauxi, e outras línguas, desde a 1ª série. Queremos uma escola que ensine o trabalho artesanal. Queremos uma escola, que ensine o Estatuto do Índio. Que o conhecimento da História do povo índio, suas tradições, suas culturas, seus costumes e ensine também, a conhecer as suas terras. Que ensine a medicina caseira, que



meus irmãos índios, de diferente língua e de diferente região do Território. Então nós, estamos aqui, para refletir um pouco, daquilo que nós já sofremos alguns anos pra trás. Que se disse da Educação, a escola implantada dentro das comunidades indígenas. Surge as perguntas daquilo de que a escola nos deu de lucro, durante esses longos anos que funcionou, dentro das comunidades indígenas. Hoje estamos aqui, talvez, bem atentos, talvez, bem no sentido daquilo que a escola nos fez. Estamos claros, que vamos dizer aquilo, que realmente vimos, estamos vendo, estamos vivendo, e vamos continuar, não se se vivendo. A escola nos tirou a língua, a escola nos ensinou a desintegrar das comunidades indígenas, a escola nos fez ser vaqueiro das fazendas. A escola nos fez todas essas coisas aqui, menos coisa que ela nos fez, foi ensinar o índio viver, como ele deve viver na maloca. Dessa maneira, conforme todos já falaram e o que nós temos e o que nós queremos, como nós queremos a escola, que funcione dentro de nossas comunidades. Ela deve funcionar, respeitando a cultura indígena, que ensine os índios a criarem para sobreviverem. que ensine o índio plantar para sobreviver. Que ensine o índio a viver dentro da sua maloca, colaborando com sua comunidade. O que que adianta um índio ser educado dentro da comunidade dele e vir para essa comunidade tão grande, aqui na cidade, onde não há lugar mais nem para os que estão morando aqui dentro... Isso nós devemos olhar, devemos emergir, porque se é para desintegrar o índio, para vir trabalhar aqui na rua, cavando vala, capinando rua aqui na cidade, é melhor que acabe com a escola, deixe o índio viver da maneira que ele quiser. Hoje o índio se queixa de que acabou as caças, mas há outros motivos: se o país quer desenvolver uma comunidade indígena, para colaborar, então deve ensinar a criar, deve ensinar a cuidar dos animais, deve dar medicamentos para que esses animais sobrevivam, para ter uma pessoa forte, com coragem para trabalhar. Se não, os índios cada vez mais, ficando fracos. Vão cada vez mais de destruindo. O que eu quero dizer também, que uma escola, ela deve ensinar a valorizar as próprias terras, isto é, plantar, defender das destruições do fogo, das derrubadas sem necessidade. Então isso, no meu modo de pensar, eu creio que a nossa escola, na nossa comunidade indígena, deve ter essas partes, porque isso, só com a escola, só com a língua, tá certo: contribuiu e contribui com a nossa, mas não vai contribuir com a nossa subsistência, com a nossa sobrevivência, de nós, pessoas. Eu ouvi o senhor secretário de Promoção Social falar ali, que não, que primeiro foi os jesuítas que catequizaram os índios, mas não catequizou adequadamente, como era necessário. Tirou das malocas para botar o índio, para carregar, o que? Trabalhar com machado, e o índio nunca gostou de trabalhar, quando ele foi primitivo. A vida dele era andar, caçar, pescar e fazer coisas só para viver, sobreviver, para se alimentar. Então, nessa parte também, eu digo, que nós índios, fomos destruídos, tanto pelos missionários, tanto pelos colonos, quanto por, enfim, por todo o tipo de pessoas. E hoje, depois de 480 passados, estamos querendo ver, o que





**Prenúncio do governador do Território Federal de Roraima Dr. Getúlio  
Alberto de Souza Cruz:**

Excelentíssima senhora secretária de Educação, do Governo do Território, professora Ana Maria de Castro Leite; senhores Tschawas, secretários das nossas diversas tribos indígenas, demais lideranças indígenas aqui presentes; meus caros coordenadores e professores da Secretaria da Educação; Dr. Alexandre, secretário de Administração; Dr. Aroldo, secretário de Finanças; Dr. Paulo Coelho, Assessor do Governo do Território, para Assuntos de Interior e Justiça; meu caro vereador Alcides Teixeira vereador Tschawa; eu me sinto particularmente feliz, em participar, embora rapidamente, desse encontro, em que as lideranças indígenas, discutem os problemas relativos à Educação, nas áreas indígenas. A minha felicidade deve-se a dois motivos, principalmente. De um lado, porque através da Secretaria de Educação, nós estamos dando início de um objetivo, que nós vamos prosseguir até o fim do nosso governo, e esse objetivo, é exatamente o de ouvir, diretamente dos índios o que os índios pensam sobre suas vidas, sobre suas aspirações e sobre seus desejos. Pelos diversos contatos que tenho mantido com os nossos Tschawas, eu tenho dito, que é preciso que o índio fale diretamente por ele, é preciso que o índio seja o seu próprio intérprete, porque só pode interpretar a realidade, aquele que vive a própria realidade, por mais que eu queira entender da língua do índio, jamais eu poderia fazê-lo, uma vez que eu durmo normalmente, num quarto com ar condicionado, enquanto que os índios dormem, matando carapanã. Só essa diferença, de situação social, já nos impõe uma série de limitações, quando a gente quer interpretar os desejos e as aspirações, como eu disse, das nossas populações indígenas. A minha segunda alegria, nesse momento, ou o meu segundo motivo de alegria, neste momento, deve-se ao fato de que nós iniciamos neste Território, o debate da Educação. No dia em que assumimos o Território, nós ainda, não sabíamos que o Ministério da Educação, ia promover este amplo debate sobre a problemática educacional do Brasil, mas, no mesmo dia da posse, nós dissemos que uma das metas nossas, seria democratizar a Educação no Território. Seria buscar o modelo educacional, que olhasse o Homem, a mulher, os jovens, as jovens, como cidadãos. Como cidadãos, e a dimensão maior do cidadão, é a liberdade. A liberdade de falar, de pensar e de agir. A nossa educação, numa avaliação, talvez até leiga nossa, impõe um processo muito conservador. Um processo, e eu tive a oportunidade de dizer isso hoje, na televisão, em que nossas escolas, que na verdade deveriam ser, um prolongamento da nossa família, passaram a ser salas de tortura, onde nós colocamos um cidadão, chamado professor, na frente de um monte de jovens, dizendo coisas, que talvez os jovens não tem nenhum interesse de ouvir. Ainda hoje, nós temos esse processo. O nosso ministro, Marco Maciel, um homem de formação política liberal. Um homem com um conhecimento humanístico profundo, achou por bem, iniciar este amplo debate sobre educação. Por quê? Porque entende o nosso mi-

nistro, como entendemos nós, aqui de Roraima, que é muito mais fácil, nós chegamos a uma educação mais condizente com a realidade em que vivemos, se nós colocarmos para pensar, dezenas, centenas, milhares e talvez até, milhões de cabeças. Em vez de pensar numa educação, a partir de gabinetes de ar refrigerado, em vez de pensar numa educação, apenas na formulação teórica dos doutores, entende a Nova República, que é muito melhor nós buscarmos na cabeça das pessoas, as soluções para a vida dessas pessoas. Eu não tenho nenhuma ilusão, que nós não conseguiríamos fazer uma educação luxuosa, não teremos uma educação, como alguns apropeiam até, importada dos Estados Unidos, da Europa, Inglaterra, França, mas nós não temos essa pretensão e nem temos essa intenção, o que nós queremos é uma escola adequada às nossas realidades, às nossas vidas, no caso específico, das comunidades indígenas. O nosso objetivo, é que vocês, vocês próprios, os índios, através de suas lideranças, possam dizer o tipo de escola que serve mais aos interesses dos índios. Assim como, esse debate vai se ampliar também e nós buscaremos, na cabeça dos jovens, dos professores, dos pais, dos funcionários, também, um modelo de educação para Boa Vista e para a chamada comunidade civilizada. É por isso, que eu tenho uma profunda alegria, em participar deste momento. Essa alegria se prolonga, quando nós assistimos o começo de um trabalho que este governo da Aliança Democrática, pretende desenvolver com as comunidades indígenas. Nós achamos, que a persistir a atual situação das comunidades indígenas em Roraima, elas tenderão fatalmente, ao desaparecimento, porque, se discute muito, fala-se muito sobre os índios, mas até agora não se fez um programa de efetivo apoio às comunidades indígenas. É necessário que nós venhamos dar atenção e condição, para que os nossos índios, possam sobreviver cada vez melhor. Nós não podemos negar aos nossos índios, um direito que é humano, que é inalienável, de que eles próprios aspirem melhorar de vida. O ser humano, e nós somos todos seres humanos perante Deus, têm o direito inalienável de procurar melhorar de vida. Não adianta a gente ficar as discussões, sobre o que seria melhor para os índios, enquanto centenas, milhares de índios, saem de suas reservas e vem hoje, sobreviver, de forma as vezes até indigna, nos bairros e periferias de Boa Vista. Sem emprego, passando fome e doentes. É necessário e urgente, que nós, juntos, Governo e a comunidade indígena, vamos a dar-nos as mãos e estabelecer um programa urgente de apoio efetivo às comunidades indígenas. Apoio que começa na busca de uma educação mais apropriada às comunidades indígenas. A educação que hoje nós ministramos nas áreas indígenas, na verdade, ela é um estímulo para que o índio venha para a cidade. Nós ensinamos coisas, que muito pouco, os índios poderão aplicar na sua vida real. Na verdade, nós estamos preparando o índio, para que ele venha para a cidade. Como não amos, não estamos sendo capazes de dar uma educação adequada, o índio vem para a cidade, não é mão-de-obra especializada, e sobretudo é uma mão-de-obra não adaptada para as civiliza-

gões urbanas. O índio, eu não me canso de dizer, é um trabalhador incansável. Por  
 quê que eu parto disso aí? Porque sobreviver, nem a nem a área, com pouca caça,  
 com pouca pesca, num sol inclemente, só isso, já transformaria os nossos índios em  
 homens fortes de espírito, de garra, de demonstrações, tais como, para poder pegar  
 uma posca, ou uma caça, às vezes o índio anda dois dias, para que possa colher alguma  
 caça, ou algum peixe, para alimentar a sua família. Um homem que faz isso, não pode  
 ser chamado de preguiçoso, só que o índio tem uma forma de vida, que é diferente dos  
 operários brancos, por exemplo. Aqui, o operário branco acorda cedo, tem um horário  
 certinho para trabalhar. Se não chegar, o ponto é cortado, não ganha o diácono. E o  
 índio não está acostumado com isso. O índio está acostumado a trabalhar, conforme  
 as suas circunstâncias. Ele sabe, que em determinadas noites, é muito melhor para  
 ele dormir, porque a lua não favorece, do que sair para caçar, porque ele sabe que a  
 não vai encontrar a caça. De igual forma, quando sai para pescar. De outra forma,  
 quando planta. De outra forma quando ele vai tirar proveito da palha do Buriti, para  
 poder cobrir. Todo o índio sabe, que se tirar na noite de luar, essa palha vai logo  
 criar bicho e acabar cedo. Então, o índio não é adaptado para as condições de vida  
 da cidade, e a educação que nós estamos dando, é uma educação que empurra o índio pa-  
 ra a civilização aqui da cidade. Não é que nós não queremos que o índio venha. Acho  
 que o índio, porque é um direito, é a liberdade de cada um, se quiser vem, agora, nós  
 temos que preparar para que ele venha. Para que ele seja também, um ser humano e não  
 fique sofrendo pela falta de emprego, pela falta de comida. Eu faço um apelo à essas  
 lideranças indígenas aqui presentes, que fiquem à vontade, falem, ponham para fora de  
 seus corações, aquilo que vocês pensam. Sem medo, sem receio de dizerem coisas, que  
 vocês talvez pensem, que nós aqui não gostaríamos de ouvir. Hoje o governo do Terri-  
 tório, é um governo democrático. Se a secretária de Educação, e a Secretaria de um  
 modo geral, os convidou para virem aqui, falar por vocês, é porque nós estamos abert-  
 os, com os corações abertos para receber dos corações de vocês, tudo aquilo que vo-  
 cês pensam sobre educação. Não se inibam. Entendam, que apesar de que eu tenha, a  
 pele um pouco mais brava que a de vocês, todos nós somos iguais perante Deus, todos  
 nós. É possível que eu fale mais bonito do que outros, mas se em contrapartida  
 vocês não falam e parteguem o que eu falo, eu também não falo e macuxi eu o hapizani,  
 até nisso nós somos iguais. Então, creiam nessa igualdade, creiam nessas propostas  
 sérias, que o governo do Território, está propondo para todos vocês, e para que nós  
 possamos fazer um trabalho sério, um trabalho que realmente esteja a serviço dos ín-  
 dios, é necessário que vocês se abram conosco. Que vocês digam o que pensam. Não es-  
 condem nada, mesmo que algumas coisas venham a ser entendidas como críticas. Nós es-  
 tamos aqui para ouvir. Eu parabeno toda a equipe da Secretaria de Educação, a par-  
 tir da sua secretária, professora Ana Maria. Eu parabeno e agradeço até, ao acolhi-

mento de nosso convite, por parte das comunidades indígenas, e creiam que o governo de Roraima, tem uma profunda preocupação, um profundo interesse em fazer um trabalho que realmente possa dignificar o índio, como ser humano, como gente que pensa, o cotidiano, na perspectiva de que todos nós somos iguais. Parabéns a todos vocês!

\*\*\*\*\*

Acabamos de ouvir a mensagem do excelentíssimo senhor governador Getúlio Alberto de Souza Cruz, e agora vamos ouvir a palavra do Tschawa Neto, da Maloca Curicaca, da Região do Surumu:

( ... o Tschawa Neto fez um pronunciamento em sua língua macuxi, para o governador Dr. Getúlio ... ) - Estou falando aqui, a minha língua macuxi, dizendo que o nosso governador do Território, está falando, dizendo que temos o nosso direito, que temos essa ajuda. Ele está esclarecendo para nós, como que nós podemos, o que nós sentimos, podemos dizer a verdade. O que nós sentimos, o que nós queremos, qual o sofrimento das comunidades, que estão sofrendo e podem procurar e tem o direito. É isso que ele está dizendo para nós, dizendo assim, em Macuxi, para os meus companheiros. Muito Obrigado! É só isso que eu queria dizer.

\*\*\*\*\*

Iniciando os debates, nós vamos começar pelo Museu Integrado de Roraima, pela professora Luiza Cammon, que vai fazer as colocações do Museu. Nós queremos esclarecer, que na proporção que cada entidade fizer as suas colocações, poderá ser feito o debate, e os índios podem participar desses debates, em qualquer momento que queiram fazer alguma colocação.

\*\*\*\*\*

Comunidades indígenas aqui presentes; membros da Educação, seria o meu primeiro posicionamento, não como diretora, mas sim, como membro da comunidade roraimense. Faço essa colocação, porque ao longo dos anos, venho defendendo a cultura indígena. Faço-o como membro da comunidade, porque entendo, que as reivindicações aqui feitas estão em consonância com aquilo que sempre lutei, o que sempre preguei. Faço-o em nome da comunidade, porque entendo que este governo da Aliança Democrática, hoje, faz o seu trabalho e faz com bastante seriedade. Eu chamaria a atenção de todos vocês, dos representantes legais das tribos hapixana e macuxi, o lamento que outras tribos não estivessem aqui presentes: o iangon, o ianomani, wai-wai, e ingariçó, mas fiquem certos, senhores, que representam a comunidade indígena, que esse governo é um governo sério. Levem isso à comunidade de vocês, através do governo de Getúlio Alberto de Souza Cruz, frente a Secretaria de Educação e Cultura, a nossa secretária, Ana Maria de Castro Leite, fiquem certos e levem a todo o povo de vocês. Isso aqui é um traba-

lho sério. Nós não estamos aqui somente para ouvi-los. fiquem certos de que tudo aqui lo que você disseram e reivindicaram, será estudado com bastante atenção. Eu acredito, que esse trabalho terá bastante significação para o desenvolvimento educacional e cultural da nossa terra. Falo e quero que vocês leiam esta mensagem ao povo de vocês, para o povo macuxi, para o povo hapixana aqui presente, ( a professora falou nas respectivas línguas ) isso significa, "nós gostamos de vocês", nas duas línguas, e por gostar de vocês é que nós nos propomos a fazer um trabalho sério e consciente. Passo agora a falar, em nome da instituição que represento e provo por escrito, o consenso de todos os funcionários do Museu Integrado de Roraima:

Esperamos que este seja o marco, onde vamos pensar juntos, nossos erros, pretéritos em consequência dos quais, não só o índio saiu perdendo, mas nós deixamos de ganhar,. Quantas vezes deixamos de ganhar, quando ignoramos a sua medicina natural, até bem pouco tempo, toda uma humanidade conhecia somente as ervas medicinais, como fonte terapêutica. Esquecemos que para determinados males, também a Ciência só dispõe de compostos vegetais, ainda não sintetizados em laboratórios. Anualmente a Organização Mundial de Saúde, investe fâbulas de dinheiro em busca dessas plantas, e nós deixamos de conhecer melhor a flora de nossa terra, os frutos silvestres, que só se conhece, desprezando esta ponte de contato de qual outros se aproveitam. Quando deixamos de ganhar, quando ignoramos os complexos sistemas, tais como, o reino vegetal e o reino animal, desenvolvido pelos nossos índios de Igarapé, ou a geografia precisa do macuxi de Normandia. Deixando passar a oportunidade de ensinar através de um confronto de culturas, a nossa botânica, a nossa zoologia, a nossa Geografia, para os quais não são tão receptivos, pela sintonia perfeita com o meio ambiente. Quem já viu semblante mais feliz, do que de uma criança igarapeense, quando em grupos, se agitam em torno de um farniqueiro. Que excelente oportunidade para abordar a Ciência, Relações Sociais, preferimos ver este semblante triste, apático, impenetrável, enungido a uma carteira convencional, sob o quente teto de zinco, modo, por não ser permitido ali falar, em sua língua natural; faxada de gíria. Quem já viu como é vivo e influente um grupo de adolescentes macuxis de Santa Cruz, em sua conversação e com este mesmo grupo, é tímido, um monossílabo de nossa língua. Porque aos nossos alunos da capital, não será dado a oportunidade de conhecer uma aldeia Maingango. Que excelente oportunidade para aprender com eles as relações sociais do homem primitivo. Ouvir deles as mesmas explicações sobre a Geometria de sua aldeia, sua arquitetura, seus materiais... Que criança da cidade não gostaria de no século XX, ter a História do homem primitivo, por ele mesmo revelada, através de suas lendas, suas tradições orais, sua meteorologia, sua ecologia, sua divisão de trabalho, sua casa de madeira, palha e cipó. Que rara oportunidade para desvendar para ele a organização do mundo vegetal, seus extremos, sua técnica, sua necessidade, permitamos a ele, o decor-

volvimento autônomo, a partir do conhecimento de outros materiais e outras técnicas que a educação pode proporcionar, através do confronto cultural. O nosso professor, em cujas mãos a sociedade entrega toda a sua responsabilidade educacional, está preparado para realizar inteiramente entre a educação e cultura? Precisamos pensar por tanto, que professor queremos para a educação indígena de Roraima? E esta reflexão nos leva a definir, o seu perfil, com base numa formação eminentemente antropológica, que tenha ele desenvolvido ao máximo, a empatia, para como ser, pensar, agir de culturas alheias a sua própria. Sensibilidade para apreciar e selecionar, no dia a dia de um povo, as situações passíveis, dinamização pedagógica. Que ele compreenda que a educação só tem sentido, se for capaz de instrumentizar o homem, no aperfeiçoamento de suas estratégias de sobrevivência, devendo portanto, valorizar o saber, as técnicas, a arte, como possibilidade de rendimento econômico, estimulando as novas gerações e as apreensões deste patrimônio, que poderá ser desenvolvido ao infinito, através do confronto cultural. Além disso, e não por último, o nosso professor, das regiões indígenas, deverá ter sólidos conteúdos, fontes de consultas e constantes oportunidades de reciclagem, através de debates e trocas de experiências. O Museu Integrado de Roraima está certo, que o índio de Roraima, pode através da educação, passar à sociedade dominante, como um homem consciente da importância de seu testemunho e capaz de defender, como cidadão, a sua sobrevivência digna. E fiquem certos, senhores aqui presentes, que este é um depoimento sério, o qual será apresentado dentro desta proposta, a qual se propõe em saber, qual a escola que temos e qual a escola que queremos.

Muito Obrigado !

\*\*\*\*\*

Queremos saber se tem alguém querendo participar das colocações do Museu Integrado de Roraima, ou se nós ouvimos todas as instituições e depois fazemos um debate só? - Se alguém quiser fazer outra colocação, em função da colocação do Museu Integrado, pode fazê-lo. - Então, pela sequência das entidades inscritas, nós temos a Missão Evangélica da Amazônia - MEVA, na palavra do senhor Patrick Foster:

Senhores, Senhoras ... ( fez um cumprimento na língua indígena ), apesar de ser um dos chamados "brancos", me considero um pouco macuxi; Há 26 anos que trabalho, convivo com os macuxis e sinto mesmo, pessoalmente a necessidade deles, e há 26 anos que lutamos com os próprios macuxis, a fim de que eles valorizem a sua própria língua e não deixem seus filhos se esquecerem da sua própria língua. Nos anima muito, ver e ouvir que hoje, os amigos macuxis, os tucumanas, que estão aqui, estão com a mesma ideia, e o nosso sentimento. Dizer que, até cinco anos de idade, a criança já aprendeu a falar uma língua, que é a sua língua materna. Seja macuxi, seja português, e dizem também, que através de muitos estudos, que é impossível alfabetizar e educar, uma crian



ça, numa língua que não seja a sua língua materna. É muito importante, portanto, usar, aproveitar a língua materna, no sistema educacional, especialmente, na área indígena. O ensino da língua materna e da cultura, serve como base fundamental para o futuro desenvolvimento do indivíduo e assim da comunidade, do Território e da Nação. A comunidade indígena, deve ter também, o privilégio de trabalhar junto às autoridades competentes, no desenvolvimento de um programa educacional bilíngue. Queremos deixar algumas coisas, pelo menos enfatizadas. Seria melhor não começar tal programa, de educação bilíngue. Seria melhor não começar um programa deficiente e descontinuo. A deficiência é a falta de continuação, constitui-se em mais um fator de desencorajamento e frustração. O nosso desejo é de ver este programa, bem planejado, com tudo baseado numa análise completa da língua. Porque se for um programa sem aquela base fundamental da análise, da gramática, da fonologia, da própria língua indígena, podem ter certeza, que o programa não vai durar e que os próprios alunos não vão aprender como deveriam aprender. Tem que ter a cooperação, o apoio da comunidade indígena, para que um programa desse, realmente se desenvolva. Estamos sentindo que realmente, tem aquele apoio pela parte do Conselho dos Tachanas e dos Macuxis. Nós cremos também, que este programa pode enquadrar não só os macuxis, mas outros grupos indígenas, que são menos aculturados e portanto, mais carentes de um sistema de educação na sua própria língua. Atualmente temos escolas entre os índios wai-wai no posto Mapuera, no Rio Mapuera, no Estado do Pará, e também, entre o grupo de wai-wais, no Rio Novo, aqui no Território de Roraima, onde o ensino inicial, é dado completamente na língua indígena, na língua materna. Os wai-wais estudam na sua própria língua. Tem professores, professores, monitores treinados para dar este ensino. Também, entre os ianomami, temos programa de ensino bilíngue. É muito mais difícil, devido a falta de interesse e isto, cremos, que é devido ao grau de aculturação dos ianomamis, que não entendem, até agora, a necessidade de aprender. Os antigos macuxis de todas as comunidades indígenas, ocupam um lugar muito importante neste país. Sabemos que é uma parte muito pequena, mas muito importante, e exatamente porque é pequena, a parte do grupo indígena do país, se mostra muito necessário aprender a língua portuguesa. Outro motivo de ter um sistema não só na língua materna, mas no sistema de educação bilíngue. O nosso desejo é que os, tanto os macuxis, quanto os ianomamis e wai-wais, aprendam a falar português, tão bem, como qualquer outro brasileiro, que mora aqui na capital ou no interior do Território. Nós gostaríamos e esperamos ver, este programa de educação bilíngue ir para a frente. Estamos muito satisfeitos muito alegres, de ver o interesse por parte da Secretaria de Educação e queremos nos colocar a dispor, de qualquer entidade que possa aproveitar os trabalhos que os membros dessa Missão tem feito, durante os anos, na língua macuxi, na língua, em três dialetos da língua ianomami, e na língua wai-wai. Obrigado!



do meio-dia eu tinha uma dor de cabeça, que eu não aguentava mais, depois do almoço a dor de cabeça passou, graças a vossa comida, aí! Então o crescimento, o desenvolviment integral, quer ver um pequeno exemplo em forma de piada? Eu prometi aos índios, eu pessoalmente que estou lá no Suruma, prometi aos índios que se a Diocese ou a Fundação ou o governo deixar fechar aquele hospital do Suruma, nós padres não nos comprometemos mais a rezar junto com vocês... ( falou em macuxi... ) não vale um figo! Não vale nada! Rezar sem apoio concreto, sem a participação integral no desenvolvimento, não resolve nada, Jesus Cristo pega essas pedras e joga... tem um rio aí perto? Joga lá no rio que não serve nada. Joga Bíblia, língua, reza, tudo! Joga tudo que não serve nada! Participação concreta do desenvolvimento, participação concreta da realidade é um grande desastre! Aceitando todos os riscos e comprando, como diz um padre... comprando todos os aparatos que eu chego às costas. Última coisa... Eu pessoalmente fico admirado que se fale macuxi neste ambiente instruído pelo mundo das armas, né?

Encerrando a participação das entidades, nós convidamos a professora Vera Lúcia Santos, da Fundação Nacional do Índio.

Foi dito pelos Indianas, que eles agradeceram a oportunidade de estar aqui, falando para nós, os "brancos", aquilo que eles sentem. Para mim também, eu me sinto feliz, em que eles pudessem falar aquilo que eles sentem. Alguns se mostraram até, aparentemente agressivos, para nós, que não sofremos o problema deles, mas e alguns outros, falaram até, às vezes, coisas que foram consideradas... Não havia necessidade de se tocar no momento, mas acontece, que foi a primeira vez que deram essa oportunidade a eles. Que nós damos. Então, há muito tempo que eles tem vontade de falar e hoje foi o dia de falar. Algumas coisas eles falam, coisas que há muitos anos estavam dentro deles. Todavia também na lei, que nós não respeitamos, O Abel Tobias disse, que ele - Valdir - ele não fez a lei, não foi o índio que fez a lei, aquela lei que diz que deve ser respeitar a cultura indígena. "Realmente, é uma lei que muito pouca gente conhece. A gente pode falar até, o próprio pessoal da Fundação, mas ela existe. Existe e está bonitinha aqui! Assim, azulejinha, assim também, de capa amarela e também, não sei se vocês já viram, mas ela vem escrita em inglês, em francês e em português, numa edição verde-amarela. Pena que eu não tinha nem lembrado de trazer para vocês verem, mas eu tenho lá na minha gaveta. Então, todas tem oportunidade de conhecer essa lei, em português, em inglês e em francês. Ela não foi escrita em macuxi ou hapixana. Talvez um dia. As escolas, quando a Secretaria de Educação pensou em implantar as escolas, ela implantou em todo o território. Ela não fez diferença das escolas em área indígena, em área rural, em nada. Ela colocou as escolas, nas áreas, lá naquela lei, ela diz: está com defeito na fita, não consegui captar. Então, pensamos

23

nosso ponto, que a Funai participasse, tivesse um horarinho, no horário que está estabelecido para a capacitação dos professores que trabalham na área indígena. Existe esta capacitação. Também, as pessoas que forem contratadas como horistas, ou mesmo contratadas no quadro do Governo, que forem trabalhar na área indígena, que elas deem, que elas sejam enviadas à Funai, para receber alguma orientação. Pelo que a gente vê, são pessoas que recebem aquele papelzinho para se apresentar na escola. A escola é um organismo estranho à maloca. Lá ela não sabe quem é o Tschawa. Não sabe nem se existe o Tschawa. Então ela chega lá, chega com o supervisor, com a merenda e começa a dar a aula. Ela não pede licença, como disse o Tschawa Jaci, e o índio quando chega na cidade, ele pede licença para entrar na nossa casa. Acontece, inclusive, pessoas que nem conhecem o Tschawa da maloca. Outras entidades chegam e vão na casa do monitor, na casa do professor, na casa do fulano, na casa do ciclano, mas a casa do Tschawa fica esquecida. É como se chegassem na minha casa e não procurassem o dono da casa. Fulassem com meus meninos, então quase que não tem valor. Também nós queremos, nós pensamos, que uma escola ... houve até num outro dia, onde escutei: Escola profissionalizar te para o índio, é até uma graça. Eu ouvi isso, mas veja, profissionalizante, para que ele depois que estuda, não queira vir para a cidade, como também falou o Tschawa, para abrir valas? Para ser empregada doméstica? Para ser auxiliar de serviços em repartições públicas? O que ele vai ganhar, não vai dar para sobreviver. Como disse também o Tschawa Clévis, já a cidade, não está comportando aqueles que são da cidade. Então nós temos essas sugestões. Quando se pensou em fazer as sugestões, em encaminhá-las para a Secretaria de Educação. Então nós pensamos: quem melhor que o índio, pode falar o que ele quer para a escola dele? Quem melhor? Então nós fomos, nós procuramos os índios, outras, também a Diocese já havia feito a reunião lá, como também a Secretaria de Educação, procurou os índios, para eles dizerem aquilo que eles querem, como querem a escola. E pareceu até que foi de propósito, eu não sei, porque ficou bem esquematizado, quando o Sebastião da Malucacheta falou, que a escola que nós temos na área indígena, e a escola que nós queremos na área indígena. Então, tudo aquilo que ele disse, foi um arrumado, eu considero assim, foi o arrumado de todo o pensamento dos tschawas que falaram anteriormente. A escola que nós temos é fator de desunião dentro da maloca, a escola que nós queremos é a valorização do índio. Ele se valorizando, ele fica forte e sendo forte, ele deixa para trás aquela imagem de preguiçoso, como nós o consideramos. Não deixamos para trás aquela imagem de que ele não quer nada com o trabalho, e o que a gente sabe, lá no fundo, a gente sabe, que isso não é verdade. Se eles mais não fazem, é porque nós não damos condições a eles. Porque ninguém pode trabalhar sem o instrumento de trabalho. Nós mesmos, em nossa repartição: estamos querendo datilografar um documento, mas se nós não temos máquina, como vamos datilografar?



turada, como direito dos indígenas, ou como direito dos índios. Exatamente porque nós queremos conhecer melhor estes direitos, porque ficamos encantados de conhecer melhor as vossas realidade, é que gostaria de deixar aqui, agora, um pedido, de que após algumas outras colocações que serão feitas, por pessoas já inscritas ou que venham a se inscrever, eu gostaria que de fato, fosse conduzido o debate, e esse debate não me parece mais um debate, me parece agora, uma maneira de operacionalizar, aquilo que foi reivindicado. Em outras palavras, operacionalizar, significa exatamente dizer, como vamos agir! Que condições nós temos para agir? É este o pedido que quero deixar a todos vocês, Tuxanas e demais comitivas, juntamente com todos aqueles, inscritos na Educação, e que conhecem a realidade de cada um dos presentes, me digam: Quais são as malocas, quais são estas malocas? Que nós já podemos contar com estes professores. Professores de que? Para que? De que? Nós precisamos saber, quem, em qual maloca nós já podemos a partir do próximo ano, por uma única escola que seja. Colocar no currículo dessa escola, a língua macuxi ou hapixana! Mas são vocês que nos tem que dar essas informações. Justamente para que não ocorra de dizer: fomos, falamos, perdemos o tempo e nada foi colocado em ação, e nada foi colocado em prática. Fiquei encantada de sentir as reivindicações de vocês, no sentido de que, seja adequado também no currículo, as atividades indígenas. Fiquei muito contente, de fato, concordo plenamente, que o currículo dessas escolas indígenas, deve ter o professor que ensina a fazer o pandeiro, ou sei lá o que! Porque de fato, não é que nós tenhamos tanto conhecimento de seus utensílios, e são vocês que nos tem que dar essas informações. E de maneira que, para concluir esse meu pedido, gostaria que ficasse bem claro, a nossa disponibilidade, a nossa disposição, o nosso compromisso, de verdadeiramente operacionalizar todas as reivindicações. Como disse no início, ninguém ficou pensando ou pretendo que sejam 100% atendidas, agora, aquilo que for possível, nós iremos operacionalizar. Gostaria mais uma vez de agradecer a participação, porque como disse, eu tenho que me retirar, no entanto, vocês devem continuar o trabalho, devem concluir, ficaria muito contente que ficasse gravado também, na fita, no encerramento deste encontro de hoje, que fosse feito uma canção na língua macuxi e hapixana, porque também esta é uma outra sugestão que vocês tem que nos deixar. Quem é entre as pessoas da maloca, da comunidade indígena, que pode ensinar a todos os alunos essas canções, na própria escola. Quem vai fazer a tradução do Hino Nacional para essas malocas, da maneira que também pretendemos que em todas essas escolas, sejam ensinadas o Hino de Roraima, porque nós devemos também lembrar, neste momento, este cidadão adormecido e mal fadado, que nos foi legado de maneira deturpada, o mais do que nunca nós sabemos que precisamos ser patriotas. Não patriotas para estar com a cabeça feita de que nos impõe de cima para baixo, mas para que cada um cidadão, não desconheça, como nós, civilizados, da maneira como entendemos, porque entendo que todos os indígenas, também tem a sua cultura, e são civilizados e edu-



criada por nós, como dissemos. Todos nós e todos vocês sabem, que esta lei não foi feita por índio, mas essas leis, como eles dizem, se forem respeitadas, nós também respeitamos a lei dos "brancos". Por isso eu quero dar esta resposta, e sobre o problema da saúde, eu falo que nós necessitamos de mais ajuda nas áreas indígenas, para o problema da saúde, porque está faltando muito medicamento, em muitas áreas. E sobre a escolado hoje que queremos e que temos, eu estou dando o apoio necessário, nas palavras de todos os Tuxwas, e acho que esse passo, para eles, é muito importante. Se isso acontecer e nós esperamos que vai acontecer, e temos confiança que isto vai ser muito bem estudado, para o atendimento das nossas populações indígenas, no Território de Roraima e também no Brasil inteiro. Nós estamos fazendo, falando sobre nações indígenas, não só do Território, mas de todo o Brasil. A nossa união indígena, está se expandindo cada vez mais, por isso nós falamos em todos. Queremos também dizer e agradecer, ao governador daqui do Território, Dr. Getúlio, não sei o nome dele todo, mas acredito que ele também vai entender o que nós estamos presidando, porque ele é filho daqui da terra, daqui do Território. Queremos também lembrar para vocês, que nós somos os verdadeiros índios, e que vocês aqui, já que querem considerar, o Território de Roraima, como um Território indígena, e que vocês passaram aqui, também neste Território, então vocês também são considerados índios, mas vocês não podem, talvez, responder como índios, mas também, vocês são os cablocos e não somos os índios. Agora, acontece que o caboclo, que nós entendemos, é a mistura do índio com o "branco". Então é a família de vocês, aqui do Território, aqui de Boa Vista. E também queríamos pedir, que vocês entendam, que esta escola bilíngue, falada na língua macuxi, o hapixana e outras línguas que aqui existem, até a do iamomá mesmo, pode ser estudada, dentro até, da civilização de Boa Vista, porque, já que queremos criar esta união dos "brancos" com os índios, já que queremos o nosso Território vivendo em paz, então vamos também estudar, para podermos entender, cada vez mais, a nossa população indígena. Também, quero lembrar para o presidente da República. Muitas vezes as pessoas falam: A Funai está aí para dar apoio para os índios. A Funai está aí para colocar escolas nas áreas indígenas, está aí para ver o problema de saúde, mas isto que a gente reconhece, que a nossa Delegacia, da 16ª DA, nunca teve uma pessoa para poder dar esse incentivo às comunidades indígenas, mas agora nós temos e senhor delegado Raimundo Nonato, que está tentando fazer o possível, dentro das áreas, mas não está tendo o apoio de verba, necessária, porque o dinheiro que está vindo, não está dando para atender nem a terça parte da população indígena. Então, nós queríamos lembrar para o presidente da República, e os demais, presidente da Funai, governador do Território, que a Funai está numa crise, que não está dando para atender a população do Território, a população indígena. E queremos agradecer a oportunidade dessa Nota Republicana, porque entendemos que esta Nova República, também pode pertencer para o índio.





do Território, que predomina no nosso Território, mas nós ainda não perdemos a nossa identidade, que é a nossa língua, nós ainda usamos ela. A minha mãe fala, eu falo, meas avós que ainda estão vivos, também falam, e os nossos filhos ... Estou dizendo aos Tschawas que estão aqui presentes, os Tschawas e hapixanas que estão aqui presentes: Por quê deixam a sua língua ser esquecida na maloca? Por quê que não exploram os pais de família, a dizer: vamos continuar a ensinar os nossos filhos a falar a língua hapixana. A nossa língua, que nós não devemos esquecer, que nós devemos cultivar porque é a única coisa que o índio ainda tem de bom, para mostrar a sua identidade, que é a língua. Por isso mesmo, meus prezados irmãos, que eu estou aqui, para implorar dos Tschawas, como ainda agora eu vi, um Tschawa chegou na frente, foi falar o hapixana ( falou em sua língua ) ... Eu acho que um tchawa, ele deve começar e terminar, para mostrar que nós temos a nossa identidade, a nossa língua. Nós não convergemamos de chegar aqui na frente dos "brancos", e falar aquilo que nós sentimos, eu diria na minha língua, eu diria assim ( falou novamente em sua língua ) ... Eu estou dizendo que agora nós vamos comer aqui! Essa é a parte que eu sirto, dos nossos Tschawa hapixana, de não saber falar a nossa língua. Na hora em que ele não sabe falar toda a maloca cai do galho, todas as crianças esquecem. Essa parte aí, eu estou pedindo que os nossos tchawas, que se encontrem aqui presentes, continue cultivando e então aprenda com quem sabe. Certo? Falamos também, eu vi os tchawas pedindo professores índios, mas eu vi um tchawa falando, que nós índios, tem muitos índios que querem trabalhar, como também tem muitos "brancos", que querem trabalhar. Sem todos pontos, nós podemos falar com o nosso trabalho. Todos nós somos fracos, todos nós somos numa desadão. Nesse ponto um tchawa pode dizer assim, o meu tchawa da maloca onde estou trabalhando, ele, se eu errar um pouquinho, ele pode me dizer: Flávio, você está errado! Eu vou contra você, nós vamos debater os nossos assuntos, mas para que melhor de uma supervisão da comunidade onde eu trabalho? Alguém pediu que o governo contratasse supervisor índio! Para que melhor a uma comunidade? Não é uma supervisão boa? Que ela pode nos demonstrar o que nós somos, quem somos, o que nós fazemos, se nós trabalhamos direito, eu por exemplo estou falando nós, mas estou falando eu. Então eu estou dizendo para os meus irmãos, que assim, em lugar do governo contratar um supervisor índio, ele pegava o dinheiro, fazia uma repartição, uma escola mais ou menos, que dava para suprir a necessidade do índio. Eu trabalho numa escola. Aquela escola é carente de tudo, então, não vou falar só na minha, mas eu acho que em todas as malocas, já falei em duas, tenho oportunidade de falar em duas escolas. Hoje eu vejo que eu fui numa escola, que tinha as condições piores que a que eu deixei, e vi, onde o aluno vai aprender... o governo manda fazer a escola, manda fazer as instalações hidráulicas, mas não funcionam. Se funcionar num dia, no outro dia, num mês, no outro mês já não presta mais aquela instalação. A escola cai as

portas. A escola cai as paredes. Os cupins acabam com tudo e a gente solicita, que façam uma remodelação da escola, e nós não somos a tendidós. A nossa parte, a minha parte de educador, nós fazemos. A parte dos tuchawás, também eles devem pensar junto com os nossos pensamentos. Nós falamos com o professor, o Coordenador de Ensino de 1ª Grau no Interior, o professor Santoris, falamos da criação de uma escola de 5ª a 8ª séries, na maloca Malacacheta e essa parte ficou para estudar. Já tem mais ou menos alunos suficientes, que dá para funcionar aquela escola. Assim, ficou para nos dar a resposta agora. Ficou para nós debatermos o assunto. Na parte de cultura, como nós estamos falando. Na parte dos nossos filhos, por exemplo, nós pedimos o seguinte do governo, que nomeie um professor de artesanato, por exemplo, nas malocas, que é preciso. Essa é uma parte última, que eu quero falar, e é os pedidos que eu tenho para dar para a autoridade do Território. Para desenvolver o trabalho de artesanato numa maloca. Hoje todo mundo não quer trabalhar, dar o seu trabalho, sem ganhar um centavo. Todos nós precisamos nos manter, principalmente, todo o índio que vive, que veste uma roupa, já calça sapato, já usa um relógio, já usa a meia. Todos precisam de ganhar alguma coisa para viver. Não é nós trabalharmos de graça, e ver algumas coisas por trás, vivendo às nossas custas. Nós pedimos isso das autoridades que se encontram aqui presentes, que levem o nosso pedido, que escutem o que nós estamos pedindo, o que o índio necessita. É isso que eu aqui tenho. Muito Obrigado!

Eu pediria a permissão, para deixar de ser coordenadora ( Maria Luiza ) e passar a ser o público presente aqui. Eu tenho algumas colocações e eu gostaria que o Flávio me contestasse, se eu estou errada no meu pensamento. Eu não sei, mas pelo que eu percebi, a nível de maloca, dessa caminhada que eu fiz aí e foi muito curta, eu não sei ! Mas, você fez uma colocação a respeito da merendeira, e eu queria que você reportasse novamente, se eu entendi certa a questão. Você pede que cada escola tenha uma merendeira, é isso ? É ! Então, a respeito disse eu queria fazer uma outra colocação. Eu acho, a meu ver, que por uma merendeira na escola, eu não vejo o porquê, a nível de maloca. Em primeiro lugar, porque eu não vejo uma escola de maloca, que seja uma escola tão teórica, onde todos os alunos fiquem sentados, quatro horas por dia, ali, certo ? Eu vejo uma escola de maloca, onde os alunos aprendam a cozinhar. Formem equipes para aprender a cozinhar. Uma escola de maloca, onde tenha determinados dias, que os alunos não assim, com fardazinha, igual à escola do "branco", mas que eles saiam de casa, com a enxada na mão, para ir para a horta, entende ? Eu imagino assim, uma escola mais prática. Para essa escola tradicional, que nós estamos imaginando, que nós estamos acostumados a ver. Eu não sei, eu posso estar errada.

51

Outra coisa que eu observe e ouvi nas diversas malocas, é a colocação a respeito das instalações hidráulicas. Eu não sei. Ao meu ver, eu acho um absurdo, essa escola do "branco" que nós temos na cidade, colocar lá na maloca. Em primeiro lugar, porque a hora que estraga uma encanação, não tem quase, ou não deve ter na maloca, encanadores. Teria que vir para a cidade, pôra ! Atrás de encanador para resolver o problema. Eu não sei, eu acho que é uma afronta. Eu acho que a escola da maloca, deveria ser mais perto da casa do índio. Sabe, tem coisas assim mais práticas, que ele mesmo soubesse fazer. Bom, eu não sei... essa é a minha colocação, não sei como o Flávio vê isso, porque eu posso estar errada, apesar de que eu tenho, assim, um sentimento muito profundo, com relação ao índio. Eu consigo assim, uma empatia muito grande, quando eu chego numa determinada maloca. Eu gostaria que você analisasse ou colocasse alguma coisa, na minha maneira de pensar.

\*\*\*\*\*

Prezada amiga Amalu, eu vou debater sobre a sua colocação: Eu discordo ! Eu discordo ! Eu discordo porque você também tem que levar a educação ao índio. A proposta aqui feita, é para que você preserve usos e costumes, mas que também não seja tão radical e ao pé da letra, mas o mínimo de condição para a sobrevivência do índio, e essa discriminação do "branco" com o índio, eu também não concordo. Nós somos um fruto da miscigenação. Nós somos um todo. Se nós estamos lutando de fato, vamos tentar dar o mínimo de condições para que eles se sintam bem. Vamos lutar pela Educação e pela Cultura de Roraima, irmanados, todos juntos, sem essa discriminação de índios e "brancos" ! ( colocação da professora Luiza Carman, do Museu Integrado ).

\*\*\*\*\*

A mesma coisa eu também queria dizer. Eu diria o seguinte: por quê o governo cria, por quê que ele criou aquela escola, com todo aquele equipamento ? Por quê se ele não quer que o índio aprenda as coisas do "branco", como ela falou ainda agora. Eu diria o seguinte: que não levasse os vasos, que não levasse a caixa d'água, não levasse nada. Fizesse uma coisa comum, adequada à maloca, justamente, eu concordo nesse ponto, mas já que ele leva alguma coisa, então ele está querendo ensinar o que é a civilização. Esse é o ponto que eu quero dizer à senhora. Isso que eu estou pedindo.

\*\*\*\*\*

( ... não houve identificação. ) Eu quero agradecer a comitiva, os professores, os tchavaws. e todos os que estão presentes. Eu quero dizer o que eu sinto, o que eu acho desta reunião, deste nosso encontro e eu tenho dois problemas na minha

maloca. Eu, não sou um professor e nem um alfabetizador. Eu sou apenas um monitor de saúde. Então, eu quero dizer, que a escola não é uma coisa ruim, não tem sido uma coisa ruim, dentro das aldeias e das malocas, porque eu sou um índio, o pouco que eu aprendi, eu dedico na minha maloca. Eu fiz um curso de enfermagem, para eu poder ajudar a ler as receitas dos remédios, para não complicar, na medicação, que ataca muito nas nossas malocas. Então, eu tenho dois problemas, um é com um professor e o outro é com a merenda escolar. O professor, é um professor "branco", ou bem dizer, ele não é branco, ele é negro, ou preto. Já faz muito tempo, está com dez anos que ele leciona naquela maloca, mas eu acho que ele está fazendo uma coisa errada, eu não sei... porque, para mim não, porque eu tenho quatro alunos estudando com ele, mas lá na maloca, tem pai de família, que tem cinco filhos que não estão estudando, já está com 6 anos que esses meninos não frequentam a escola. Então eu acho que isso já é um atraso para a nossa maloca, porque cada vez mais, nós estamos chegando perto da civilização do "branco". Esses meninos, se vem para Boa Vista, sem saber ler, eles não vão ler os nomes das ruas, o nome deste prédio, o nome da Delegacia do Índio. Sim, na maloca nós não precisamos de fazer leitura, porque nós conhecemos e aqui nós não conhecemos, eu acho então, que isso já está prejudicando. Nós tentamos de entrar em acordo com o professor, mas a resposta foi a seguinte; ele nos disse: "eu não estou ganhando dinheiro do Twohawa, nem da comunidade e nem da Funai. Eu estou ganhando o meu dinheiro, dinheiro do governo. Eu só saio daqui se eu quiser! Se eu não quiser, eu não saio!" Está muito bem! Está certo! Por quê? E o que me deixou mais sentido, foi que esse pai de família, que já está, digo, que já trabalhou lá na maloca, fez suas plantações, fez sua roça, sem ter salário, como o professor tem salário, chegou a dizer agora, narsunião; eu vou me embora, para eu poder educar os meus filhos, porque eu não posso colocar nessa escola, por causa do professor. E outro, que tem também três filhos que não está estudando: "acho que eu vou te acompanhar, porque eu não posso colocar meu filho também, para estudar, por causa do professor". Então, se ao invés de nos ajudar, está nos prejudicando, porque vai tirar o nosso povo. Em vez de aumentar a nossa maloca, vai diminuir. Então eu acho que isso está errado, não sei para os outros. O segundo, é da merenda... aconteceu que não chegou a merenda para os alunos neste segundo período. A aula começou no dia 02 de julho e até o dia 13 de setembro, não tinha chegado a merenda. Eu não estou só cobrando, mas eu estou dizendo, porque na nossa maloca, nós não somos todos iguais na alimentação. Para alguns, a alimentação é maior e para outros, a alimentação é menor. Tem alunos de sete anos, que entram às 7 horas e 30 minutos na aula, e vai sair às 11 horas e 30 minutos, ficando fraco. E aconteceu que no dia 05 de setembro, uma menina de oito anos, nós estávamos treinando uma marcha, ela desmaiou, ela caiu no chão. Ela chegou na en-

fermaria, por volta das 10 horas, e aí eu examinei. Eu vi que ela estava perfeita, eu perguntei: o que que tu sente? O que que tu está sentindo? - Eu tô com fome! Eu tô com fome! - Então eu acho, que se tivesse merenda, às 9 horas e 30 minutos, essa menina tinha se alimentado, e então ela já não ia cair de fome, ou de fraqueza. Então com isso, vai, vai e vai enfraquecendo os nossos filhos e os nossos alunos. Era só isso que eu queria dizer, no depoimento. Muito Obrigado!

\*\*\*\*\*

Nós queríamos apenas esclarecer a parte final, sobre a merenda. Eu acredito que quando você voltar para a escola, já encontre a merenda na escola, porque desde a semana passada, que os caminhões começaram a sair. Aqueles que são mais difíceis, que tem que chegar de avião, eu acredito que está sendo feito de ontem para hoje. Mas a parte de avião é a mais fácil, é mais difícil até arrumar, na hora que arruma, resolve em dois dias. Agora, as outras que dependem não só da estrada da rodovia, que tem que entrar por alguma vicinal, é mais difícil.

Nós pedimos que os próximos a falarem, se identifiquem.

\*\*\*\*\*

Meu nome é Elza Carleto. Eu sou psicóloga na maloca Buriti, e eu queria colocar umas coisas, que estão me preocupando desde cedo, desde o início deste acontecimento. É com uma tristeza muito grande que a gente percebe, hoje, em pleno século XX, em pleno 1.985, a gente é obrigada a escutar dos nossos irmãos índios, as reivindicações, e reivindicações importantíssimas, como por exemplo, é o pedido de justiça para eles, e principalmente, o pedido de respeito, respeito pela pessoa do índio. Respeito pela cultura do índio. Respeito pelo povo indígena, enfim, respeito por eles todos. É uma pena que até hoje a gente não tenha aprendido a respeitá-los, sem precisar, de repente, vim para um debate para ouvi-los nos solicitar este respeito. É uma coisa que me entristece profundamente, e principalmente, que de repente, o que eu percebi, não foram eles, apenas pedindo respeito, mas provando que eles precisavam deste respeito. Provando por quê que eles estavam reivindicando este respeito. Eles nem precisam ter provado, né? Porque aqui mesmo, nós estamos fazendo isso, nós estamos desrespeitando, porque, por incrível que pareça, num dia tão importante, onde a gente devia se reunir todos, ouvir as queixas deles, já que somos nós que proporcionamos as desventuras na vida deles, eu só vi chegar aqui, nesse local, crianças, povo, realmente mais próximos deles, mais descendentes deles, por volta de 11 horas e agora, por volta das três horas da tarde. Então, eu não consegui compreender ainda, porque que de repente, um assunto tão importante, uma coisa tão sé-

ria, o povo foi afastado, as pessoas realmente interessadas neste debate, realmente interessadas em ouvir essas queixas, essas reclamações, essas reivindicações. De repente, os alunos continuam em sala de aula, os professores em sala de aula. Nós estamos hoje trabalhando na cidade, mas nós podemos, amanhã estar trabalhando numa ma loca indígena. Então, eu acho que o momento era ideal para a gente tomar conhecimento do que se passa lá. No entanto, não é isso que está acontecendo. Os professores continuam lá, em sala de aula. Muitas vezes nós deixamos de dar aula, por coisas muito menos importantes, e hoje, num momento tão importante, eu sinto esse vazio nesse local, que deveria estar cheio de pessoas, que realmente estão muito interessadas na questão do índio, e que infelizmente não estão aqui e a gente não sabe por quê ! Outro dado importante que me entristece muito, é ver os nossos índios ainda, nossos irmãos índios, ainda tão despolitizados, ao ponto de só estarem aqui, reivindicando respeito, quando na verdade, eles tem muito mais coisas para reivindicar, quando na verdade nós os agredimos muito mais, e eles só estão pedindo respeito. Acho que é pouco demais, diante das coisas que nós já fizemos para eles, diante das agressões. A História que foi contada hoje de manhã, que foram os padres que catequizaram os índios; Foram os padres, mas com as nossas permissões. Nós também somos responsáveis, porque nós ficamos calados, e estamos hoje, calados, aqui, diante das reivindicações deles. Ainda continuamos em cima do muro. Não tomamos uma posição definida diante da questão do índio, que são nossos irmãos, que são nossas raízes, e que só querem uma coisa, manter viva a nossa raiz, manter viva as nossas origens, e me entristece profundamente essas coisas, sabe ? Era só isso que queria colocar !

\*\*\*\*\*

Antes de eu dar a palavra para o pesquisador do Gueldion, professor, eu queria apenas fazer algumas colocações, sobre o que a professora disse. Inicialmente, esse encontro aqui, se se realizasse à cinco, à três ou à dez anos atrás, nós seria mos cercados pela polícia, porque não se admitia que se dissesse verdades. Aqui, nós estamos começando a querer ouvir verdades ! E é exatamente por isso. Agora, porque que isso está acontecendo ? Começou isso com a ascensão ao governo de uma pessoa que conhece a realidade do Território, e não de governos militares que aqui chegaram e que diziam que conheciam tudo sobre esse Território, que tinham lido tudo, só que não existem livros que contem a História atual do Território, publicados. Devem ha ver livros, ou podem haver livros sendo escritos, contando essa História. Foram 20 anos de autoritarismo, foram 20 de governos que não, que o povo não pediu para rece bê-los. A partir de agora, começa a clarear e este processo ainda vai demorar muito, porque nós fomos amordaçados durante este tempo todo. Eu digo nós, porque pelo menos eu, nunca consegui me calar, mas sofri muitas vezes, na própria pele, por não

33

poder, não aceitar me calar, por sempre dizer aquilo que eu tinha vontade. Agora, o fazer é um pouco difícil, porque na hora em que a gente se propõe a fazer, existem muitos problemas, mas eu acredito, que na hora em que agente começa a dialogar, a colocar os problemas sobre a mesa, como está sendo feito aqui, com liberdade, com liza, sem problema nenhum de dizer aquilo que sente, e o próprio governo diz que devem sempre dizer aquilo que sente, que ele aqui falou, a gente pode sentir que vai chegar a um caminho. Dizer que nós temos a receita pronta, não vamos ter no momento. Exatamente por isso nós estamos articulando grupos para se reunir para oferecer as sugestões à secretaria, para operacionalizar aquilo que os índios querem. Vamos continuar necessitando de críticas, porque nós acreditamos que somente através da crítica, que é construtiva, que diga que está errado e como fazer certo, que vamos chegar a atender a comunidade indígena, e atender também a comunidade rural e atender também a comunidade urbana, porque toda essa escola está em dificuldade. Toda esta escola está descharacterizada, porque toda ela sofreu esse processo de 20 anos de autoritarismo, aonde o chefe mandava e os outros obedeciam e aqueles que não obedeciam, eram tirados do sistema, excluídos e taxados muitas vezes, por coisas que não eram, apenas porque tinham a petulância, ou não conseguiam se calar, ou não aceitavam, porque muitas vezes me dizem as coisas, e fica atravessado, ou eu ponho para fora ou então eu vou, sei que vão desaparecer. Isso é bom que se critique e se coloque. Agora, a coisa não está feita. Nós todos juntos vamos ter que sentar para fazer. Está colocado o problema, mas todos vão ter que lutar, e como eu disse nas comunidades indígenas, que tive a oportunidade de conversar com vocês. Se nós não conseguirmos, ou se mesmo conseguindo, e amanhã ou depois alguém aqui chegar e tentar modificar, cabe a vocês, como um ponto conquistado, unidos, porque um só será vencido, mas todos juntos não serão vencidos. Unidos impor: "esse é um degrau que nós conquistamos, e não vamos ceder". É preciso que isto seja posto muito bem, porque vocês sabem que os governos mudam, o povo não! Mas os governos mudam, e ninguém sabe se amanhã, chega outro governo aqui, diferente, com orientação diferente dessa. É preciso que vocês estejam conscientes disso, que não vai ser um mar de rosas, a partir de amanhã, pois vocês tem que continuar lutando, lutando, para se pelo menos não melhora para vocês, pelo menos vai melhorar para os filhos, ou pelo menos, para os netos de vocês. Era só essa colocação que eu queria deixar, e que a crítica vai ser sempre bem recebida, porque ela sempre é construtiva.

\*\*\*\*\*

Meu nome é Roberto Cortês, eu sou sociólogo, antropólogo do Museu Guelde, do Belém do Pará, professor da Universidade Federal do Pará. Como eu não sou linguta e não estudo a língua, eu usei agora, expressões da língua terena, para fazer



uma saudação especial aos Tschawas, e aos índios aqui presentes. Eu quis dizer mais ou menos o seguinte: "eu tô chegando", e aí a pessoa diz: "então chegue!". Bom, o primeiro ponto que eu gostaria de colocar, é um acontecimento novo, que está havendo e que não é específico de Roraima, embora, só agora parece que em Roraima, ele tenha começado a chegar, ou de algum tempo atrás, talvez. O acontecimento novo, é que no passado, um profissional da antropologia, ele falava pelos índios. Nós falávamos por vocês, mas agora vocês não precisam mais de nós, para falar. Vocês sabem falar e falam bem, sobretudo, quando vocês falam na própria língua. Esse é o fato, é o acontecimento recente, novo, na História do Brasil. O índio, agora, ele é um ator, um personagem político, ele fala, e vocês precisam, cada vez, falar mais. Os filhos de vocês, os netos de vocês, as gerações que vem depois de vocês. Porque diz um ditado da sabedoria popular, que cada um sabe aonde lhe aperta o sapato. Esse me parece o primeiro ponto importante, porque quando um de nós falava por vocês, no passado, por que vocês não podiam falar, aí nós eramos os gigolôs dos índios, que teria vivido às custas de vocês. Sou um profissional consciente de que eu construí a minha fama e o meu prestígio, que eu sei que eu tenho, a custa de estudar, de me dedicar às sociedades de vocês, que delas transformadas em sociedades miseráveis. Construí o meu prestígio, em cima de estudar essa miserabilidade de sociedade, sociedades de misérias, na qual vocês foram transformados. Vocês não temem o passado; vocês não renegam o passado; vocês não ocultam o passado; vocês não tem medo de falar sobre o passado. O contrário de nós, em boa parte do Brasil, em boa parcela da sociedade brasileira, as pessoas tem medo de falar sobre o passado. Elas escondem o passado. Ora, meus amigos, nós devemos temer o futuro, porque nós não sabemos como ele será, mas o passado, não há por que temer, e vocês conhecem uma parcela desse passado, que é a própria História de vocês. Aqui em Roraima, e agora eu me dirijo aos roraimenses que não são índios, há um certo temor pelo passado da História de Roraima. E vocês precisam pensar nisso. Por quê esse medo? Por quê temer? Por quê esconder, ocultar o passado de Roraima, com poucas exceções? E outro ponto que eu gostaria de falar, é o seguinte: vocês não são sociedades primitivas. Vocês nunca foram sociedades primitivas. Houve época, é verdade, que vocês foram apontados como sendo sociedades primitivas, como sendo sociedades selvagens, mas isso mudou e sobretudo, mudou na antropologia e todo o profissional sabe hoje, que vocês são, isso sim, uma sociedade igualitária, ou pelo menos, vocês eram todas sociedades igualitárias. O que eu quero dizer com isso? É que se vocês olharem a sociedade, que vocês estão chamando de sociedade "branca", que na verdade, é uma sociedade de classes, ela é uma sociedade onde vocês tem uma grande maioria, que tem pouca coisa, ou quase nada ou às vezes nada, e uma pequena minoria que tem muita coisa, onde se dá a exploração do homem pelo homem, pelo próprio homem, através do salário. Isso vocês nunca tiveram na sociedade

57

de vocês, e porque vocês sempre foram uma sociedade igualitária, vocês tinham uma escola, que era a própria vida, essa foi sempre a grande escola de vocês. O que talvez ocorreu, é o que vocês disseram aqui, e disseram muito bem, e eu vou resumir por uma expressão: é que apareceu na vida de vocês, uma escola reacionária, se vocês não sabem, ainda, o que é isso, uma escola reacionária, eu vou explicar a vocês. É muito simples. É uma escola que é contra a liberdade, e na própria sociedade de classes, que é a sociedade onde eu nasci e da qual eu faço parte, porque não sou índio. Para cima de mim, pai, avô, bisavô, não há índio... As escolas também são, em grande parte reacionárias. São escolas que estão contra a liberdade das pessoas, que frequentam a escola. Pois bem, como vocês sempre foram uma sociedade igualitária, vocês sempre tiveram isso que vocês disseram aqui, uma cultura, diferente da nossa. E o que é essa cultura? É isso que vocês disseram aqui. Os valores, naquilo que vocês foram criados a acreditar e as crenças não é só a língua. A língua é importante, mas não é a única coisa importante numa cultura. Sem a língua, essa cultura realmente pode se perder, mas é o que está por trás, e que sustenta essa língua. E como é que é essa cultura? Vocês criaram isso que vocês falaram hoje aqui, que vocês tem, com tanto orgulho, uma cultura, as tradições que vocês falaram, a língua que eu estou resumindo por idéias de crenças e valores, personagens sobre os quais, muitos de vocês nem falam mais, porque ensinaram a vocês, que esses personagens eram perigosos, que eles eram fantasmas, e que vocês não deviam mais acreditar neles. Vocês criaram essa cultura, convivendo com a natureza, em primeiro lugar, como vocês falam aqui. A cultura de vocês, não poderia ter sido criada, e ela não poderá subsistir, sem essa convivência com a natureza, que é essa terra que vocês reivindicam. Nós não podemos ter uma cultura solta, ela tem que estar presa à natureza, na sua relação, na sua convivência. Em segundo lugar, vocês criaram essa cultura, na relação entre vocês mesmos, na convivência entre vocês mesmos, na convivência igualitária e agora vocês estão pedindo um respeito a essa cultura, mas conscientes, segundo eu entendi, no que vocês disseram, que sem vocês terem uma parte dessa natureza, vocês não conseguirão manter essa cultura e ela não conseguirá ser respeitada. Foi assim que eu entendi, e se eu não entendi, entendi mal, depois vocês me explicam. Finalmente, eu queria colocar uma coisa, que vocês já colocaram para todos nós, afinal, quem é e quem não é índio? Se eu perguntasse agora a um roraimense, que não seja índio. A um paraense, como eu, que não sou índio. Você é o quê? Ele me diria: roraimense! Você é o quê? Ele me diria: paraense. E a mim: sou o governo | supondo, cabe só, respeitar o fato da pessoa ser roraimense, e querer continuar roraimense. Da pessoa ser paraense, e querer continuar paraense, não cabe a mim, se eu fosse o governo, dizer: Não! Você não é roraimense! Não! Você não é paraense!. Então isso vocês responderam aqui. Afinal, quem é e quem não é o hapixana? O hapixana é que vai dizer. O próprio hapixana-

58

na é que vai dizer: Eu sou hapixana ! Quem é e quem não é macuxi ? O próprio macuxi é que vai dizer. Quem é e quem não é ingarió ? É o próprio ingarió que vai dizer e reivindicar o direito de ser ou não ser ingarió, de ser ou não ser índio. E assim eu entendi, pelo que vocês disseram, que vocês gostariam de ter uma escola, que tivesse relação com a sobrevivência de vocês, e com a identidade de vocês, de índios. Isso que vocês aprenderam ao longo do tempo, que a sociedade de classes rotulou vocês, como se coloca um papel numa garrafa, numa lata, dizendo: aquilo é um guaraná, aquilo é salsicha, aquilo é sardinha. Isso aconteceu com vocês. Vocês não eram índios, no sentido de que nenhuma língua indígena tem essa palavra. O hapixana, era o hapixana. O Acarió, era acarió, que foi o grupo no qual eu convivi, e sobre o qual eu vou contar uma história para vocês. Mas ao longo do tempo, vocês foram chamados de índios, no sentido pejorativo da expressão, no sentido negativo, no sentido mal visto, e agora vocês chegaram e disseram: Bom, se nós somos índios, então nós temos certos direitos ! E transformaram essa palavra negativa, numapalavra positiva. Assim é que eu estou entendendo o problema de vocês. Essa história da cultura é tão importante, que eu vou contar uma história para vocês, sobre um grupo, no qual eu vivi algum tempo, quatro meses, de uma vez, próxima da fronteira do Brasil com o Suriname, no Norte do Pará, que é relacionada às crenças e valores, que vocês tem também. Uma das coisas negativas, a meu ver, mas não é a única, é relacionada com histórias dessa natureza. Certa vez eu cheguei a uma aldeia, onde havia uma missão, e eu comecei a perguntar, ao viver nessa aldeia, para alguns índios, quem era um determinado personagem. Eles riam para mim, mas não falavam. E toda vez... todo dia eu perguntava sobre isso, e aí eu fui me tornando, na aldeia, uma espécie de bobo, uma pessoa boba, que fica perguntando sobre alguma coisa, que as pessoas não acreditam mais. Aí, as crianças brincavam comigo. Quando eu entrava na aldeia, elas chamavam o nome, em vez de chamar o meu nome, chamavam o nome daquele personagem, e eu falava para os pais delas: me conta uma história sobre fulano, me conta uma história sobre ciclano... Até que um dia, um líder jovem da aldeia, ele me chamou: Venha cá ! Hoje nós vamos conversar sobre a história. Nós sentamos, ele mandou as crianças sentarem, se fez muito silêncio, aí ele contou a história que ele sabia, ou pelo menos a parcela que ele sabia sobre esse personagem. Uma história muito simples, mas ao meu ver, muito bonita! Então ele me contou o seguinte: Que no princípio, havia um único índio, ele contou a história de como apareceu a primeira mulher dessa sociedade indígena. Então ele me falou, em síntese, era isso: No início havia um único índio. Ele vivia só, não tinha aldeia, não tinha comida. Ele comia o jundu que havia no rio, e não sabia fazer roça, não plantava mandioca, etc... e um dia ele foi pescar. (E para ele mostrar a mim, que aquela história, era real para ele, que tinha importância na vida dele, ele falou que ele foi pescar, e não foi com aquele anzol metálico, que eu tinha. Esse anzol que a gente com

pra na cidade e leva para os lugares aonde a gente vai. Ele mandou um garoto aparhar, como era esse anzol. Ele foi no galho de uma árvore e trouxe, realmente um galhinho que dava uma volta, igual como é um anzol. Ele pescava assim... ) ... A história é muito longa. Ele começou a pescar e não aparecia nada, apareceu algumas coisas, etc... até que num determinado momento, ele conseguiu pegar um peixe, pescou e jogou o peixe para trás, como faz um pescador. Depois ele acabou, foi procurar o peixe, não encontrou, ficou espantado, e falou: Onde é que está o peixe ? Aí ele ouviu aquela voz: "Ele, sou eu !" Aí, quando ele olhou, era uma mulher... Ele tinha pescado um Arapú, um peixe de nome arapú. Então ele me contando: assim surgiu a primeira mulher na nossa aldeia." Agora vejam bem: eu chego lá e conto que a primeira mulher surgiu da costela de um homem, que a Eva surgiu da costela do Adão, que é uma história horrorosa, que eu aprendi na minha sociedade. Não se trata de ser contra a religião, porque quando ele estava me contando essa história, isso fazia parte de uma coisa que ele tinha na sua sociedade dele, e que está dentro da cultura, que é também, a religião. É só isso !

\*\*\*\*\*

Eu peço que você se identifique, que dê o nome e a sua maloca.

Eu sou o Twhawa Zildo, da Maloca Serra da Moça, da Tribo Hapixana. Eu só quero mesmo, agradecer a presença de todos os twhawas que aqui vieram, juntamente atender a reunião da Educação, inclusive eu já ia viajar, mas como precisava de ouvir o que era que a Educação... a reunião da Educação, eu também, como Twhawa, vim participar. Eu não fui inscrito para falar, mas fui convidado para participar. Então eu só quer, que eu como índio twhawa, da Serra da Moça, há um ano que eu trabalho, que eu vejo, que eu sinto, que a Educação, para nós, é boa. Isso por quê ? Porque nos trouxe a entender melhor a sociedade. Isso porque trouxe para nós, um dia melhor, daqueles tempos passados. Nós sabemos que nos tempos passados, ninguém sabia o que era a escola. Sim, a nossa escola era o mundo em que nós vivemos, com quem nós aprendemos. Mas, depois, surgiu a escola no nosso meio, isso para podermos entrar também, na sociedade civilizada, porque nós aprendemos a ler, a escrever fazer as contas, para podermos também, ficar na sociedade da civilização, como hoje nós estamos. Alguns twhawas não sabem ler e não sabem escrever, e mesmo, não sabe falar na língua portuguesa, só sabe falar na própria língua materna, que é o macuxi, o hapixana, e outras línguas. Então, eu, como twhawa da Serra da Moça, eu só quero mesmo, agradecer, toda a comitiva que estão aqui, os professores, coordenadores, o governador que aqui veio conosco, também, falar e falou, eu ouvi, então eu estou muito satisfeito, com aquilo que ele falou, e que eu ouvi. Então, eu acho que nós, de agora para adiante, nós temos que estar em sociedade, isto quer di

69

ser, que o que nós aprendemos da escola, da educação, aquilo que nós aprendemos, a ler a escrever, a falar, a calcular, para um futuro melhor, e nós devemos estar contando com a colaboração da Secretaria da Educação e o governo, e o nosso presidente, que hoje é uma Nova República. Então nós estamos satisfeitos com esse agradecimento, que nós não tivemos, nunca tivemos esta oportunidade de falar publicamente, aquilo que nós sentimos, aquilo que nós, durante muito tempo, já vinha sentindo. Obrigado !

\*\*\*\*\*

Continuamos esperando a colaboração de quem ainda queira fazer alguma colocação.

\* Meu nome é Guiomar, eu sou antropóloga da Funai. Então, nesse debate e a algum tempo, eu acompanho o trabalho dos índios aqui no Território. Eu gostaria de colocar, apenas sintetizar determinadas coisas desse encontro. Gostaria de colocar o seguinte: eu acho que a lei é clara, que tem que ser ensino bilíngue e bi-cultural. Por quê houve essa lei, que tinha que ser ensino bilíngue e bi-cultural ? Porque as comunidades indígenas, falando outra língua, a criança, inicialmente, ela é socializada numa língua diferente da língua nacional, a língua dela, a língua materna. Então ela tem uma percepção do mundo completamente diferente da nossa língua. Então, essa criança, aos 7 anos, ela pode saber falar uma outra língua, que seria o português, mas ela não tem uma "cosmo-visão" do nosso mundo. Ela tem a "cosmo-visão" do mundo dela. Então, quando o governo do Brasil instituiu que tinha que ser ensino bilíngue e bi-cultural, foi baseado nas realidades das comunidades indígenas, onde havia já ocorrido uma educação. Então eu acho que a lei é clara, e o que os índios vem reivindicar aqui, é simplesmente o cumprimento da lei. Agora, o que há, é que a educação, a escola, é uma faca de dois gumes, tanto na nossa sociedade, quanto numa sociedade indígena. Ela pode servir para desestruturar o homem e tornar ele simplesmente, um selvagem, ou para libertá-lo. A educação, em todo o mundo, sempre foi assim. A educação formal, é que eu quero dizer. Porque os índios tem uma educação, uma educação que é dada pela própria cultura. O homem tem que ser educado. Ser homem é ter uma cultura. É um pressuposto, é a diferença entre o homem e o animal. E também, a diferença entre um homem e um animal, é possuir uma língua. Então a questão fundamental, que identifica um homem, é saber falar. Eu não posso pensar em homem, sem língua, sem cultura, sem os instrumentos de trabalho também. Então, eu acho que o que os índios falaram, numa forma simples, é que eles querem uma educação, para a sua libertação. Uma educação na língua indígena. Por quê tem que ser na língua indígena ? Porque as crianças só entendem, só compreendem o mundo delas. Apesar de saber falar o português, elas não tem uma visão do nosso mundo. Elas não tem a percepção do que ocorre na nossa sociedade

60

de. Muitas palavras que chegam, que os professores levam para a alfabetização, não tem o menor sentido na área indígena. Também eu vejo, que a educação em Roraima, não tem o menor sentido em determinadas áreas. Muitas coisas que são transmitidas para as crianças, as crianças não sabem o que é. Os livros didáticos daqui, são os livros que vem do Sul do país. É toda uma educação. Então, eu acho que o que os índios estão reivindicando aqui, é o natural. É uma escola que vise a sua libertação. Claro que os índios que estão aqui, não são os ianomamis, os wai-wais, os karufulianas, que tem pouco contato com a nossa sociedade e mantém seus padrões culturais. Então os mantém livres. Os índios que estão aqui, são os índios que dependem da escola, que dependem da nossa sociedade e existe uma relação de dependência, entre a sociedade envolvente e as comunidades indígenas. Por quê que tem escola lá? Porque eles necessitam desse veículo, mas esse veículo até agora, foi um veículo que simplesmente aumentou a dependência. Desestruturou as comunidades indígenas, e eu acho que os tuchawas colocaram aqui, a nova escola que eles querem. Uma escola para a sua libertação. Uma escola que mantenha as tradições indígenas, que ensina a língua e depois passa para o português, e ao passar para o português, a pessoa vai ter que sair com uma profissão. Por quê a profissão hoje? Por quê eles falam em profissão? Porque hoje eles precisam de determinados conhecimentos da nossa sociedade e não ficar mais...por quê ele precisa ser carpinteiro? Porque ele não precisa mais ficar dependendo de vir a Boa Vista comprar uma cadeira, ou adquirir com um fazendeiro. Ele pode se libertar. Ele pode construir. Ele tem um instrumental na mão, que vai ser dado pela escola. Então, eu acho que essa questão... eu acho que a Secretaria de Educação, tem que pensar bastante. A nova educação, a nova escola, é uma escola que vise integrar o homem como um todo, e não para desestruturar, que até agora foi o que se viu na escola da Secretaria da Educação. Ela simplesmente serviu para desestruturar ainda mais as comunidades indígenas. Serviu para transformar o índio numa mão-de-obra não qualificada, numa mão-de-obra qualificada, para vir para a cidade. Os índios da Baraco, que tem a 8ª série e os índios da Raposa, que também tem a 8ª série e outros lugares, o que ocorre? Ao chegar na 8ª, eles não querem mais pegar no cabo da enxada... porque até a 8ª série, os professores ensinaram a ler e escrever, para eles serem, ou virem para a cidade. Mas ao vir para a cidade, eles não vão ser burocratas no serviço público de Boa Vista. Eles vão exercer as piores funções. Eles vão ser o que? Vão ser um pária aqui nessa sociedade, nessa cidade, e é isso que está ocorrendo. Então eu acho que a questão, ao longo deste debate, ficou bem clara... é uma escola para a libertação dos índios, que eles querem. Uma escola bilíngue! Porquê que tem que ser bilíngue? Porque, digo, para ensinar as tradições, porque as crianças, elas só tem condições de ler e serem alfabetizadas na sua língua, pela percepção do seu mundo.

Tem uma outra coisa que eu queria colocar: essa escola, ela não tem que aumentar a dependência. A escola, se ela serve para aumentar a dependência, ela vai desestruturar. Por isso ela tem que aproveitar tudo o que tem numa comunidade indígena. Não quer dizer que eu vou ensinar debaixo de uma árvore, mas claro, que se não tiver escola, eu posso ensinar debaixo de uma árvore. Não vai ser o ambiente que vai fazer a escola, vai ser o conteúdo. Naturalmente, se você tiver um bom material didático, é a mesma coisa, que você tem para ensinar as crianças. Assim também, se você tem merenda, se você tem outras coisas, para você dar para as crianças, mas isso não quer dizer, que a escola tem que aumentar. Então, uma escola que vise um padrão de Boa Vista, não é ideal para uma comunidade indígena. Também tem que ser feito um trabalho de conscientização nas comunidades indígenas, que a escola vise a sua libertação, e essa libertação significa ficar livre de determinadas coisas dos "brancos", ou da sociedade envolvente, que eu prefiro usar. Por exemplo, a questão do próprio índio ter uma merenda. Se fosse dado recursos, a nível comunitário, para ele plantar uma roça, fazer a comida tradicional, seria muito melhor, do que levar a merenda da escola, mas se não tem condição, leva a merenda daqui, não é uma coisa radical. Se a escola é muito grande, como temos na Raposa, há a necessidade de merendeira, mas se é uma escola pequena, que não tem necessidade de merendeira, é uma escola, às vezes numa comunidade que tem 70 habitantes, pra que que você vai colocar uma merendeira? É 70 habitantes, quantos adultos? Quantas crianças? Quais as crianças na faixa escolar? Aí você tira, na faixa escolar, quando muito tem 25 crianças, ou 20 crianças. Uma escola que tem 20 crianças, 10 crianças ou 30, ela não necessita de uma merendeira. Então tem que estudar as condições da comunidade indígena, e que essa escola, ao invés de aumentar a dependência, ela seja o inverso, ela venha a libertar os índios! É isso que eu queria falar!

\*\*\*\*\*

Nós continuamos a pedir a colaboração do povo. Eu acho que vou começar a chamar... Eu sei que tem alguém aí que está querendo falar, e parece que agora perdeu a voz... Era você mesmo, Evaldo!

Uma boa-tarde!

Para quem não me conhece ainda eu sou o Evaldo, trabalho na Divisão de Etnografia e Folclore do Departamento de Cultura. Teria pouca coisa a falar aqui. Eu gostei muito de ter ouvido. A Divisão em que eu trabalho, eu não vou falar em nome dela e nem em nome do Departamento de Cultura, porque não me foi dada essa incumbência. Eu vou falar como membro dessa Divisão e de uma Divisão que se viu envolvida, há um ano atrás, com a questão da educação indígena... e nessa experiência que nós tivemos, foi uma experiência bastante rápida... nós pudemos sentir, que há uma complexidade muito grande, para a operacionalização



63

de tudo o que está sendo dito aqui ! É claro que é muito importante o que está acontecendo, mas o que está acontecendo ainda, exceto, o fato em si de estarmos aqui reunidos, tudo foi teorizado. Sabemos do que precisamos, agora, me parece, que como nós vamos fazer isso, é uma outra questão. Na pequena experiência que nós tivemos, em discussões sobre como modificar a escola existente na área indígena, nós percebemos que há "m" (muitas) alternativas, há muitas tentativas. Já houve muitas experiências inclusive em outras regiões do Brasil, e nós não podemos deixar de olhar para essas experiências, para enxergar, o que pode ser feito e bem feito, e o que não deve ser feito ! A Secretária falou, com muita propriedade e acertou, quando perguntou quem é que vai fazer isso ? Quem é que vai ensinar o macuxi nas escolas ? Ou quem é que vai lecionar nessa escola de formação de professores indígenas ? Quem é que vai elaborar esta cartilha ? Quem é que vai estudar a estrutura da língua, para poder passar essa língua para uma representação gráfica correta ? Então me parece, que esse é o primeiro passo, mas o segundo passo é um pouco mais difícil e muito complexo. Eu gostaria que houvesse a mesma seriedade, na continuidade desse trabalho. Como foi colocado aqui também, pelo representante da MEVA, a questão do ensino bilíngue, é uma questão que traz muitos problemas, na sua aplicação, é preciso que haja um certo sentido científico. Que haja uma seriedade científica. Não que a Ciência seja uma panacéia, para todos os males que nos afligem, ou que ela vai dar a resposta a tudo, Eu acho que, falando para os técnicos da Educação, principalmente para as pessoas da Educação, que vão tentar operacionalizar este trabalho... a Divisão, por ter sido engajada nesta discussão, por algum tempo, ela já tem algum material, que pode respaldar ou dar um embasamento para discussões sérias sobre o que pode ou não, ser feito. Sobre a maneira como se fazer. O Valdir, me lembrou bem aqui, agora, que no mês de julho desse ano, alguns índios do Brasil foram participar de uma Convenção em Genebra, na Suíça, representando os povos indígenas brasileiros, e levaram uma proposta para a Educação Indígena. Foi uma proposta feita por técnicos e por índios técnicos do IKESC, e por índios da União das Nações Indígenas. Nós temos essa proposta, que também pode servir para uma base de discussão, no que deve ser feito. O Valdir, depois, poderia falar, de como foi recebida essa proposta e até mesmo, da atuação dele lá em Genebra. Contar para a gente como foi recebida, e esta experiência dele. Eu acho, que em linhas gerais, o que eu gostaria de dizer ou de chamar a atenção, é que nós não vamos nos iludir, e pensar que vamos sair daqui, e que daqui a algum tempo, nós vamos poder ter resolvido o problema da educação indígena. A operacionalização de tudo isso, que está sendo aqui colocado, como fazer isso realmente acontecer, é muito difícil. Eu espero que tanto os técnicos da Educação, como os índios que vierem a participar dessa discussão, possam ter a mesma seriedade que estão tendo aqui agora, participando desse debate. É isso que eu queria dizer. Obrigado !

64

Bom, eu estou me propondo e eu estou garantindo trabalhar na nossa língua macuxi. Eu sou professor da escola Índio Galermo, na Maloca do Perdiz ... . Meu nome é Abel Tobias. Sim, eu falo a minha língua macuxi - ( falou em sua língua ) eu estou falando que estou falando a minha língua macuxi e deve trabalhar nessa situação. Bom, no período do ano, no ano passado, nós tivemos um trabalho, fazendo uma cartilha, como temos recebido as apostilas, que vai para a gente lá no interior, para alfabetizar as crianças. Hoje está aqui, o nosso livro feito, com a colaboração da Diocese. Feito por nós. Então, as famílias, como está colocado na cartilha da Pipoca. Então mesmo assim, está a nossa, na nossa língua macuxi escrita. Então já comecei a trabalhar a minha língua, a própria língua escrita. Como escrever algumas palavras. Então essa aqui é a cartilha de 1ª série. Bom, aqui está também ( falou em sua língua ) A Nossa Língua, significa em macuxi ..... 3ª série. Então fazer ... Eu vou ler como está na gramática: Tem aqui: comparativo de igualdade, comparativo de superioridade. Comparativo de igualdade: "Eu sou bom como ele" - ( em macuxi ). Comparativo de superioridade: eu vou ler aqui: para formar-se um comparativo de superioridade, usa-se termos ... ( em macuxi ), geralmente o primeiro é utilizado para coisas, e o segundo, para as pessoas. "Eu sou mais bom do que ele" - ( em macuxi ). Então aqui, já começamos a trabalhar e tem o dicionário português, em macuxi, como o inglês, vamos dizer. Inglês tem, inglês de um lado e português do outro lado, para a gente entender o que está dizendo. Então assim mesmo nós temos aqui, algumas palavras. Então aqui: português, ao lado, macuxi. Então assim nós estamos começando a trabalhar, então eu quero trabalhar ! Eu estou me comprometendo e eu gostaria de trabalhar. Minha finalidade é ficar nessa situação como a minha própria língua mesmo ! Com meus tribais, vamos dizer, os índios. Mesmo assim, estamos prosseguindo o trabalho da nossa cultura indígena, e aqui está o livro dos macuxis, vamos dizer, a História, desculpe ! A História antiga dos nossos avós, que contam. Então aqui nós pegamos em português e traduzimos em macuxi. Já temos alguns livros que possam ser usados. Deveria então, como estamos entrando, como estamos dizendo que está na abertura para poder fazer os trabalhos, o prosseguimento dos trabalhos., inclusive eu estou gostando, juntamente com os senhores, que estão participando, que estão concorrendo, e mesmo o governador do Território, e então, estamos prontos para trabalhar nisso. Eu sou índio ! Eu não posso ser "branco", né ? Vamos dizer, eu falo a minha língua, a minha cultura, a minha dança, a minha medicina ! Eu já estou quase entrando para ser um Pajé. Eu já sei mais ou menos, eu já vi o Pajé bater folhas. Vamos dizer então, que eu devo ficar nisso. Já sei o que é a cultura do índio. A trança. A reza, vamos dizer, eu não sei se já saber por aqui, as rezas. Chama-se Tarém. Tarém, isso aí, é quando a pessoa está doente, que o remédio não está curando, então a gente faz aquela oração no sujeito, na cabeça, no coração, então. Isso que eu estou



la, que ele tem boa vontade e está começando. Muitas palavras estão erradas. Então eu estou disposto e eu garanto que o que eu estou fazendo, eu garanto de mostrar o meu trabalho que eu fiz também. Ajudar ... Eu até poderia ser um professor também, para iniciar, mas eu estou ajudando. São coisas boas que nós estamos fazendo, quando houve pergunta do rapaz, que a Secretária falou, perguntou que vocês deveriam dizer que que seriam esses professores ? Eu acho que nós não começamos a dizer, agora o professor já começou a dizer: eu ! Ele já está disponível, então já tem um, mas não é só ele, nós precisamos de todas as nossas comunidades, viu tchawawas ? Nós precisamos de todos. Quem deve escolher somos nós, vocês, os tchawawas de todas as comunidades e o professor, mas isso vocês deveriam pensar desde já e lançar logo a sua opinião, dizer se tem uma pessoa disponível, que tenha a boa vontade, então essa pessoa deve logo começar a dizer, dar até o nome, quem sabe. Aí então a pessoa já fica conhecendo, sabendo. Digamos assim: lá no Maturuca, já tem. Ele pode até apresentar, já tem uma pessoa disponível ? Tá no jeito ! Na hora em que começar ele já está aí. Digamos assim na Raposa, se tiver, a mesma coisa, já entrega na Secretaria, para ficar sabendo. No caso, se acontece no meu lugar, Cumanã também já tem. Isso é o que nós deveríamos fazer, porque aí, já que já falamos, pedindo e nós mesmos que temos que escolher o nosso professor, para a nossa comunidade, então tem que ser escolhido por nós, pela própria comunidade. Não é isso, pessoal ? Pois sim, isso é o que eu quero dizer, que nós não podemos, porque olha, toda vez que nós estamos pedindo para falar um pouco, nós estamos ainda contando os fatos, como uma coisa ... Então eu acho que agora deveria partir desde já, e em poucas palavras, mas dizer, se existe na nossa comunidade, essas pessoas, pelo menos, na minha comunidade existem algumas pessoas, que já sentem, que tem vontade. Eu estou com vontade de ensinar. Quer dizer que eu sou analfabeto na linguagem portuguesa, mas na minha linguagem, na minha matemática, própria do índio. Na minha trança, na minha dança, na minha língua, tudo, eu sou mestre ! Eu já tenho a formatura disso, porque eu sei fazer tudo. Sou formado porque eu sei, né ? Porque meu pai me ensinou, me ensinou a oração, ensinou a dança, me ensinou os cantos e ainda estou aprendendo, toda vez, todo mês eu estou aprendendo. Então eu já estou me informando, eu tenho para ensinar o canto. Eu seria um para ensinar o Tarém, a oração. Eu seria um para ensinar o Maruá, o Iuruá é uma oração cantada. Uma coisa assim que estou aprendendo. Eu seria um, no caso que haja, mas nós temos que começar. Quer dizer que eu já estou disponível, e tem o professor, assim também deve nascer de vocês, vir de outras comunidades. Não vão esperar que, o Tarêncio, só ele deve ensinar todo o Território, não ! Vamos escolher em cada comunidade os nossos professores. Então eu estou dando uma saída para vocês. Nós estamos com um problema de escolha de nomes, que a secretária falou. Vamos dar mais ou menos o rumo, se tem ou não tem,



uma carga muito negativa, que vai, inclusive, dificultar muito, a vida do índio daqui para a frente. Mas, nesse sentido, de esclarecer os pequenos e os pais também, porque, tem muitos meios de comunicação, rádio, televisão e sempre é pesado, o que sobra para a parte do índio, a História do índio, para na Secretaria de Segurança, não vai para a frente. Se houvesse a possibilidade de divulgar, de promover o índio, se tivesse um espaço nos meios de comunicação, para esclarecer a população, porque Roraima, a população de Roraima, eu sinto assim, como um de fora, eu sinto que ela é bastante preconceituosa. Bastante mesmo, é violenta até ! Para o índio, para o estrangeiro e para os de fora, que são os brasileiros de outros Estados, no meu caso. Eu acho que ela é bastante violenta, ela parece que esquece que Roraima também os nativos não só os índios, o resto também é importado. Para os índios, todos nós somos estrangeiros. Aqui, agora está entrando a Universidade, está começando o progresso, mas as pessoas vem de fora e vão formando. Era só isso !

\*\*\*\*\*

Meu nome é Jaci, repito mais uma vez. De manhã eu apresentei alguma coisa. Sou da maloca do Maturuca, Jaci Oliveira da Souza. O que o nosso amigo estava apresentando, então, nós estamos atrás de organizar a nossa cultura, a nossa língua. Estudando, porque já tem alguma coisa aí, já feito. Lá no Maturuca, é pequeno o que nós iniciamos lá, e estamos traduzindo alguma coisa da escrita do português, em macuxi. Então, nós achamos muito bom, e muito importante para nós, é por isso que eu estava dizendo de manhã, que precisamos desta organização. Agora nós ouvimos aqui também o nosso amigo, lendo alguma coisa. Então nós queremos reforçar mais, e estamos escrevendo, traduzindo o canto da Igreja, traduzindo outras coisas mais e vamos traduzir uma porção de coisas, é só que ficou parado, não fizemos bem o trabalho, porque não foi aceito. Como eu falei de manhã. A gente começou a trabalhar assim, não, primeiro tem que ensinar este que está pedindo aqui, esse livro, então, nós já temos iniciado alguma coisa. Agora, os nossos livros, porque a gente, eu, não esperava também que ia participar dessa reunião, que eu não trouxe, mas nós temos na mão, já escrito em macuxi. Também, aqueles que não entendem, e que nós vimos, aí que o nosso amigo Abel, leu alguma coisa para nós... então se a gente tem alguma coisa, vamos continuar fazendo este estudo nas escolas, porque só um lado, deixando, como falei, deixando a nossa língua de um lado, só querer aproveitar a língua emprestada, isso não está certo. Então, para nós é muito importante, nós estamos aí, como nós chamamos o "branco", vocês escrevem na língua de vocês, e nós precisamos também, de escrever a nossa língua. Enviar carta para os nossos parentes pela nossa língua. Então é isso que nós estamos começando a pensar. Muitas vezes, se diz que o índio é burro, mas através de chamar de burro, o índio está também, criando a sua cabeça. Está fix

cionando a sua cabeça. Se não fosse isso, ele não tinha traduzido a língua portuguesa em macuxi, por escrito, mas ele é inteligente, então ele está começando a fazer... É isso que nós estamos pedindo, para que funcione logo esta escola. Aonde existe a escola, na maloca, tem que ser professor índio, daí um se comprometeu para fazer o trabalho. A gente espera que tudo tem que ser aceito. Aqui em Roraima, tem que ser todo mundo, o povo indígena, ter a sua escola, ensinando a sua língua e traduzindo uma porção de coisa escrita em português para o macuxi. É só isso !

\*\*\*\*\*

Eu me chamo Valdir Tobias, representante da UNI- União das Nações Indígenas, aqui do Território de Roraima. Sobre o rapaz que falou que eu pudesse colocar alguma coisa, que eu fiz uma viagem para Genebra, na Suíça, representando os índios aqui do Brasil. Não só daqui do Território de Roraima, mas representando os que estão sendo relacionados 180 nações indígenas daqui do Brasil. A minha viagem até lá, foi ótima. Eu fui bem recebido e fomos tratar na ONU, na Organização das Nações Unidas, todos os representantes, de todos os países das Nações Indígenas. A oportunidade de um macuxi, que nem como eu, Valdir, para chegar até lá, representar o que nós aqui, os índios de Roraima, estamos querendo. Foi relatado os mesmos problemas, o que a gente está querendo conseguir, de hoje em diante. Sobre a Organização dos Direitos Humanos dos Povos Indígenas do Brasil. É só até aí, eu vou me despedir. Obrigado !

\*\*\*\*\*

Eu, sou Clóvis Ambrósio, Tchawa da Maloca da Táboa Lascada, distante daqui há trinta quilômetros. Creio que muitos daqui, conhecem como é lá, a nossa situação. Muitos professores já chegaram até lá, e nós temos aqui, quase todos os professores já chegaram até a nossa aldeia, e viram de perto como é a nossa situação. O que nós falamos, em relação à escola. Para nós montar essa escola, bilíngue, como se diz, como fala a Guionar, para a libertação dos índios, é preciso que nós, índios, nos manifestemos junto com aquelas pessoas que são capacitadas, para que a nossa língua seja captada, para que ela seja traduzida em português. Para que ela seja traduzida em português na nossa língua, para sair bem correta, para que ela não venha a sofrer mais tarde, uma consequência, de não poder mais continuar, chegar ao fim. Então por isso nós precisamos desses professores linguístas, que saibam bem a gramática da língua portuguesa, para que seja traduzida na nossa língua. Então, para isso nós temos pessoas. Nós temos professores jovens, que são formados, que sabem falar a língua própria deles. o hapixana. Nós temos velhos, de quem nós podemos colher muitos dados também, que seja legal para desenvolver um trabalho em nossa comunidade. Então isso, eu diria assim, para os senhores, que é bastante importante para nós, porque



nós temos materiais escolhidos, mas achamos que não é suficiente para desenvolver um trabalho desde a 1ª série até a 8ª série, na nossa própria língua, porque mais tarde vai cair em decadência, não vai ter continuidade e vai parar ali, e vai acabar novamente. Por isso nós queremos, que se modificar os colégios das áreas indígenas, que é preciso que nós tenhamos estruturas suficientes, para continuar até o final do man do, talvez. Então, eu quero dizer com isso, também, com relação à escola, que se diz merenda, ou merendeira, é que nós que moramos nas malocas. Moramos mais distante, mandamos os nossos filhos para o colégio, às vezes, conforme falou o cidadão, que caiu a filha, por falta de comida, mas é a falta de merendeira, em primeiro lugar, porque há pessoas que dizem que não é necessário, mas da minha parte eu digo que é necessário, porque nós, que trabalhamos de dia na roça, vamos dizer, a mulher vai fazer farinha, o homem vai capinar, no outro dia ele vai caçar, outro dia vai fazer não sei o que. Então, todos os dias temos o que fazer, então, por quê que não temos o direito de ter uma merendeira, nomeada pelo governo ou pela Funai, para fazer esse trabalho para a gente, conforme propôs a dona Malu, que disse que poderia ser um grupo para cozinhar, mas todos os dias, lá na nossa casa, as meninas aprendem a fazer a nossa Damurida, que é a nossa comida original, a Damurida. Todos os dias, então aquilo é do dia a dia. Então alguém falou, então deve ter a merenda adequada para os índios do dia a dia, mas aonde os índios vão adquirir? Esse tipo de comida, para todo o dia levar para o colégio? Que o índio não tem biscoito, o índio não tem ... O biscoito dele é bijú, é a farinha, é um peixe cozido, é um peixe na Damurida, é um jacaré assado, assim, o índio não tem! Hoje, pior que está a situação ainda, que nós não temos mais para aonde correr... vamos buscar que lá tem muito. Já estamos todos rodeados. Então, queremos dizer, queremos se salvar por essa parte, nesse sentido, de que nós estamos encurralados. Não temos para onde pular. Não temos que esperar mais caça chegar para a nossa mata, porque já está tudo cercado. Então, nesse ponto, eu digo que ou melhor, eu digo aos senhores, que é preciso que o próprio governo, que já montou essa escola dentro das comunidades indígenas, olhe também essa parte. Nessa parte de ter uma pessoa paga para fazer um determinado trabalho, para que não envolva a nossa comunidade, para que não envolva a nossa família, pois a nossa família é envolvida nos trabalhos do dia a dia. Nós temos também... Eu vou pular um pouco do assunto.. Há entidades que quase agredem as malocas, quero dizer, como nós temos a Aster, nós temos o Mobrai, que vão mobilizando as coisas lá dentro, assim fundando, um coisinha que depois vai surgir uma série de preocupação, depois é o índio. Criar clube de Kêes que o índio não sabe nem o que é isso. Criar mais não sei que mais, quer dizer, criar uma série de dependências para o índio lá dentro. O índio aceita sem saber para que... e depois... como é que vão viver? Viver zangado um com o outro, porque um pegou mais, outro pegou menos, o outro não sabe lidar com aquilo, quer dizer que sur-

ge uma série de brigas. Então é preciso, que nós, índios e o órgão que cuida do índio, tenha também presença direta dentro da própria comunidade indígena. Não através de convênio. Não é através de mandar outras pessoas, que não tem nada que ver com a comunidade indígena. Vão lá apenas, porque tem um convênio assinado... vão só visitar multas vezes. Então, isso, nós precisamos de reconhecer e o próprio órgão tutelar dos índios, deve levar o trabalho avante, mais com a sua própria presença. Também nós temos, alguma coisa que apresentar, no caso, como a justificativa de que essas coisas são negativas, são as próprias presenças dos visitantes dentro. Os próprios técnicos que mudam o trabalho lá dentro, depois diz que não prestou. Não prestou porque não é do gosto do índio. Não é o que o índio quis, é do que eles querem impôr para lá. Como se diz, há uma discriminação de merendas para as comunidades indígenas e as comunidades rurais, que pertencem aos municípios, pessoas brancas, então são escolhidas. Vai uma coisa que é bem do gosto, aceito pelos filhos lá das pessoas, e ao índio vai aquilo que já está enfeitado. O biscoito já está furado, o leite já está dando bicho, o fubá já está tudo bichado, então, consta essas coisas. Por onde eu andei, por essas escolas, e perguntei como é que é a situação, então a situação que eu conto é essa, e se me contaram, e se for mentira, a culpa não é minha, é porque as próprias pessoas da comunidade me falaram essa parte. É só isso. Obrigado !

\*\*\*\*\*

( ... houve um corte no início da colocação do twchawa ... )

... Isso aí que o

twchawa está falando, sobre o estudo, sobre o grau de estudo, eu levo ao conhecimento que o estudo da língua indígena; Nós estávamos falando dos livros feitos, ainda no início, eu quero que os senhores entendam que, na língua portuguesa, eu acredito, que logo no início do estudo da língua portuguesa, começou desse jeito, do jeito que nós estamos querendo implantar... Foi difícil. Porque nós temos dicionários portugueses, e não é todos que falam a palavra que combina, com aquelas palavras. Eu fico certo de dizer que o dicionário passou muito tempo para ser feito, uma língua gramatical. Então a nossa língua também, macuxi e hapixana, nós podemos fazer também assim. Logo no início, tem várias palavras erradas, como diz o twchawa Terêncio, então nós vamos corrigindo, corrigindo e corrigindo até colocar na posição da palavra certa, mas no início, nós já temos livros, a língua macuxi traduzida. Com tudo isso, a oração, a reza, a Bíblia, inclusiva, nós já temos a Bíblia macuxi traduzida. Então isso pode ajudar, pode nos ajudar. Mas eu quero dizer que não tem livros, mas o livro vem da nossa tradição, dependendo do nosso esforço,. Então a série, a língua macuxi e a tradução de índio, não tem série, quer dizer, não tem 1ª série, não tem 2ª série, não tem 3ª série, não tem. O que vale, é que o índio saiba fazer toda a cultura. Eu não sei

7

se eu estou falando, assim, fora, mas para mim, o valor que o índio tem, é de fazer to-  
das essas coisas que se deve fazer, que tenha proveito: a trança, a reza, o canto, a  
caça... Eu acredito que todos nós, os civilizados também, chega na altitude maior, fa-  
zendo aquelas coisas que se pode fazer. Quero dizer assim, uma professora, um advoga-  
do chega num grau mais elevado, porque ele sabe aconselhar, ela sabe ensinar a pessoa.  
Então, eles chegam ao grau de ensinar e repreender. O índio também tem isso. Se ele  
sabe toda a reza, se ele sabe pescar, trançar... então ele já sabe ensinar também aos  
outros. Ele já tem um grau. Eu digo assim: o estudo da língua macuxi, não tem série,  
como, a não ser que invente, eu posso dizer... invente né? Se souber trançar, se já  
sabe pescar, se já sabe rezar ou se já sabe tratar... Vamos dizer, em primeiro lugar,  
o índio, como nós, começou a rezar por uma pessoa doente, então vamos dizer que ele  
já está tirando um diploma de doutor. Já chegou no que ele quer. Eu posso dizer as-  
sim, que o professor, nós já estamos falando do professor, na formação do professor,  
ele que chegue a aquele grau que não tem mais nada o que fazer, porque o índio tem até  
um certo tempo. Não passa mais do que isso. O que é importante para nós, é a nossa  
tradição, a nossa língua, falar, traduzir, e isso também, eu tenho certeza que tem um  
brasileiro, no Brasil, que trabalha nisso: traduzindo uma língua para outra. Nos ín-  
dios também podemos encontrar uma pessoa, que através do nosso estudo na nossa língua,  
lendo e escrevendo claramente, gramaticamente, para mais tarde nós termos dicionários,  
nós termos um livro com as palavras certas. Eu acredito que era isso, só queria dar  
a resposta ao twohawa sobre isso. Eu acho que não tem série, para mim não tem série,  
o que é importante é ele chegar a saber fazer toda a nossa cultura, a nossa tradição.  
Eu não me comprometi, mas eu digo assim, que eu também poderia ajudar na minha língua.  
Basta para nós, ler e escrever e já nós podemos traduzir na nossa língua. A nossa  
língua usa quase as mesmas ... A minha língua é a hapixana! Então ela usa a mesma  
letra da língua macuxi, mas por aí a gente pode conseguir os nossos livros hapixanas.  
Esqueci de falar o meu nome. O meu nome é João Batista da Silva, da Maloca Pedra Bran-  
ca.

\*\*\*\*\*

Com relação aos professores de idioma indígena, artesanato indígena, houve  
um senhor, que parece, se eu não me atrapalhei, erri mal, me parece que ele falou que  
era difícil. Eu digo o contrário: sim, pode ser difícil por parte de, digamos assim,  
que quanto à língua, o nosso idioma, nós temos pessoas, professores formados, que é o  
nosso pai, os nossos pais, são os nossos avós. Para mim eu considero os verdadeiros  
professores. Só que por motivo, do assunto que já foi relatado, pela parte da manhã,  
até agora, há poucos minutos, houve esse atrapalho de nossos pais não nos ensinar, a  
nossa língua. Quanto ao professor para o artesanato, fica difícil por uma parte,



escola de índio, de repente. Se índio nunca precisou de escola, não ? Nós vemos ianomamis, nós vemos tribos que não existe escola formal, não tem escola formal, não precisa de escola. A escola é a vida, a experiência do mais velho, que vai passando, a tradição. Agora, de repente, a civilização entrou, a aculturação é inevitável, então nós temos que descobrir essa escola. É inevitável, o índio está em contato direto com a sociedade de classe. Sem dúvida, esse índio não só precisa da escola, que seria de características indígenas, valorizando a pesca, valorizando a caça, valorizando fazer artesanato, valorizando a trança, etc, mas ele também precisa aprender o português, ele também precisa aprender a matemática, porque principalmente vocês, que vêm aqui na feira, e fazem negócios com o branco. Então precisam saber fazer contas, precisam não se deixar ser logrados pelo branco. Precisa saber fazer o troco direitinho. Então, todas essas coisas, precisam ser aprendidas. Como fazer essa escola, com relação à cultura de vocês e com relação à cultura do próprio branco, que é inevitável, principalmente para vocês. Bom, a resposta nós não temos pronta, porque a crédito que nem o próprio índio sabe, como fazer a escola do índio, porque o índio nunca teve escola ! Eu já falei isso e estou repetindo novamente. Gente, nós vamos encerrar o nosso trabalho, eu vou passar para o Santoris, que é o coordenador desse trabalho. Eu acho que foi, assim, motivo de grande satisfação para nós, vê-los todos reunidos aqui. A representação dessas 48 comunidades indígenas, que aqui vieram. Nós pedimos desculpas de todas as nossas falhas, foi um primeiro dia, uma primeira experiência... Nunca tivemos experiência em debates. Nós agradecemos a presença de todos os representantes das malocas.

\*\*\*\*\*

Colocação da psicóloga Elza Carletto ...

Eu queria só perguntar uma coisa, de todo o trabalho que foi desenvolvido aqui hoje, vai ser tirado algum documento ?

Clha, nós já temos uma equipe formada, e todo esse trabalho está sendo gravado aqui, para trabalharmos em cima da construção disso, da transcrição disso, se por via das dúvidas, alguma coisa está sendo passada aqui, porque nós temos as garotas aqui na frente, que estão resumindo, sintetizando tudo isso, para elaborarmos um único documento, que chegará nas mãos do senhor presidente da República, no dia 12 de outubro. Não só a proposta da área indígena, mas da área rural, que vai continuar amanhã e da área urbana, que começa também, às 17 horas, amanhã.

Então eu queria saber também, se depois que o documento estiver pronto, se a gente pode, tem o direito de rever o documento

transcrito ?

- Olha, isso, nós temos essa pretensão. Já estudamos, já pensamos, em termos do retorno à comunidade, daquilo que foi proposto, e que pensamos e queremos fazer isso, sem dúvida, antes do dia 12 de outubro.

- Sim, mas não só a comunidade indígena, nós também podemos ver ?

- Com licença ( Luiza Carmem, do Museu Integrado ), um minutinho. Além da sua equipe formada, com os membros da educação, parte também interessada, vai fazer parte a comunidade indígena. Ou seja, a sua representatividade, através dos tw-chawas.

- Mas eu volto a insistir, porque eu queria saber se esse documento vai ser publica do aqui em Roraima, se nós vamos poder ver este documento, antes dele ser entregue, independente de nós sermos da comunidade indígena, ou não ?

- Olha, eu não sei até que ponto, toda a sociedade da Roraima, teria inte resse como você está tendo. Eu estou assim, satisfeitiíssima de ver o teu interesse, nós gostaríamos que todos cobrassem da gente, este documento. A elaboração disso fei to. Eu não sei como nós levaríamos isso, você poderia dar até sugestão, a nível da sociedade roraimense, que estão preocupados com os problemas deles, porque amanhã vi- rá o problema da área rural e da área urbana, e nós temos que levar um retorno da sua realidade, a eles, entende ? Então, é nossa preocupação como levar às comunidades indígenas. Agora, aos interessados pela causa indígena, eu não tenho dúvida, a nível do departamento de Cultura, eu acho que nós podemos recebê-los. Vocês estando lá. A nível de Museu. Nós estamos aí, com uma equipe, preocupada com isso.

- Sabe, nas escolas a gente acha interessante receber este documento nas nossas esco- las, tendo em vista, que as escolas ficaram impossibilitadas de participarem direta- mente do evento hoje. Então a gente gostaria que fosse encaminhado para as escolas, porque é uma forma da gente colocar, não só a escola, mas também, a comunidade, ao par do aconteceu aqui hoje, e principalmente, rever este documento.

- Olha, outra coisa que eu gostaria de colocar, que este material de deba- te, que está acontecendo hoje e vai acontecer amanhã, vai ser subsídio para a elabora- ção da proposta, do plano de educação do Território, desses dois anos. Eu acho que esse documento, toda a sociedade vai ter acesso, certo ? Vai chegar a nível de es- cola. (Com relação à educação indígena,) a nível de proposta, nunca houve qualquer re- lação, qualquer mencionamento, etc. Eu passo a palavra para a Maria Antônia, que ela poderá fazer um melhor esclarecimento.

- Eu diria que no documento vai ser elaborado, em termos de Secretaria de

Educação, o retrato daqui de Roraima, a educação, digo, a situação indígena, terá o seu destaque. Agora, é claro que o documento, será uma síntese e essa síntese será devolvida à toda a comunidade e à toda a escola, mas independente da síntese, na Secretaria de Educação, deverá ser formado um grupo, que tratará especificamente deste tema. Então, a esse grupo será entregue um documento completo, de todas as reivindicações, onde poderá ter continuidade o trabalho hoje iniciado, e que realmente, na soma de esforços, de vocês da comunidade indígena, da Secretaria de Educação e da Funai, a gente espera alcançar o que a gente se propõe hoje. Então, nós, Secretaria de Educação e vocês, que são as pessoas da comunidade, que hoje assumem esta responsabilidade, junto conosco. Então, eu vejo que nós, Secretaria e Funai, porque se um órgão assumir sozinho, o outro não executa, é preciso que haja a soma de esforços. Com a soma de esforços a gente pode atingir o nosso objetivo.

- Parece que eu não me fiz entender muito bem. A minha preocupação, é basicamente saber, se antes de o documento ser encaminhado à Brasília, se nós, enquanto pessoas, educadores, enquanto moradores de Roraima, se vamos poder tomar conhecimento desse documento, antes de ele ser encaminhado à Brasília. É só isso que eu queria saber...

- O encaminhamento aos setores que hoje participam, ele será encaminhado. Agora, se tiver condições de em tempo ábil, ao receber, encaminharem as propostas de reformulação, porque nós temos a data de 12 de outubro, para apresentar este documento no Ministério da Educação, em Brasília. O prazo é pequeno, mas será bem divulgado. Encaminhado às instituições, publicado o documento em jornal, então, se as instituições nos acompanharem nesse trabalho, nós podemos manter esse debate em reformulação. Então a gente espera que exista a comissão e o retorno, a crítica, para a melhoria. Agora, eu não posso dizer, porque a gente tem também que cumprir um prazo. Depende do período que as pessoas darão essas informações, esse retorno. Então, a medida que o documento for elaborado, ele vai sendo divulgado, e as pessoas podem nos procurar.

- Era só isso, Obrigada.

( Esse debate envolveu a psicóloga Elza Carletto, a professora Ialu e a professora Maria Antônia.

\*\*\*\*\*

Colocação do Padre Pedro:

Eu queria pedir assim, nas pontas dos pés, uma pergun-  
tazinha, a respeito da divulgação do documento, que a professora está pedindo lá. Eu

aco que é bom, por enquanto não... opinião minha ... não fazer o passo maior que a perna. Não vamos nos queimar, por um sentido muito claro, aquele que falou, o Laurício, fez uma colocação neste microfone, sobre a disposição psicológica do pessoal. Agora, nós ficamos realmente admirados do caminho bonito, que a Secretaria está fazendo a respeito, mas eu acredito que, é bom não se iludir e ir correndo demais. Eu acho que a proposta da Maria Antônia, quem está interessado que procure o documento, agora, uma certa divulgação seria boa, mas eu gostaria que fosse os tchawas, eles, a dizerem, como, que grau de divulgação deveria haver, porque pode ser que é melhor que alguns ambientes, que não merecem, o documento não chegue, mas é a minha opinião. Seria bom perguntar ao tchawas, o que eles acham da divulgação desse documento, porque este é um dia sofrido de construção, quando a senhora, nós vamos dar este documento na mão de gente que não participou e nem viu, é umasíntese, então vai haver, vai acontecer alguma coisa não claro, é a mesma coisa que ver uma síntese de alguma coisa que não viu inteiro. É a opinião minha, quer dizer, eu vou perguntar aos tchawas que grau de divulgação esse documento deveria ter? Porque não deve colocar coisa na mão de gente que não participou, não viu, não se entende, não tem nem intenção de entender, nem tem vontade de explicar e de procurar uma solução de paz e de afinidade a respeito disso.

\*\*\*\*\*

( colocação do senhor Adolfo )

Eu queria fazer uma ou duas colocações. Eu creio que o dia de hoje, é um dia de vitória. Há um dizer popular, que nada se faz de uma hora para outra. A gente não muda a idéia, de um momento para o outro. Nós estamos iniciando um processo juntos. A gente se encontrou aqui, para iniciarmos uma caminhada. Eu acho, que nem convém, realmente, a gente iniciar correndo demais, quando as pernas ainda não ajudam. Então, eu creio assim, que esse é o primeiro aspecto. A gente acredita que as coisas mudam, mas a gente acredita que não muda de uma hora para outra, mas a gente acredita também, que é preciso gritar, para que mude, senão não muda. A gente está aqui, para iniciar alguma coisa para mudar, para a gente se desenvolver, e se a coisa veio se preparando aos poucos, eu acho que é bom a gente, também, ir caminhando aos poucos. Realmente vai sair umasíntese, agora eu acho que hoje, é um evento. O processo se faz no dia a dia. Convém não esquecer isso, este é um evento importante, mas a renovação, ela se faz no dia a dia, então é necessário a gente continuar.



78

Olha, complementando o pensamento do Adolfo,...(houve uma interrupção na colocação do senhor Santoris, pelo Maurício, ex-administrador da Casa do Índio, que estava pedindo informações sobre o nome e função do senhor Adolfo... )

Colocação de um índio twchawa:

Se me permitem falar aos meus companheiros, agora, que nós estamos aqui, porque a menina ali perguntou, e eu não conheço bem ela eu não tenho muito bem conhecimento, mas eu não sei se ela é professora, diretora, supervisora, não sei o que ela é... Então, pelo intermédio dela, o padre foi e falou uma palavra ... ele perguntando também e dizendo a mesma resposta: Que adianta de uma coisa, que nós estamos realizando, o qual nós estamos participando dessa conversa, dessa leitura, o qual foi traduzido na nossa língua portuguesa, foi escrita. Então, não vai ser dado àquelas pessoas que não sabe, que não sabe ler, que não sabe destrinchar. Então é para isso mesmo que nós estamos aqui, para realizar, contar realmente o que nós estamos sentindo. Como as diversas malocas tem alunos que não é professor. Eu não sou professor, mas eu tenho estudo, se por acaso, acontecer de vocês me escolherem para ser adotado o professor de ensino português, na língua macuxi e hapixana, eu sou um também. Então é para isso que ele lá falou, o padre falou. Não adianta também, vai ser muito, vai ser traduzida muito, ela vai ser adotada aqui. Ela perguntou se vai ser...feito, realizado, entregue aqui na cidade. Vai ser entregue e muito vai ser visto, muitos vão ver, muitos vão ler, de fato, vai ser levado em Brasília, vai ser trazido de volta, mas quando chegar aqui, vai ser traduzido, então, imediatamente, nós temos os nossos coordenadores dos índios. Nós temos o nosso coordenador do índio. Nós temos o nosso coordenador, o qual foi eleito não pela civilização, ele não foi eleito pelos brancos, ele foi eleito pelos companheiros, pelos nossos parentes, que aqui é o nosso coordenador do índio, o qual está coordenando neste momento. Então, quando for, quando chegar este livro, que é adotado, que for destrinchado, procura, como a coordenadora me falou. É assim que nós queremos. Então procura em cada maloca, quem é que sabe ler e escrever, às vezes não é professor, tem primeiro grau, mas não é professor.

\*\*\*\*\*

Eu só gostaria de colocar uma coisa: o que a professora colocou lá, foi a respeito da divulgação do documento que vai sair daqui, a respeito da divulgação do documento que vai sair daqui, sabe? A respeito do documento que vai sair daqui. Tudo aquilo que vocês pediram, se é só vocês das comunidades que vão ter acesso, que vão saber, daquilo que nós vamos mandar para o presidente da República, para o Ministério de Educação, se a sociedade de classes, se o branco, também vai ter acesso ao

79

documento. Era essa a nossa discussão, entendeu? Então, já que o senhor está aqui no microfone, o senhor poderia dar a sua opinião agora. O que o senhor acha? Que proposta, eu não sei, a nosso ver nós vamos nisso daqui, é importante que ele aconteça, não é que seja uma divulgação antes do acontecimento. Não ao seu ver, já que o senhor está aqui diante do microfone, pode fazer uma colocação.

- Ela vai ser feita, ela vai adotada. Então vai ser feito esse documento. Ela perguntou se vai ser feito, e nós vamos, vai ser feito daqui, no qual estamos neste local. Vai ser feito este documento e nós vamos ver, como ela perguntou, se nós vamos ver. Nós vamos ver sim! Então, esse documento que vai ser realizado aqui, se vai ser feito aqui, se vai sair algum documento daqui, então ela quer ver... ela quer ler... ela quer entender, mas é pouco explicado lendo. Concorde ou não concorda? Então é isso que ela queria perguntar. Ela perguntou, se não engano, três vezes. Ela queria saber se ia sair um documento daqui e se ia chegar na mão dela... Concorde comigo? Muito obrigado! Muito Obrigado meus companheiros, desculpe ter interrompido o nosso companheiro de luta.

\*\*\*\*\*

Olha, nós discutimos desde manhã, sobre a nossa língua. Eu acho que falamos sobre respeito... mas ninguém quer mais respeitar. Estavam discutindo aqui dentro da classe, sem ter mais conhecimento com nada. Então eu não estou achando isso de acordo, se vamos finalizar... ou chegar ao fim... vamos chegar no ponto seguro, que isso aí... eu acho que já estamos desacreditando do que foi debatido hoje! Então, isso aí, ficamos discutindo pessoalmente um com o outro assim, assim não dá certo! Eu quero a finalização deste final dos nossos trabalhos! Queremos chegar ao ponto, é só isso e muito Obrigado! - (essa foi a colocação do Tchawa Leto).

\*\*\*\*\*

Voltando àquele ponto colocado pelo padre Pedro: Não vamos dar um passo além das nossas possibilidades. Vamos procurar colher aquilo que nós conseguimos hoje. Nós sentimos a disposição da Secretaria de Educação. Nós sentimos o pensamento do governador na viva voz. Nós temos alguma coisa já conquistada, vamos cultivar esta planta e não deixar que ela morra. Quando ela tiver raízes profundas, que tenha condição de andar sozinha, vamos tentar fazer outra coisa, não vamos tentar ampliar, ou plantar mais árvores, do que aquilo que a gente tem condição de irrigar. Aquilo que nós queremos, foi dito hoje aqui. Está feito um documento? Não! Claro que não! Aconteceram erros? Graças a Deus aconteceu! Provando que nós somos deficientes, nós somos seres humanos. Tem material didático para oferecer? Claro que tem, vocês viram os professores, vocês viram os técnicos da MEVA, dizendo que têm trabalhos publicados para ofe-

recer. Vamos juntar esforços. Vamos nos unir e cultivar esta árvore pequena. Esse processo que se inicia, é um processo dinâmico, que precisa ser levado, inicialmente à Brasília, no dia 12. Mas isso aí não é o fim, é apenas uma parte do processo. Depois ele vai aparecer num plano de educação e quem sabe, ele vai fazer parte também da Constituinte, que vai se instalar a partir de 1.986. A educação indígena, na nossa Constituição, inexistente. Inexistente porque aquilo que falam, é uma educação para do mesticar o índio. Para ouvir o índio, para trabalhar para o branco, e aquilo que se propõe, é uma independência do índio, para ele ser índio na sua comunidade. Para ele ser gente. Como nós queremos também, sermos gente, para ele não ser mais explorado por aqueles que chegam, ou por aqueles que entendem que o índio é um ser inferior. Vamos com calma minha gente, porque as reações vão vir. Claro que tem gente que vai se ferir com isso. Tem gente que não vai gostar. Claro que vai acontecer ! Por quê ? Porque vai acabar uma série de privilégios, de uma sociedade que só viveu explorando os índios e essas forças vão reagir, e talvez até que elas tenham até muito mais força, do que aquela que a gente pensa. Outra coisa que eu queria colocar. É preciso que fique muito claro, que escola para índio, tem um conteúdo diferente. A educação para o índio, é voltada para o prazer. Não é como a escola do branco, que visa sempre o crescimento econômico, e aquela ambição normal. O índio não tem ambição. O índio vive com aquilo que ele ganha no dia. Se ele pega um peixe grande, ele vai comer aquele peixe até ele terminar de consumir; O branco não, o branco vai vender para ganhar dinheiro. O índio não tem essa ambição. Ele quer apenas sobreviver. Agora, sobreviver, não quer dizer passar fome. Sobreviver não quer dizer ser explorado pelo branco, pois ele quer sobreviver condignamente como ser humano, e é um direito que lhe assiste, e isso é que sempre foi negado para ele e essa escola o que vai trazer é isso. Essa independência de ele dizer não ao branco, porque ele tem condições de sobreviver, em igualdade com o branco.

Nós agora pedimos e convidamos a comunidade, para, a pedido da Secretária, deixar gravado algum canto, que seja religioso ou não... Que seja macuxi ou hapixana, e o Terêncio vai fazer as devidas convocações. O nosso maestro.

(Essas colocações foram feitas pelo senhor Santoris.)

\*\*\*\*\*

A apresentação dos cantos e rezas, ficaram por conta do Tschawa Terêncio:

Eu quero chamar o... Bom, agora eu quero todos em pé, porque nós estamos terminando, então vamos terminar com um canto indígena. Um canto de dança de uma festa, né ? Então esse canto, é um canto que usamos e eu já aprendi, é o que meu pai canta, pois ele ainda é vivo. Eu canto para os peixes, porque nós, sempre, amamos a natureza e amamos assim, como vocês, e fazemos como vocês, assim como tem os artistas

31

Que cantam: meu bem... tira aquelas modas, né ? Vem meu amor... tô morando ... a-  
quilo... E então a mesma coisa também do índio. Então tem o canto que chama Tukui.  
Então eu vou cantar o Tukui, o que chama Tukui, é uma dança mais averada, né ? É  
o tipo de uma marcha. Uma pisada bem forte. É um canto para os peixes.  
( Ele cantou o Tukui, é claro, em sua língua ... )

XX-X-X-XX-X-X-XX-X-X-XX-X-X-XX

O Tychawa Terêncio continua a apresentação:

Agora, depois nós temos, e dizem, segundo a minha avó, que é dos primeiros padres  
que chegaram. Já é uma oração que ela aprendeu dos primeiros, só que em macuri. É  
assim: ( Novamente ele cantou a oração em sua língua materna-macuri ).

Essa é uma oração. Quando eu digo: ( falou em língua macuri ), estou dizendo:  
Senhor Deus ! Tem piedade de nós ! - Quando eu digo: ( falou em sua língua ), é  
uma língua que eu tô dizendo; Tenha pena de mim ! É uma língua muito antiga, viu  
senhores, alguém que já estudou. É uma língua com sinônimos. Existem muitas pala-  
vras, que às vezes se encontra também. Essa é a oração que nós fazemos. Depois,  
como já entramos na vida de católico, tem uma oração, um sinal e nós também, para  
finalizar, nós fazemos assim: ( falou em sua língua o sinal da cruz ) Em nome do  
Pai, em nome do Filho, em nome do Espírito Santo. Amém ! É só isso pessoal, muito  
obrigado ! É isso que disse.

XX-X-X-XX-X-X-XX-X-X-XX-X-X-XX

Atenção ! O pessoal que vai continuar trabalhando no Museu Integrado, a gen-  
te já vai saindo, se dirigindo para lá, o pessoal que está convocado, inclusive os  
tychawas convocados.

\*\*\*\*\*

37